

**4daaa5c5691a44ce  
d1b2e28a45ebfc5a**

*Irresistível*

# Gabriela Pimenta

1

## *Capítulo 01*

Termino de pentear os cabelos e os prendo num coque bem apertado, com a intenção de que fique firme e no lugar ao longo do dia.

Passo um batom suave só para dar um pouco de cor aos lábios e finalizo a maquiagem com algumas batidinhas de pó compacto abaixo dos olhos para esconder as benditas marcas que noites mal dormidas graças às séries atrasadas e trabalhos para corrigir me trouxeram.

Analiso meu reflexo mais uma vez, só para ter certeza de que nada está fora do lugar e a roupa está impecável, e então largo tudo na penteadeira, com a promessa mental de que vou arrumar quando voltar - embora eu saiba que não vai acontecer.

Olho para o relógio na ponta da cômoda e vejo que são quase sete da manhã. Em outras palavras, quase o horário que preciso sair para não chegar atrasada no serviço...

De novo.

Impaciente como tanta enrolação, corro até a porta do banheiro e dou três belas batidas que fazem a madeira tremer, e só o que recebo como resposta é o sotaque espanhol cantarolando qualquer música que não faço ideia de quem seja.

– Pelo amor de Deus, Manuela, dá pra acelerar esse banho? – grito – Se você continuar enrolando, eu vou chegar tarde outra vez, e se eu for obrigada a ouvir aquela velha enchendo o meu saco por míseros cinco minutos de atraso, juro que vou pegar todo o conteúdo do ano e enfiar no...

– Ei, quer se acalmar? – diz, o seu 'portunhol', ao abrir a porta. Os cabelos enrolados numa toalha

– Se sairmos daqui à dez minutos, ainda vou conseguir te deixar no colégio no seu horário.

– Ahã. – debocho – Você disse a mesma coisa ontem.

– Não tenho culpa se pegamos trânsito.

– Não teríamos pego se tivéssemos saído mais cedo.

2

Manuela me encara por uns segundos, com a sobrancelha arqueada e diz:

– Sério, Clara, você precisa relaxar mais.

Como se nada estivesse acontecendo, minha amiga de casa senta tranquilamente diante a penteadeira e tira a toalha dos cabelos longos. Pega a escova e começa a passar em suas madeixas, enquanto cantarola a música de antes.

Cruzo os braços e continuo observando. Talvez seja impressão minha por estar à um passo de me encontrar atrasada, mas, ou a minha percepção do mundo está mais lenta ou ela está demorando de propósito.

*Fico com a segunda opção.*

Respiro fundo e solto o ar com toda a força que tenho. Dou-me por vencida. Sento na beirada da cama e fico olhando Manuela terminar de se arrumar. Já que vou chegar atrasada e ouvir aquela diretora encher meu saco de novo, então que se dane!

– Sabe, acho que esse uniforme de professora de escola londrina de elite está mexendo com o seu cérebro. – minha amiga diz enquanto passa rímel.

– Antes fosse essa droga de uniforme. – bufo.

– O cronograma ainda está puxado?

– Pior que isso. Os professores querem montar um programa diferenciado de estudo para os terceiros anos por conta do vestibular e isso significa que, além do cronograma, ainda terei que montar aulas adicionais para os fins de semana.

Ela balança a cabeça, observando-me pelo espelho.

– Além disso, as regras daquele lugar são tão rígidas que parece até um reformatório. Certo, certo, sei que os ingleses são extremamente pontuais e blá blá blá, mas ainda acho que é um

pouco demais.

Encaro o teto por um instante e suspiro.

– Não acredito que vou dizer isso, mas... Saudades da fuzarca brasileira.

3

– Nossa... Que vidinha você foi entrar, hein?! – caçoa – Eu disse que deveria ter se candidatado aquela vaga de professora de cursinho.

– Admito que sinto uma pontada de raiva sempre que lembro que rejeitei essa vaga, mas o salário no final do mês me lembra que, apesar de tudo, ainda vale a pena trabalhar na escola e aguentar todos aqueles professores velhos e alunos psicóticos tentando ser um melhor do que o outro.

– Acho que esse foi o maior choque que tive quando cheguei aqui em Londres, essa competição toda. Até nas minhas aulas de dança, os alunos tentam ser superiores aos outros. Isso é muito assustador.

– Se você lecionasse num verdadeiro colégio, acho que teria um treco. – dou risada – A competição é feia lá, principalmente, porquê são todos de famílias ricas. Ou seja...

– Sinceramente, como você aguenta isso?

– Já disse, o dinheiro supera tudo. T.u.d.o!

Rimos.

– E aquele aluno do terceiro ano, o gênio? Continua te enchendo de perguntas e debochando da sua cara durante as aulas?

– Aaaahh... Nem me lembre. – caio de costas no colchão com os braços esticados – Aquele garoto chato continua tentando ser o rei da cocada preta e vive me azucrinando, tanto que às vezes eu tenho vontade de arremessar o apagador bem no meio da testa dele. Honestamente, não sei quem é pior, ele ou a diretora.

– Ser o rei do quê?

– Da cocada preta. – me apoio nos cotovelos para vê-la – Significa que ele é muito convencido,

se acha o tal.

- Aaahhh...

– Eu pensei que já tinha se acostumado com as expressões brasileiras, Manu.

– Você ainda se confunde com as espanholas, então, não enche.

4

Manu mostra o dedo do meio através do espelho e eu rio. Ora essa, quem deveria estar mostrando o dedo do meio sou eu e não essa doida.

Continuamos conversando coisas bobas enquanto ela termina de se arrumar e, como de praxe, saímos cinco minutos antes de estarmos em cima da hora.

Manu tira seu Hyundai i15 verde da garagem e eu tomo o assento do passageiro para dispararmos rua à fora, o que minha amiga faz em menos de três minutos, 'cantando' pneu numa área residencial onde é proibida a velocidade acima de trinta quilômetros por hora. E onde já levou duas multas exatamente por esta razão.

Paramos no Starbucks da avenida principal e compramos dois cafés e alguns bolinhos para comer durante o caminho, já que saímos sem comer absolutamente nada. Manuela logo põe uma música para animar e nossa rotineira combinação de velocidade, comida e canções cantadas à plenos pulmões dão início a mais um dia da semana.

Após quinze minutos, minha amiga estaciona em frente ao portão do colégio e - milagrosamente - percebo que não estou atrasada. Despeço-me, lhe dando um beijo estalado na bochecha e saio do carro, ajeitando a saia lápis e a bolsa no ombro.

– Venho te buscar? – ela pergunta.

– Não precisa. Terei reunião e vou sair mais tarde.

– Então, vou fazer o jantar.

– Pelo amor de Deus, Manuela, me diga que esse fazer é comprar...

– Lógico! – gargalha – À não ser que você queira um dia de folga amanhã por ter comido a

minha gororoba.

– Estou bem do jeito que estou.

– Ok. – sorri – Será frango ao molho e cerveja, está bem?!

– Perfeito.

– Bye, bye. – fala debochado e eu reviro os olhos.

5

Manu acena pela última vez e sai 'cantando' pneu outra vez. Sorte que os alunos ainda não chegaram ou certeza que seria mais uma multa para o seu histórico.

Reúno todo o ar que posso e giro nos calcanhares para finalmente entrar na escola. Cumprimento o porteiro com uma breve reverência e um sorriso, e continuo meu trajeto. Ao entrar, vou direto para a sala dos professores no final do corredor e suspiro ao perceber que sou a última a chegar - como sempre - embora o horário de entrada dos professores sequer tenha batido e eu não tenha me atrasado.

– Bom dia. – digo respeitosamente.

– Bom dia, professora Clara. – cada um fala.

Me dirijo até a mesa que compartilho com mais uma professora e deixo a bolsa no pequeno armário de baixo. Sento-me e começo a verificar o horário das aulas de hoje, mas, como um fantasma, a diretora surge ao meu lado e sou obrigada a levantar.

– Bom dia, diretora Charlotte.

– Bom dia, Clara. Vejo que chegou no horário hoje.

– Ah, sim.

– De qualquer forma, peço que tente chegar mais cedo. Sabe que há muito o que ser feito antes das aulas começarem e não é nada bom fazer tudo às pressas.

– Entendi, diretora. Me desculpe. Tentarei chegar mais cedo nos próximos dias.

Sem sequer responder, vira em seus saltos e me deixa para trás. Sento outra vez e contengo o

impulso de agarrar a velha pelos cabelos e mandá-la à merda. Respiro fundo uma... Duas... Três...

Incontáveis vezes e volto ao que fazia.

*Deus, como é irritante!*

Tirando o professor de matemática que tem quase a minha idade, eu sou a mais nova aqui, e ser a professora num corpo docente formado apenas por velhos é um saco.

6

Essa coisa de hierarquia e respeito aos mais experientes as vezes é muito revoltante e essa é uma delas. Ter que abaixar a cabeça e ficar calado mesmo quando se tem razão é muito comum por aqui e, mesmo que eu dependa desse emprego e respeite a cultura do país, admito que em certos momentos tenho vontade de mandar um grande foda-se.

Um pouco mais calma, leio o cronograma que preciso passar para as salas e como se já não bastasse ter levado uma "bronca" da diretora presunçosa, acabo de descobrir que a primeira aula é justamente na sala daquele garoto insuportável, só para alegrar ainda mais o meu dia.

*Perfeito...!*

Sinceramente, eu não sei qual é o problema desse garoto. Sempre arrogante e cheio de si, mesmo tendo apenas dezoito anos e sendo o "aluno de ouro" do último ano, é um verdadeiro palerma juvenil.

No começo, eu tentei relevar, tentei ser legal, mas a cada dia que passa e ele tem se tornado meu tormento. Está mais do que óbvio que seu objetivo é me provocar, mas, talvez por infantilidade minha ou meu maldito senso de competição, acabo revidando e já perdi as contas de quantas aulas viraram debates porquê nenhum de nós conseguia parar de falar e nem dar o braço a torcer.

*Onde está o respeito a hierarquia quando se precisa dele?*

– Preparada para mais um dia? – a voz de Jackson, o professor de matemática, me tira dos pensamentos.

– Ah, bom dia. – sorriso – Acho que sim.

– Pegou muitas aulas hoje?

– Todos os terceiros e uma reunião a tarde. E você?

– Os segundos e uma orientação.

– Pelo jeito estamos bem atarefados.

– Pois é. – dá de ombros.

7

O sinal da entrada toca e o alvoroço começa. De longe, é possível ouvir os milhares de passos dos alunos subindo para as salas de aula.

Pego todos os materiais que irei precisar e as listas de chamada. Como de costume, esperamos cinco minutos até o sinal tocar de novo e só então saímos, cada qual para a turma que foi designado no horário.

O andar dos terceiros anos é o último, por isso sou obrigada a subir três lances de escadas me equilibrando num salto relativamente fino para chegar as salas onde darei aula.

Na companhia de Jackson, subo as escadas e no segundo andar nos despedimos. Os corredores estão vazios à não ser pelos professores, mas o som estridente das vozes dos alunos é alto, isso porquê estamos numa escola de elite e o que mais prezam aqui é a boa educação. Mas, convenhamos, sejam ricos ou pobres, continuam sendo adolescentes e a última coisa que irão fazer é ficarem quietos.

Seria sorte demais se acontecesse e professores não são sortudos assim.

Arrasto a porta do 3-A e sou recepcionada por alunos conversando sobre as mesas e jogados nas cadeiras. Meu olhar vaga por uns segundos no meio da bagunça e se detêm na figura sorridente no fundo da sala, junto aos seus amigos, e a qual parece perceber minha presença antes de todos os outros e me direciona seu conhecido sorriso de coelho.

– Bom dia, classe! – digo.

Caminho para a minha mesa e aos poucos os alunos vão tomando seus lugares. Coloco os

materiais sobre a mesa e espero que se organizem para darmos início a aula, o que leva uns minutinhos à mais. Assim que todos estão devidamente sentados, pego o livro que estudamos na aula passada e me coloco diante o quadro negro.

– Abram os livros na página cinquenta e sete. Vamos continuar de onde paramos.

Ouçó o barulho das folhas sendo viradas e sorrateiramente ergo o meu olhar do livro e foco na cabeleira escura na penúltima mesa da fileira do meio. Seu sorriso zombeteiro me recepciona e inevitavelmente acabo sorrindo também.

8

Lá vamos nós para mais um debate, John Berryann?!

9

## ***Capítulo 02***

De forma rápida, escrevo o título e a página na qual paramos para que os alunos se situem, e volto a ficar de frente para a classe. Com o livro em mãos, aguardo até que todos estejam prontos e então começo a falar:

– Na aula passada lemos alguns trechos de *Ilíadas*, o poema de Homero, e discutimos alguns pontos de vista sobre o texto, certo?! Então hoje, nós faremos uma análise literária da obra e...

– Já estou prevendo a guerra.

Ouçó alguém falar ao fundo, seguido por risinhos e cochichos. Busco com o olhar e lá está.

Como sempre, Andrew Lee. Um dos engraçadinhos da turma.

– Disse alguma coisa, senhor Lee? – chamo sua atenção.

– Nada, professora Clara.

– Tem certeza? Se estiver com muita vontade de falar, te ponho aqui na frente para fazer e ditar toda a análise. O que acha?

– Acho que eu estou muito bem aqui no meu lugar, professora. – sorri.

Já ouvi algumas meninas comentando pelos corredores como o seu característico 'sorriso

quadrado' é bonito e fofo. Mas esse garoto não me engana. De fofo, esse sorriso não tem absolutamente nada.

– Então, fique quieto. Antes que eu mude de ideia.

– Pode deixar.

Andrew passa os dedos sobre os lábios, como se estivesse fechando um zíper, e levanta as mãos em rendição. Reviro os olhos e foco a minha atenção no livro.

10

– Como eu dizia, faremos a análise literária da obra, principalmente sobre a questão do mito, e depois passarei uma atividade. Nada muito complicado, mas que valerá ponto. Então é bom prestarem atenção.

Um burburinho começa a tomar conta da sala e eu já sei bem o porquê. Vejo Matthew Ulric - o engraçadinho número dois da sala - erguer a mão e me adianto em dizer antes que pergunte:

– Sim. Pode ser feito em dupla, no máximo trio. E quero na minha mesa até o final da próxima semana. Entendidos?!

Todos assentem e continuo a explicação.

– Como já devem saber, uma análise literária pode ter várias visões, uma vez que cada um tem uma interpretação diferente do texto. Estou dizendo isso antes que algum aluno me questione e eu sei que fará... – fixo meu olhar em John e ele ergue uma sobrancelha, visivelmente desinteressado – Porquê iremos fazer a análise seguindo o livro didático. Ou seja, é apenas mais uma versão.

Mantenho meu olhar sobre garoto e ele o retribui. Ficamos alguns segundos nos encarando e, subitamente, ele passa a língua sobre os lábios para umedecê-los e sorri, com tamanha cara de pau que nem sei explicar. Está me testando, molequinho irritante?! Se sim, vai ter que aguentar as consequências disso depois. Ah, vai.

Ignoro totalmente o 'Coelho Boy' (apelido "carinhoso" que dei a minha perturbação juvenil por

seus dentes da frente serem um pouco salientes, lembrando um coelho) no fundo da sala e dou início ao debate. Vou ditando e explicando a análise que há no livro e os alunos me acompanham, dando suas opiniões e fazendo perguntas.

Tudo parece correr bem durante alguns minutos, tão tranquilo que estava começando a me intrigar, mas John Berryann... Sempre John Berryann... Repentinamente levanta a mão e dá o ar da graça na discussão assim que entramos na questão do mito. Respiro fundo e permito que fale.

– Eu não concordo com essa visão do mito que o livro propõe. – diz.

*"Que novidade"*, penso.

11

Sua expressão é apática e o movimento que faz para girar a caneta de forma presunçosa me tira do sério. Ele faz isso todas as vezes que me questiona.

Respiro fundo mais uma vez e permito que fale.

– Eu concordo com a visão de Carl Jung, onde ele sugere que estes símbolos são tudo o que formam a identidade cultural. As crenças, os costumes, as leis, etc. E dentre estes símbolos, os mitos têm lugar de destaque devido à profundidade e abrangência com que funcionam no processo de formação da Consciência Coletiva.

Reparo que se ajeita na cadeira, inclinando-se para trás e seu olhar vem direito ao meu. E mais uma vez, nos encaramos atentamente. Ele continua:

– O que ele quis dizer e que eu concordo plenamente é que os mitos, além de gerarem padrões de comportamento humano, permanecem através da história como marcos referenciais através dos quais a Consciência pode voltar às suas raízes para se revigorar. Em outras palavras, são eles que nos fazem viver mais criativamente.

Um pouco espantada com sua resposta, permaneço o encarando e um risinho vitorioso logo surge em seus lábios e me acorda para a realidade.

– Huh... Muito interessante sua opinião sobre o tema, senhor Berryann.

*"Embora eu não tenha lhe perguntado nada", penso outra vez.*

Com todo o seu ar superior nerd, John volta a girar a caneta entre os dedos e umedece os lábios passando a ponta da língua, fazendo-me soltar o ar com força. Se esse pirralho soubesse que estou há um passo de esganá-lo, não faria isso.

– A senhora não concorda que é uma resposta mais profunda do que a do livro?

– Não. Eu não concordo. Embora sua resposta seja realmente profunda e eu compartilhe que Jung fez uma análise fantástica sobre a questão do mito, ainda defendo que todas as visões estão certas, independente da profundidade que tenha. Afinal, nem todos somos gênios como Carl Jung ou você, não é mesmo?!

– O que diz não soa um pouco ridículo?! – retruca, com o cenho franzido.

12

– O que diz não soa um pouco presunçoso?!

Nos enfrentamos como autênticos rivais. Cruzo os braços e John morde o lábio com força, ambos mantendo o olhar fixo um ao outro, como se brigássemos mentalmente.

No entanto e como sempre, a briga interna logo se exterioriza e somos dois debatendo em frente a sala todas as visões possíveis, existentes e inexistentes em relação a questão do mito. Homero ficaria orgulhoso.

O sinal do fim da aula toca e encerra a nossa discussão. Os outros lados que até agora assistiam o nosso debate começam a se preparar para a próxima aula e eu vou até a minha mesa guardar os materiais que larguei jogados.

– Alunos, ainda essa semana, pedirei para que o representante de classe entregue as instruções do que quero para a atividade.

Chamo o ruivinho com a mão e ele se aproxima num instante.

– Lawford, eu preciso que passe amanhã de manhã na sala dos professores para pegar as folhas, está bem?!

– Tudo bem, professora Clara. Que horas?

– Se puder chegar um pouco antes do sinal de entrada, eu agradeço.

– Sem problemas.

Ele sorri, fazendo seus olhos se tornarem em dois risquinhos, e eu o retribuo.

Despeço-me de todos e analiso uma última vez John, agora sentado desleixadamente na cadeira, apoiando as pernas longas e grossas demais para alguém da sua idade sobre a perna do amigo ao lado, Sebastian Wylie.

Balanço a cabeça negativamente e sigo para a próxima sala. Eu quero esganar esse garoto. Ah, como eu quero. Mas, infelizmente, a ética professora-aluno e o fator crime não me permitem.

Então, me contento apenas em xingá-lo mentalmente.

13

O dia passa rápido. Entre atividades, explicações e algumas correções, o sinal do final do período toca e sinto-me livre para despreguiçar assim que todos os alunos saem da sala e me deixam sozinha.

Sem muita pressa, organizo o meu material para colocá-lo nas pastas, mas uma voz repentinamente chama a minha atenção. Viro para a porta e encontro Jackson encostado no batente, segurando sua bolsa.

– Vai almoçar? – pergunta.

– Sim. Preciso ir logo, pois terei reunião agora à tarde.

– Vamos juntos?

– Claro. – sorrio.

Jackson é o mais próximo de um amigo que eu tenho por aqui. Talvez por sermos quase da mesma idade, nos damos muito bem e, vez ou outra, saímos para comer ou beber alguma coisa depois do expediente.

Ele é engraçado e, admito, muito bonito. Até me surpreendi a primeira vez que o vi. Cabelos

loiros, alto e um corpo malhado. Nem de longe se diz que ele é apenas um professor de matemática.

Descemos as escadas juntos e ele cumprimenta alguns alunos parados no corredor. Posso ouvir as meninas soltando suspiros enquanto passamos e, bem, eu entendo perfeitamente o porquê.

Jackson é realmente bonito.

– O que gostaria de comer? – indaga.

– Sinceramente, eu não faço muita questão de escolher. Sendo comida, está bom para mim.

Ele sorri e concorda.

– O mesmo vale para mim.

– O que acha de irmos aquele restaurante da esquina? – pergunto.

14

– É um bom lugar.

Decididos, vamos para a sala dos professores e pegamos nossas bolsas. Sob o olhar inquisitivo da diretora que, pode enganar qualquer um, mas posso notar que lança umas investidas para o professor ao meu lado.

Bom, Charlotte não é velha, deve ter uns quarenta ou cinquenta anos, mas é bastante conservada para a sua idade. Sei que outros professores mais velhos são loucos para sair com ela, mas a diretora só tem olhos para o "novinho".

Ao sairmos para o pátio, somos obrigados a desviar de alguns alunos que praticamente correm em direção a saída. Conversamos animadamente sobre qualquer coisa, mas a figura de John no portão tira-me o foco.

Encaro-o encostado no muro, conversando de forma "amigável" com uma menina que parece ser do segundo ano, creio eu. Nós nos observamos rapidamente e eu não me contenho e lhe faço uma careta irritada. Percebo que minha atitude o deixou surpreso, mas em segundos cai na risada.

Viro-me, sem demonstrar qualquer reação e sigo com Jackson para o restaurante da esquina.

Entramos no estabelecimento e sentamos na mesa próxima ao balcão. Uma garçonete logo surge para atender os nossos pedidos e enquanto esperamos, ele conta como foi as aulas com os segundos anos.

– E como foram as suas aulas? O Berryann pegou no seu pé outra vez?

– Faltei voar no pescoço daquele moleque.

Jackson solta uma risada e eu o acompanho.

– Quem te vê, não pensa que é tão violenta assim.

– Bem, eu não sou. Sou reclamona, isso é diferente. Mas John Berryann realmente me tira do sério como ninguém.

– Ele é um garoto muito inteligente, o número um do terceiro ano, é normal que seja um pouco arrogante. Vamos lá, todos ali são afinal.

15

– Mas ele ultrapassa a barreira do aceitável.

– John é muito incentivado e cobrado para que continue sendo o melhor. Acho que tudo isso subiu a cabeça dele.

– Devo tirar a arrogância na base do tapa, então?!

Jackson ri novamente e nega com a cabeça. Nossos pedidos chegam.

– Então não sei o que fazer. – digo.

– Só tenha paciência.

– Se eu tiver um pouco mais de paciência, serei considerada Buda. Acredite.

Aos risos, comemos nossas refeições e trocamos os assuntos da escola por outros mais casuais.

Assim que terminamos e saímos do restaurante, paramos para tomar um sorvete e só então voltamos para a escola.

Nos despedimos próximo a sala dos professores. Jackson vai para a sua orientação e eu vou para a reunião pedagógica.

Entro na sala e reparo que todos os professores já chegaram e, obviamente, ganho um olhar repreensor da diretora por ter sido a última a chegar. Me sento na cadeira de sempre e a reunião não demora a começar.

Como de costume, falamos apenas de burocracias e muitas outras coisas que sequer fazem sentido. Finjo estar anotando o que a diretora diz e aproveito para ficar rabiscando traços aleatórios na folha e repensar o que devo comprar no mercado depois que sair daqui.

Minutos se vão e finalmente entramos nos assuntos sérios. Charlotte começa a falar sobre o programa de vestibular dos terceiros anos e sobre o cronograma que podemos aplicar, baseados no que a maioria das boas universidades pedem. E também toca no assunto sobre os professores responsável sobre cada sala e suas questões.

– Tem alguns professores que não estão aqui, mas já fizemos a separação dos responsáveis de cada classe. – diz, levantando e fazendo o som do salto ecoar.

16

Ela vai até o armário e pega uma pasta. Volta a sentar.

– Como o programa de vestibular será ministrado por alguns professores, achei melhor que fossem os responsáveis.

Ok, eu sou uma das professoras que vai ministrar o tal projeto. Isso quer dizer que, além do trabalho extra dessas aulas, eu ainda terei que lidar com os problemas que houverem na sala que eu ficar como responsável?! Pois é, só falta o grilhão.

– Eu vou citar os nomes e as turmas, certo?!

Todos na mesa ficam quietos e ela começa a falar. Não sei porquê, mas um nervosismo estranho toma conta de mim e tudo o que eu consigo pensar é: "*não seja p 3-A, não seja o 3-A, não seja o 3-A*".

– Clara.

– Sim?!

– Você ficará com o... Terceiro A. Ok?!

Ficou aturdida por uns segundos. Por que o universo me odeia tanto assim?

– Clara?!

– Ah, sim. Terceiro A, certo?!

Ela prossegue lendo a lista e eu me afundo minimamente na cadeira, respirando fundo.

Responsável pelo terceiro A, sério mesmo?!

Respiro fundo uma e outra vez, tentando aceitar minha sina. Pois bem, já que não tem outra escapatória, eu serei a droga da responsável.

17

### ***Capítulo 03***

Suspiro pela terceira vez enquanto levo a xícara aos lábios e ouço Manuela caçoar da minha falta de sorte. Pois é, eu deveria ter ficado de boca calada.

Mas não, eu tive que contar à ela e desde que ficou sabendo da fatídica notícia de que serei a responsável do Terceiro A, justo a sala do garoto que eu mais detesto naquela escola, minha amiga não para de encher o meu saco com piadinhas de mau gosto.

No fundo, eu sei que ela me odeia. Eu sei.

– O universo é engraçado, não é?! – diz, sentando-se ao meu lado.

– Ele até pode ser, você eu já não tenho certeza...

– Aaahh, mulher azeda! – dá-me um tapinha no ombro – Eu não tenho culpa da sua falta de sorte, só estou me aproveitando da situação para rir um pouco.

Encaro minha amiga de canto de olho e solto um suspiro derrotado.

– É karma. Não tem outra explicação.

– Você deve ter sido uma péssima pessoa na sua vida passada.

– Nossa... – rio soprado – Eu devo ter jogado pedra na cruz, mesmo.

– Acho que sua última vida passada foi um "pouquinho" depois da época de Cristo.

– Ok, eu devo ter jogado pedra em um cachorro então, ou num velhinho. Talvez dado início a Segunda Guerra Mundial?! Sei lá...

– Velhinho não, velhinhA. Por que você provavelmente deve ter jogado a pedra na vida passada da diretora da sua escola e isso explicaria o fato de ela ter escolhido logo você para ficar como responsável pelo tal Terceiro A. – ri e morde um pedaço do biscoito de chocolate – Ou, se foi o caso da guerra, com certeza ela é um inimigo abatido que quer vingança. Imagina só, uma rixa que será levada por várias reencarnações se não for resolvida?!

18

Volto a encarar Manuela por mais alguns segundos e termino o meu café num gole.

– Sérió Manu, pare de assistir séries. Elas estão mexendo com a sua cabeça.

– Ei! Deixe minha queridas séries fora disso, entendeu?! Se estou ficando louca com teorias da conspiração e reencarnações, a culpa não é delas.

Rio alto com sua fala e expressão contrariada. Levanto, coloco as louças sujas dentro da pia e saio em direção ao quarto, sendo prontamente seguida por minha amiga.

Manuela continua falando e falando no meu ouvido, e eu apenas concordo e sorrio ao ouvi-la defender tão assiduamente suas séries. Pelo menos ela esqueceu completamente de continuar me azucrinando com a história de eu ser responsável.

Termino de me arrumar e logo estamos no carro, saindo para mais um dia de trabalho e, milagrosamente, mais cedo do que de costume. A rotina é a mesma. Velocidade, comida e canções cantadas à plenos pulmões. E, claro, Manuela tagarelando como as aulas no estúdio de dança estão animadas e que daqui a dois meses haverá um concurso regional entre grupos. O qual me fez prometer antecipadamente de ir.

Despeço-me da minha querida amiga assim que estaciona em frente ao portão da escola e saio carregando as minhas tralhas. Dou um último aceno e lhe jogo um beijo. Ela sorri e afunda o pé no acelerador, disparando pela avenida.

Sei que esse é o seu modo de dirigir e até estou acostumada com ele, mas, no fundo, tenho que admitir que ficou um pouco receosa toda vez que vejo minha amiga sair apressada com o carro desse jeito.

– Oh! Clara! – olho para o lado e vejo Jackson se aproximando – Bom dia!

– Bom dia! – sorrio.

– Nossa, chegou bem cedo hoje.

– Pois é. – dou de ombros.

– Acho que a diretora vai cair para trás quando te ver aqui tão cedo.

19

– Ei! Você fala como se eu fosse uma irresponsável que chega atrasada todos os dias.

– Estou brincando. – sorri – Vamos entrar?

Consinto e entramos na escola lado a lado. Cumprimentamos o porteiro e seguimos para a sala dos professores conversando animadamente sobre qualquer assunto banal. Jackson conta-me o que aconteceu na orientação que conduziu ontem e eu rio com as expressões estranhas e engraçadas que faz.

No entanto, o meu sorriso desaparece assim que ele abre a porta e deparo com John Berryann parado ao lado da mesa do professor de história, aparentemente ouvindo algum sermão ou seja lá. O pirralho ergue o olhar e nos encaramos por uns segundos. Surpreende-me encontrá-lo esse horário aqui na escola, não pensei que chegasse tão cedo. Porém, o que mais me impressiona são as marcas claras debaixo dos seus olhos, claramente demonstrando que não dormiu direito a noite passada.

Será que foi para alguma balada ainda que seja o meio da semana? Bom, levando em consideração que esses filhinhos de papai fazem tudo o que lhes dão na telha, não duvido muito.

Ele alterna seu olhar entre mim e Jackson ainda parado ao meu lado, mas logo volta a dar atenção para o professor de cabelos grisalhos que não parou de falar um segundo sequer. Dou de

ombros e vou para a minha mesa.

Arrumo tudo como sempre faço de manhã e pego as pastas para verificar os horários. Quer dizer, ao menos é o que tento fazer, pois ao sentar e pegar os papéis para começar a lê-los, instintivamente o meu olhar vai para o "aluno de ouro" postado à alguns passos de onde estou. John tem uma expressão séria e levemente cansada, mas percebo como seus olhos - mesmo que sorrateiramente - se reviram todas as vezes que o professor não está atento. Sorrio com a tamanha cara de pau do garoto.

Ao que parece, o aluno número um do terceiro ano não é tão respeitoso assim com os outros professores também.

20

Balanço a cabeça negativamente e devolvo minha atenção ao cronograma. Por alguns minutos, me ocupo verificando os horários e os conteúdos das aulas, isso até uma mão pousar sobre o meu ombro e tirar o meu foco de repente.

– Professora Clara?!

Levanto a cabeça e encontro Jimmy Lawford ao meu lado.

– Oh, bom dia Jimmy!

– Bom dia! – sorri – Vim buscar os papéis das atividades que me pediu ontem.

– Ah, sim. Só um momento.

Levanto para ir até o armário e só então reparo que John não está mais aqui. Quando será que saiu? Dou de ombros, não é do meu interesse de qualquer forma.

Pego as folhas com as atividades que imprimi ontem antes de ir embora e entrego a Jimmy.

– Distribua para a classe, está bem?!

– Pode deixar, professora.

Dando-me um de seus sorrisos com os olhinhos fechados, vira-se para sair da sala bem no instante em que o sinal toca e anuncia que as aulas irão começar. No entanto, antes que abra a

porta, eu o detenho.

– O que foi? – pergunta.

– Avise os alunos que antes do intervalo terminar, irei até a sala de vocês. Preciso fazer um comunicado importante.

– Tudo bem.

Nos despedimos e ele finalmente sai. Pego meus materiais e vou em seguida para o terceiro andar, mais especificamente para o Terceiro B.

21

Assim como todas as salas e seguindo o mesmo script de todos os dias, encontro os alunos conversando dispersos e sentados sobre as mesas, dou-lhes bom dia e espero que se organizem para então darmos início a aula.

– Abram na página cinquenta e dois, por favor. – digo.

O som dos livros sendo abertos e páginas sendo viradas tomam conta da sala e em questão de minutos os alunos estão relendo os trechos nos quais paramos a aula passada enquanto escrevo algumas questões no quadro negro para que respondam depois.

– Assim que terminarem de ler, copiem essas...

Sou interrompida por baques na porta, olho para o lado e vejo Lowell Carter e Austin Yule entrando. Lowell com seu típico semblante preguiçoso e Austin com as bochechas coradas, provavelmente com vergonha por ter acabado de chegar.

– Atrasados de novo. – suspiro.

Estendo a mão e os garotos entregam as autorizações dadas na secretaria. Confiro para ter certeza de que está tudo certo e indico com a cabeça para que tomem seus assentos.

– Página cinquenta e dois. Leiam os trechos que paramos na aula passada e respondam as questões que coloquei na lousa.

Os dois assentem e vão para seus respectivos lugares.

Sento em minha mesa e fico observando os alunos compenetrados nos exercícios, mas meus olhos rapidamente recaem sobre os dois que - outra vez - chegaram atrasados.

Loewll, apesar de preguiçoso, é muito inteligente e por isso não consigo entender porquê negligencia tanto seus estudos, tanto que repetiu o ano passado e está refazendo o terceiro.

Já Austin é um aluno exemplar e também representante do Terceiro B. Ele nunca foi de se atrasar, mas pelo o que dizem os outros professores, parece que os pais do garoto estão em processo de divórcio e as coisas não estão muito boas na casa dele.

22

Isso me entristece, pois consigo notar como está abalado com toda a situação e, bem, o mínimo que posso fazer é respeitar e relevar seus atrasos.

Entre correções de exercícios e algumas dúvidas sanadas, e depois de trocar duas vezes de sala, o período se vai e o sinal toca anunciando o intervalo.

Pego minhas coisas e desço para a sala dos professores seguida dos alunos que descem para o refeitório. Como o intervalo dura em média trinta minutos, tenho tempo de tomar um café antes de subir até o Terceiro A para - infelizmente - comunicar que serei a responsável pela classe à partir de hoje.

Assim que desço, encontro Jackson saindo da sala dos professores e peço que me espere para irmos juntos a cafeteria da escola tomar algo.

Depois de dois copos de café e muitas palavras jogadas fora, decido subir para o terceiro e esperar que os alunos cheguem aos poucos, assim não atrapalho a aula do próximo professor e nem a minha.

Subo as escadas acompanhada do silêncio que a falta dos alunos proporciona e rio sozinha ao pensar o quão diferente uma escola pode parecer em um único dia. Equilibrando-me no salto fino que peguei emprestado com Manuela, viro o corredor dos terceiros anos e caminho despreocupada por não haver uma alma viva no andar.

Quer dizer, isso até eu escutar som estranho ecoando no vazio. Paro e tento reconhecer de onde vem este ruído, que aos poucos fica mais e mais familiar aos meus ouvidos, e que reconheço vir da sala do Terceiro A.

*Gemidos?! É isso mesmo?!*

Tem mesmo alguém fazendo isso aqui na escola e ainda mais nesse horário?!

Devagar, me aproximo da porta e ao me esticar para espreitar através do pequeno vidro, quase caí para trás ao ver John Berryann bombeando com força contra a mesma menina que estava no dia anterior. Minha garganta seca, meu coração dispara.

23

Com os olhos mais do que arregalados, observo-o ajeitar a perna da garota sobre a mesa para deixá-la mais aberta, tira a calcinha deixando-a cair no chão, e volta a meter com uma intensidade que, estranhamente, começa a me tirar o fôlego.

De onde estou e na posição que está, consigo ver perfeitamente o seu corpo. Sinto um arrepio ao vislumbrar suas coxas firmes se contraindo dentro da calça colada do uniforme com o movimento, o modo como suas mãos grandes seguram os cabelos e a perna da menina, assim como morde os lábios para - talvez - reprimir os próprios gemidos.

No entanto, o que realmente chama a minha atenção é o belo instrumento que tem entre as pernas e parece satisfazer muito a garota ali empinada e gemendo tão alto sem se preocupar com quem possa ouvir.

Duro, grosso e longo, esta é a visão que meus olhos ainda arregalados têm do pênis do garoto que mais odeio e que agora causa estranhas sensações por todo o meu corpo.

*Ele tem mesmo dezoito anos?! Porque não é possível...*

Suando frio, vejo-o pegar a menina com certa rudeza e ajeitá-la no colo, dando-me a visão perfeita do seu pau enfiando-se por completo nela, com força, sem piedade. Engulo em seco.

John aperta os braços ao redor da cintura dela e a move como uma boneca contra si, indo mais

fundo do que consigo imaginar, e em segundos os gemidos que tanto segurou começam a preencher o ambiente da mesma forma como os da garota, mas tudo o que consigo ouvir é a voz grave do garoto me atingir em cheio e piorar a sensação bizarra que sobe por minhas pernas e para onde não deve.

Eles se beijam e um abraço mais forte, seguido por um suspiro rouco e um mais fino, me dá a certeza de que gozaram. Continuo observando enquanto trocam mais alguns beijos e súbito o sinal toca indicando o final do intervalo e quase, por um triz, me levando a um ataque cardíaco pelo susto.

Volto a realidade e respiro fundo. Ajeito-me nervosamente, tentando fazer o calor maldito passar, mas é impossível. Está tudo tão fresco na minha cabeça que temo não ser capaz de esquecer a cena que presenciei por muito tempo.

24

Então, apenas faço o que meu corpo me permite no momento: corro. Nervosa, saio em disparada pelo corredor e desço as escadas num velocidade sobre-humana, lutando contra o tesão que o garoto de dezoito anos que detesto me causou.

25

## ***Capítulo 04***

Um... Dois... Três... Quatro copos cheios de água vão goela abaixo e nada desse calor estranho passar. Me sinto nervosa, muito nervosa. E tudo porquê sequer me passou pela cabeça que um dia pegaria John Berryann fazendo esse tipo de coisa, ainda mais na escola, e muito menos que presenciar tal cena me afetaria tanto.

O que era aquele corpo? Aquela voz? Aquela força? Só de lembrar, eu...

*Louca. Eu só posso estar ficando louca.*

Deus, ele é apenas um garoto de dezoito anos. O mesmo garoto que vive me importunando e não perde a oportunidade de começar uma discussão quando lhe convém somente para sentir-se o

melhor.

O queridinho dos professores, o "aluno de ouro" do terceiro ano, que ri das piadas de seus colegas enquanto as aulas não começam e parece saber a hora exata em que entro na sala todas as vezes.

*Isso que ele é. Esse garoto.*

O mesmo garoto que dá de dez à zero em muito homem feito por aí.

– Pelo amor, Clara, tome vergonha na cara - repreendo a mim mesma.

Respiro fundo, balançando a cabeça para espantar esses pensamentos. O segundo sinal já tocou e eu ao menos organizei o material para subir e dar a próxima aula.

*Merda!*

Esse episódio envolvendo John realmente me abalou e de uma forma que não gosto nem um pouco.

– Professora Clara, o que ainda está fazendo aqui?

26

A voz da diretora tira-me dos devaneios e sou obrigada a respirar fundo antes de virar e então deparar com sua expressão nada satisfeita. E, bem, agora ela tem razão em ficar irritada e eu não posso ser indiferente a isso.

– Desculpe-me, diretora Charlotte. Não estava me sentindo muito bem. – minto descaradamente, embora essa evasiva já esteja muito batida.

– Huh, é mesmo?!

– Sim. Mas agora estou melhor.

Sem dar chance para que comece mais um de seus discursos de boa conduta, pego meus pertences e saio rapidamente da sala dos professores, largando a megera para trás e prestes a falar sozinha.

Subo as escadas para o andar dos terceiros anos às pressas, torcendo para que o salto não se parta

no processo, e entro na sala do Terceiro C de supetão, interrompendo a alegria dos alunos que provavelmente pensaram que não teriam essa aula.

Ajeito os materiais sobre a mesa e logo dou início a lição, tudo para ocupar a mente e afastar ainda mais aquela bendita cena. O que, por incrível que pareça, acaba funcionando. Ao longo dos cinquenta minutos de aula, concentro-me em passar o conteúdo para os alunos e corrigir com eles o exercício em dupla que propus.

No entanto, assim que o sinal toca anunciando o fim do período, o cronograma aberto sobre as outras pastas me faz o favor de lembrar que as últimas duas aulas serão justamente na sala do palerma que peguei transando na hora do intervalo.

*Ó-T-I-M-O.*

– Por favor, lembrem-se que o trabalho referente ao livro *Ilíadas* de Homero é para o final da próxima semana e eu não vou tolerar atrasos, ok?!

Todos assentem e então saio da sala, rumo a segunda porta do corredor. À passos vagarosos, percorro o que agora parece ser um caminho longo demais e minha respiração trava no instante em que levo a mão até a maçaneta para puxá-la.

27

– Não posso deixar que isso me afete. Não posso.

Como um mantra, repito essa frase dentro da minha cabeça por vezes que mal consigo contar e só então movo a porta para enfim entrar na sala, onde sou recepcionada pela bagunça de sempre.

No entanto, assim que os olhos do garoto sentado na penúltima mesa da fileira do meio recaem sobre mim, mais profundos do que estou acostumada, o meu coração dispara e as imagens do que flagrei no intervalo despencam como pedras sobre a minha cabeça. Tão vívidas que ainda sou capaz de ouvir claramente o suspiro áspero e forte que deixou sua garganta no momento em que gozou.

Sustento seu olhar o tanto que posso e desvio quase que imediatamente quando aquele calor

estranho ameaça tomar conta de mim outra vez.

Porra! Por que ele parece mais másculo do que antes?

Vou apressada para a minha mesa e despejo meus pertences sobre ela, pego o livro e mando que todos abram na página que iremos trabalhar. Escrevo o título do livro e a página na lousa como sempre faço e viro-me para começar a aula.

Porém, direciono meu olhar para qualquer outro ponta da sala, menos a penúltima mesa da fileira do meio. Se eu encara esse moleque agora, depois de tudo, algo diz que vou me arrepender e que porcaria de aula nem uma vai acontecer.

No decorrer dos minutos, lemos mais alguns trechos de Ilíadas e eu peço que alguns alunos recitem determinados versos. Tudo corre bem. Estranhamente bem e silencioso. Tanto que só reparo que entramos no último período ao ouvir o sinal tocando. "*Meu Deus, John Berryann não abriu a boca até agora? O que está acontecendo?*" , penso, ainda sem coragem para olhar e saber o que ocorre.

Deixo esse fato de lado e proponho, assim como fiz com a outra turma, um exercício para que façam em dupla e sento na minha mesa para dar-lhes tempo e para que trabalhem melhor. Se ele não está falando hoje, é bem melhor pra mim.

Entre as minhas anotações e enquanto espero que terminem a atividade, minha cabeça gira sobre o mesmo assunto: o silêncio repentino do Coelho Boy. Será que ele notou que assisti sua foda

28

casual na hora do intervalo? Não, não. Eu me escondi bem e ele estava ocupado demais para dar atenção a outra coisa que não fosse a tal garota.

Sorratamente ergo o meu olhar para aquele que evitei as duas aulas e sou pega de surpresa ao notar que estou sendo encarada. John mantém seu olhar sobre mim de uma forma tão intensa e incomum que chega a dar calafrios.

Desvio a atenção por uns segundos, só para ter certeza de que esse olhar não é coisa da minha

cabeça, e surpreendo-me assim que volto a observá-lo e ainda tenho suas orbes castanhas afiadas com duas adagas na minha direção.

*Afinal, o que raios está acontecendo?*

– Terminaram? – pergunto, querendo tirar o foco da situação constrangedora.

A maioria dos alunos confirmam e então me ponho de pé ao lado do quadro negro e peço que ditem as respostas para que possamos corrigir o exercício.

E nem isso faz com que ele abra a boca para iniciar mais um de seus debates à procura de superioridade. John simplesmente permanece quieto, com seu olhar - por mais que eu não esteja vendo - preso em mim.

Não quero admitir, mas, ver meu "rival" tão calado está me incomodando.

Os minutos se vão e com eles a última aula, o sinal bate e a algazarra é instantânea. Contudo, antes que os alunos comecem a guardar os materiais para sair, chamo-lhes a atenção e todos param para ouvir.

– Bom, eu gostaria de fazer um anúncio. Era para ser feito no intervalo, mas... P-por conta de alguns problemas, não consegui vir antes. – olho para a razão viva ali presente e respiro fundo – O que eu tenho para dizer é que, à partir de hoje, serei a responsável pela classe de vocês. Então, se precisarem de alguma coisa, podem vir falar diretamente comigo. Ok?!

Algumas palmas animadas e burburinhos ressoam no ambiente e eu sorrio fraco pela empolgação de uns alunos com esse anúncio; depois de guardarem os materiais e ajeitarem as mochilas, eles

29

vão saindo aos poucos. Porém, no instante em que o grupinho do fundo passa ao meu lado em direção a porta, me levanto e solto:

– Senhor Berryann, você fica. Precisamos conversar.

Andrew Lee e Matthew Ulric, como os bons dramáticos que são, arregalam os olhos com o meu pedido. Sebastian Wylie franze o cenho, também intrigado com o que disse, assim como o

representante Jimmy Lawford. E o próprio John sequer expressa alguma coisa. Típico dele.

– Tudo bem. – diz.

Peço que os outros meninos se retirem e sem demora o fazem. Sozinha com o Coelho Boy, fecho a porta e me aproximo de onde está, parado e com as mãos enfiadas nos bolsos da calça do uniforme. Recosto-me na parede logo atrás e cruzo os braços. Nos encaramos por uns segundos.

– O que foi, professora Clara?

– Eu vi o que você fez na hora do intervalo. – solto – Você sabe que é proibido fazer sexo nas dependências da escola, não sabe?!

O rosto dele torna-se vermelho e eu até acharia uma imagem fofa vê-lo com as bochechas coradas, visto que ele jamais mostra mais do que sua arrogância na classe, mas esse não é o momento e eu não estou com humor para isso.

– Como...?

– Foi um acidente. Flagrei quando subi para dar aquele anuncio de minutos atrás.

– A senhora viu tudo?

– Claro que não. – minto – E não me chame de senhora.

Respiro fundo e massageio as têmporas. Continuo:

– Assim que percebi, desci para o pátio. Sua vida sexual não me importa, senhor Berryann, o problema é você quer fazer isso logo aqui na escola. Sua sorte foi que apenas eu flagrei a cena ou você estaria em grande apuros agora, e nem sua fama de "aluno de ouro" dos terceiros anos te livraria de uma suspensão.

30

– Contou para alguém?

– Não.

– Então, está tudo bem.

– Como é? – franzo as sobrancelhas.

– Se apenas a senho... Se apenas você viu, creio que não há problema. Certo?!

– Sim, há um problema. Porquê eu não vou acobertar suas aventuras sexuais pela escola, senhor Berryann. Compreendo que as vezes é complicado segurar os hormônios, mas isso não deve mais acontecer. Vou deixá-lo livre dessa vez, com a promessa de que não voltará a fazê-lo, entendeu?! Ele balança a cabeça em afirmação e solta um risinho.

– E se acontecer de novo? – indaga.

– Se acontecer de novo, dê adeus a sua ficha limpa e ao amor dos outros professores. Então, se não quer que algo do tipo aconteça, segure esse pinto dentro das calças e só faça o que fez na sua casa.

John me encara espantado. Acho que fui longe demais com esse "*segure esse pinto dentro das calças*". Onde raios uma professora diria algo desse gênero para um aluno?! Deus, eu preciso controlar a minha boca.

– John...

Sua gargalhada corta qualquer chance de me redimir. Observo-o rir como se não houvesse amanhã e luto para que uma risada não me escape também.

– Tudo bem, professora Clara. – diz ao respirar fundo – Pode deixar que eu vou fazer o máximo possível para segurar o meu pinto dentro das calças.

Rio soprado e falo:

– Faça o possível e o impossível. Se alguém te pegar numa situação dessas outra vez, mesmo que seja eu, as coisas ficarão difíceis pra você.

31

– Ok, entendi.

– Já pode sair e ir encontrar os seus amigos. Terminamos por aqui.

Dou-lhe as costas para recolher meus pertences, mas sua mão em meu pulso impede que o faça.

Olho para seus dedos longos ao redor da minha pele, quentes e firmes, e em seguida fito seu

rosto, onde um sorriso de coelho brinca em seus lábios.

– Obrigado. – murmura.

– N-não há de quê.

Dá-me um sorriso largo e sai da sala depois de ajeitar a mochila no ombro. Solto o ar que instintivamente segurei e passo os dedos de leve o lugar onde tocou, e inesperadamente sinto o calor que sua palma - maior do que imaginava - deixou em meu pulso.

O que diabos está acontecendo?

32

## ***Capítulo 05***

Nesse momento, tudo o que eu mais queria era ter o poder de soltar raios laser dos olhos para fritar a megera sentada à algumas cadeiras de mim, também conhecida como Charlotte, popularmente chamada de diretora da escola e que nesse instante é a mira de toda a minha indignação.

Embora eu esteja ciente de que esse momento - uma hora ou outra - iria chegar, por que raios essa mulher resolveu começar o programa diferenciado de estudo para os terceiros anos justo quando, assim como os outros professores, tenho milhares de trabalhos para corrigir e duas provas de fim de bimestre para elaborar?

Essa velha nos odeia. É a única explicação.

Me ajeito na cadeira, querendo ao menos demonstrar que não estou de saco cheio dessa reunião pedagógica que já dura mais do que o necessário, e solto um suspiro baixo.

Desvio minha atenção da diretora por um momento e meus olhos cruzam com os de Jackson do outro lado da mesa. Recebo um pequeno sorriso cansado de sua parte e lhe retribuo com um.

– Quero o planejamento das aulas até o final da semana na minha mesa. – ela rogamum tom exigente e eu praticamente viro a garota do exorcista por girar a cabeça tão rápido.

– No final dessa semana? – indago.

– Sim. Algum problema?

– Diretora, não acha que esse prazo é curto para todo o trabalho? Quer dizer, ainda temos os trabalhos dos alunos para corrigir e as provas bimestrais para fazer. Entregar o planejamento do programa especial essa semana é um pouco...

– Eu não estou vendo outro professor reclamar além de você, professora Clara. – interrompe ríspida.

– Não estou reclamando diretora, só acho que...

33

– Isso quer dizer... – interrompe mais uma vez, ainda mais grosseira – Que o prazo é o suficiente para fazê-lo e entregá-lo à mim.

Calo-me e apenas assinto. Fecho as mãos em punho por debaixo da mesa e procuro ficar calma, antes que o sangue brasileiro fale mais alto e eu acabe chutando o pau da barraca aqui e agora, sem me importar com nada.

Se não fosse por essa bendita tradição de respeitar hierarquia, independente se esteja certo ou não - e a qual tento me encaixar, ainda que seja uma tarefa difícil -, e as minhas contas à pagar, eu já teria mandado tudo pro espaço.

*Mulher idiota!*

Depois de falar e falar, somos dispensados com a sobrecarga de mais um trabalho e a obrigação de cumpri-las sem questionar. Saio da sala de reuniões e marcho direto para a minha mesa, batendo o pé e querendo correr para o mais longe possível da escola e o mais rápido possível.

Começo a enfiar minhas coisas dentro da bolsa, com tanto ódio, que admira-me não ter passado a mão através do tecido.

Definitivamente, eu preciso de uma bebida.

– Clara?!

Ergo a cabeça e mando o meu olhar mais fulminante para o indivíduo que teve coragem de se

aproximar, e só então percebo que é Jackson. Respiro fundo para me acalmar e dou-lhe um sorriso fraco. Ele, com certeza, não merece a minha raiva.

– Ah, oi.

– Está tudo bem? – pergunta.

– Na medida do possível. – sorrio fraco – Não se preocupe.

Assente e dá-me um sorriso gentil. Suspiro. Volto a organizar meus pertences para finalmente ir para casa, ainda sentindo o sangue ferver, enquanto ele permanece calado ao meu lado, o que não dura muito.

34

– Quer uma carona? – questiona.

– Não precisa se incomodar.

– Não é incomodo algum.

Observo-o por uns segundos e outra vez suspiro. O que há de mal?

– Então tudo bem. Só não fique chateado se eu for um pouco grosseira, ainda estou irritada. Já estou avisando.

Jackson ri e balança a cabeça.

– Não se preocupe. – se inclina um pouco e sussurra – Podemos falar mal dela no caminho. Você não é a única brava.

Gargalho com suas palavras.

– Ela deve se revirar a noite com tantos xingamentos.

– Já deve estar acostumada. – dá de ombros – Vamos?

– Poderia esperar um pouco? Vou ao banheiro.

– Tudo bem.

Deixo a bolsa pronta sobre a mesa e saio à passos rápidos para o banheiro mais próxima. O baque dos meus saltos é o único som no corredor vazio, porém, outro som muito parecido chama a

minha atenção logo a frente e deparo justamente com o alvo da minha indignação, vindo provavelmente da sala de reuniões, com sua bolsa cara suspensa no braço e o casaco sobre os ombros.

Curvo-me como de praxe e ela para diante mim.

– Bom final de expediente, professora Clara.

– Obrigada, diretora Charlotte. Para a senhora também.

35

Curvo-me novamente e então sigo o meu caminho, ou pelo menos era o que pretendia, se não fosse sua voz interrompendo o meu passo. Viro para olhá-la.

– Não se esqueça. Até o final da semana.

Engulo o belo 'foda-se' que sobe pela garganta e somente concordo. Observo-a dar as costas e caminhar rumo a saída sobre seus saltos, e uma súbita vontade de que partam e seu rosto prepotente vá direto ao chão me acerta em cheio. Infelizmente, seus sapatos parecem muito caros e resistentes para simplesmente quebrarem do nada.

Respiro fundo pela milésima vez em menos de uma hora e retorno ao meu trajeto até o banheiro, embora toda a minha vontade tenha passado graças ao encontro com a diretora de minutos atrás.

Marcho para o banheiro mais próximo, remoendo-me por dentro, e novamente o universo me surpreende, agora com um lindo e inconveniente cartaz de "em manutenção".

– Ótimo...!

Dou meia volta e, sem outra opção, só me resta ir para o primeiro andar. Subo as escadas às pressas, mas assim que chego ao topo, esbarro com tudo em algo e o impacto por um triz não me faz rolar degraus à baixo.

– Por que não olha por onde anda?

Um timbre áspero de repente alcança os meus ouvidos e só então reparo que duas mãos fortes seguram firmemente a minha cintura. Meio desnorreada, tento recobrar do susto e assim que ergo

a cabeça, um par de olhos malditamente escuros me encaram com certa reprovação.

– O que disse? – indago.

– Eu disse: por que não olha por onde anda?

Fico perdida na profundidade dos olhos a minha frente por segundos e só me dou conta de que estou encarando demais quando um pigarro chama a minha atenção. Volto a órbita e o desejo de cair das escadas me preenche no instante em que noto quem é o dono das orbes escuras e as mãos fortes que continuam na minha cintura.

36

– Senhor Berryann?! O que faz aqui?

– Eu que pergunto.

– Trabalhando. Será que não vê?

– Sim, eu vejo. Ao contrário de você, que esbarrou em mim.

– Ei, foi um acidente!

Por alguma razão que desconheço, volto a encarar o rosto de John não tão distante do meu e sinto seu olhar recair sobre mim de imediato.

As linhas de seu maxilar desenhado estranhamente emolduram tão bem o seu rosto, assim como os cabelos negros caindo timidamente sobre seus olhos, cor esta que contrasta perfeitamente com o tom avermelhado dos seus lábios finos.

*O que tem de chato, esse garoto tem de bonito. Tenho que admitir.*

Sem contar o peitoral rígido que consigo sentir por cima da camisa do uniforme e os braços fortes que me seguram com tanta facilidade, como se fosse feita de papel. Imponente, másculo e quente. John Berryann é uma mistura perigosa.

– Ultimamente você está envolvida em muitos acidentes que me comprometem, não é professora?! – ouço-o dizer.

Franzo o cenho e então caio na real. Dou alguns passos para a frente, levando-o junto, e

desvencilho-me de suas mãos. Tomo minha postura de sempre e cruzo os braços em indiferença.

Nos encaramos.

– O que quer dizer com isso?

– Nada. – dá de ombros e ri – Foi só uma constatação.

– Huh...

– Aonde está indo com tanta pressa?

– Banheiro.

37

– Aahh, agora entendo a pressa. Está muito apertada, não é?!

– Garoto, desde quando te dei permissão para agir tão informalmente comigo?

– Desde que me pediu para chamá-la de você?!

– Só pedi porquê acho senhora muito estranho, levando em consideração que de senhora eu não tenho nada. Eu ainda sou sua professora e você me deve respeito.

– Ok, ok. Me desculpe professora.

– Garotinho petulante!

– Olha, o petulante até posso concordar. Mas assim como você não tem nada de senhora, eu não tenho nada de garotinho.

Encaro seu sorrisinho atrevido e reviro os olhos. Moleque idiota!

– Você e essa língua afiada, não é, John?! – solto uma risada anasalada – Bom, se me der licença, eu ainda preciso ir no banheiro. Porque, como disse, estou apertada.

Viro-me, mas da mesma forma que fez a diretora, o pirralho também me impede com sua voz.

Será algum complô para eu não ir ao banheiro?

– O que foi?

– Você está bem?

– Hã?

– Não que não seja o seu normal, mas... Você parece bastante irritada. Bom, suas bochechas estão um pouco vermelhas e geralmente só ficam assim quando está muito brava, então...

Sou incapaz de não arregalar os olhos. Como esse garoto sabe disso?

– O que você...

– Aconteceu alguma coisa?

38

Permaneço calada, estática, vendo-o coçar a nuca em claro desconforto. Sinto minhas bochechas corarem, mas de longe é por conta da raiva. Sério, como ele sabe disso? Como sabe que meu rosto fica vermelho quando estou muito brava?

– N-não aconteceu nada. – balbucio – Está tudo bem.

– Certeza?

– Sim, eu só... Só estou um pouco de saco cheio.

– Ah, então somos dois. – sorri.

Apenas balanço a cabeça por sua fala e o encaro. John faz o mesmo e outra vez nossos olhos se encontram com tamanha naturalidade que chega a assustar.

No silêncio do corredor, prosseguimos com nosso - não tão - embate, até que passos na escada quebram a situação e Jackson aparece com um semblante um tanto preocupado. O garoto vira e cumprimenta seu professor, que o retribui.

– Clara, estava te procurando. Pensei que tinha ido ao banheiro.

– Sim, mas... O banheiro do térreo está em manutenção e precisei subir.

– Já podemos ir?

– Ah, ainda não. Encontrei o John e ele pediu uma ajuda com a matéria. Acabei não conseguindo ir ao banheiro. Pode esperar mais uns segundinhos?

– Claro. Fique a vontade.

Sorrio e direciono o meu olhar para o garoto parado ao nosso lado. No entanto e

surpreendentemente, seus olhos possuem um brilho indecifrável e sua expressão que antes era suave retornou a apátia de sempre.

Ele meneia a cabeça antes de dar as costas e descer as escadas, deixando-nos sozinhos. Apesar de achar sua atitude estranha, não dou muita atenção e finalmente consigo entrar no banheiro. Faço o que queria fazer à tempos e saio para encontrar Jackson e ir para casa com sua carona.

39

Dentro do seu carro, conversamos animadamente como sempre fazemos e aproveitamos para xingar e massacrar a diretora megera o quanto queremos. Afinal, ela não está aqui para ouvir e aplicar a droga da tradição da hierarquia.

Com certeza, a maioria dos chefes de Londres devem se revirar enquanto dormem de tantos xingamentos e maldições que levam. Talvez essa seja a sina de ser superior por aqui.

O trajeto até que passa rápido e, antes que eu perceba, Jackson estaciona em frente ao pequeno portão de casa. As luzes da sala estão apagadas, então deduzo que Manuela ainda não chegou do estúdio de dança. Com a tal apresentação, ela tem chegado tarde quase todos os dias.

– Muito obrigada pela carona, Jackson.

– Disponha. – sorri – Sempre que precisar, pode contar comigo.

– De novo, muito obrigada.

Dou-lhe um sorriso e me ajeito para sair no carro, mas seus dedos tímidos sobre meu ombro fazem-me arregalar os olhos e virar em sua direção. Jackson me observa atentamente, calado, e de alguma maneira sinto-me constrangida.

– Sabe, talvez seja um pouco precipitado, mas o que acha de sairmos quando as coisas no colégio estiverem mais calmas?

– Oi?

– Quer dizer, sairmos para relaxar. – apressa-se em dizer – Sei que as coisas estão difíceis e se divertir as vezes é bom. Pode levar a amiga que mora contigo, se quiser. Não é nada demais. Ir à

um restaurante comer e beber. Dançar, talvez.

– Ah, pode ser.

– Assim que as provas bimestrais terminarem ou quando estiverem livres.

– Tudo bem, acho que vai ser mesmo divertido. Estou precisando.

– Ok, então.

40

Jackson sorri. Sorriso este muito diferente de todos que já vi.

Agradeço-o mais uma vez e enfim saio do carro. Aceno pela última vez e nem um minuto depois e ele dá a partida, sumindo rua à fora.

Cansada e desejando tirar os saltos, além de uma tigela grande de miojo e algumas latas de cerveja, entro em casa depois de mais um dia de trabalho.

41

## **Capítulo 06**

Acordo num sobressalto com alguém sacudindo meu ombro, ergo a cabeça um pouco desnorteada e vejo Manuela parada ao meu lado.

– O que foi?

– Amiga, é melhor ir para a cama ou vai acabar ficando com dor.

– Hã? Como assim?

– Clara, você estava dormindo largada no notebook. – sorri – E ainda por cima, babando uma cachoeira.

Limpo um filete de saliva do canto da boca e dou-lhe um sorriso sem graça. Suspiro. Ando tão cansada por esses dias que apaguei sem sequer perceber.

O problema foi dormir exatamente sobre o teclado de notebook. Agora a prova bimestral está com três linhas seguidas cheias de 'k' e há baba pra todo o lado.

– As coisas ainda estão puxadas no colégio? – ela pergunta.

– Mais ou menos. Como já entreguei o planejamento das aulas especiais e as provas começam amanhã, ficarei mais livre nos próximos dias.

– Acha que conseguirá ir na apresentação?

– Mais é lógico que sim. Afinal, você me obrigou a prometer, lembra?!

Sorriso e levanto. Me estico para colocar os ossos no lugar depois de tanto tempo sentada e por muito pouco não choro com a dor maldita que um estalo alto me faz sentir.

Me arrasto para a cozinha com Manu ao meu encalço e abro a geladeira atrás do galão de leite, pois não há nada melhor do que um bom copo de leite quente antes de dormir. Embora eu ainda vá ficar mais umas horinhas acordada para terminar as questões da prova de amanhã.

42

Minha amiga põe um prato com alguns cookies sobre a mesa e lhe agradeço mentalmente por me conhecer assim tão bem. Pego um para apreciar com o meu leite, mas, estranhamente, olhar para a massinha coberta por gotinhas de chocolate me faz lembrar daquele garoto irritante de pele branca e olhos amendoados.

De uns tempos para cá, John tem tomado muito dos meus pensamentos, o que só piorou desde àquele dia em que esbarramos no corredor da escola e vi tão de perto a profundidade que seus olhos têm.

Assim como senti como mais nitidez como suas mãos são fortes e quentes, e descobri que sua incrível capacidade de observação não se resume apenas aos assuntos acadêmicos. Conjunto este que, aliado a transa que flagrei sem querer na sala de aula, está matutando na minha cabeça e eu nem sei ao certo o porquê.

Observo o biscoito por mais uns segundos e sou incapaz de segurar a risada ao reparar em como são parecidos. Agora entendo porquê as meninas vivem cochichando pelos corredores quando ele passa. Aquele moleque é exatamente como esse cookie: gostoso de comer, apesar de "fazer mal".

– Do que está rindo, Clara?

– Nada. – nego com a cabeça e por fim mordo o biscoito – A propósito, esqueci de comentar.

Jackson nos chamou para sair. Comer e dançar, você sabe.

– Jackson?! Aquele professor gato de matemática que trabalha com você?

Reviro os olhos e suspiro.

– Sim, ele mesmo.

– Huh... – olha-me de cima à baixo – Vocês estão andando muito juntos ultimamente, não é?!

– Ele é meu amigo, Manu, só isso.

– Um amigo muito bonito, diga-se de passagem.

Dou de ombros e tomo mais um gole do leite.

43

– Qual é, Clara, aquele tal Jackson é um molhador de calcinhas profissional.

– Como é? – indago, praticamente engasgando com um pedaço de biscoito.

– Pelo amor de Deus, amiga, você não é tão cega assim para não perceber isso.

– Ok, ok. Admito que o Jackson é muito atraente sim.

– Mais do que isso.

– Sim, mais do que isso. Mas somos apenas amigos.

– Será mesmo?

– O que quer dizer? – franzo o cenho.

– Será que o tal Jackson pensa assim também? Que você são apenas amigos?

– É óbvio que... Sim?!

– Ahá! Nem você tem certeza.

– O Jackson não faz o meu estilo, 'tá legal?! Ele é bonito e simpático, mas não o vejo como algo à mais. Além disso, você sabe que não quero relacionamentos.

– Amiga, e quem está falando em relacionamento? Sexo casual, você lembra o que é isso?!

- Ah, claro. Vou ficar transando com o meu colega de trabalho. Muito efetivo. Uma grande ideia.
- Como você é chata. – bufa – É só uma fodinha, pô!
- Me erra, Manu.
- Uma chance, o que acha? Dê uma chance à ele.
- Eu já disse que...
- Não precisa forçar. Quando sairmos, observe e se perceber uma pitada de segunda intenção, o que tenho certeza de que vai ter, se deixe levar.
- Você quer mesmo que eu transe com o Jackson, né?!

44

- Amiga, à essa altura, 'tô querendo que você transe com qualquer um. Quanto tempo faz desde a última vez? Mais de um ano?
- Sei lá... – dou de ombros.
- Está vendo?! Você precisa disso.

Balanço a cabeça em negativo e dou-lhe as costas, volto direto para o quarto e sento outra vez diante o computador. Então, digo:

- Se me der licença, tenho uma prova para terminar.
- Não pense que essa conversa acabou.
- Acabou sim. Agora volte para o seu quarto e me deixe criar olheiras em paz.
- Tente não dormir muito tarde, ok?!

Consinto e recebo um beijo no topo da cabeça. Assim que murmura um "boa noite" e sai do quarto, ponho-me a trabalhar mais uma vez, por sorte são poucas questões que faltam para completar. Só espero conseguir dormir uma hora que seja antes de precisar voltar a escola para aplicar a prova.

Com certeza, essa semana vai me render olheiras mais fundas do que já tenho.

[...]

Olho para o relógio em meu pulso, faltam apenas vinte minutos. Direciono minha atenção para os alunos compenetrados em suas provas e um suspiro me escapa assim que o pensamentos de que este é o último dia dessa semana que pareceu durar milênios preenche a minha cabeça.

Daqui à vinte minutos, estarei livre por duas semanas inteiras. Quer dizer, livre de trabalhos extras, mas isso já é o suficiente. Só imaginar que poderei chegar cedo em casa faz tudo valer à pena.

Folheio um livro para matar o tempo enquanto espero e fico entretida com alguns poemas haikai, tanto que o sinal do fim da aula me pega de surpresa. Peço que entreguem as provas para que

45

saiam e, um a um, os alunos vão colocando as folhas sobre a minha mesa e saindo da sala junto com suas lamúrias de cansaço.

Vou pegando os papéis de suas mãos para organizá-los melhor e sou surpreendida ao ver a prova totalmente em branco do último que me entrega. Ergo a cabeça e antes que possa sair porta à fora, eu o chamo:

– Lowell.

Ele para e olha-me por cima do ombro. Ouço seu suspiro.

– Venha cá.

Com a folha em mãos, ponho-me de pé e logo estamos frente a frente. Nos encaramos por um instante e sua expressão tipicamente indiferente me faz respirar fundo. Afinal, o que esse garoto quer agindo dessa forma?

Me apoio na beirada da mesa e continuo observando-o. Lowell mantém seus olhos em mim, mas não demonstra mais do que uma nítida vontade de sair daqui.

– Por que sua prova está em branco? – pergunto.

Espero que responda, mas permanece em silêncio. Dou-lhe mais uns segundos e nada.

– Lowell?!

– Eu não estudei. – diz.

– E posso saber o motivo?

Dá de ombros e sou obrigada a respirar fundo. Ele faz o mesmo e desvia seu olhar para outro ponto da sala. Está mais do que óbvio que não quer continuar com essa conversa, mas eu preciso entender o que acontece.

Esse menino tem uma mente brilhante e negligencia seu potencial de tal forma que chega a ser estranho. Não é por mera preguiça, há algo mais, sinto isso.

– Sabe que terei que lhe dar zero, não é?!

46

– Sim, eu sei.

– Lowell, olhe para mim.

Ele o faz e estamos nos encarando outra vez. Eu continuo:

– Não quero te reprovar. Eu posso ser um pouco rígida, mas sei reconhecer alguém com potencial quando vejo e esse alguém é você. Sei que é um garoto inteligente e, mesmo que não tenha estudado, sabe a resposta de quase todas as perguntas, se não todas. Então, não deixe a prova em branco.

– Eu não estudei, professora.

– Tanto você quanto eu sabemos que...

– Eu já disse que não estudei!

A rispidez em sua voz me surpreende tanto que apenas me calo. Observo-o atentamente, tentando entender o que se passa, mas tudo o que vejo são suas bochechas ganhando um tom avermelhado de repente.

– Me desculpe, não quis ser rude. – murmura.

– Tudo bem.

Ficamos calados, num clima curiosamente pesado para uma professora e um aluno. Olho mais

uma vez para o seu nome escrito na prova totalmente em branco e suspiro, sem a mais vaga ideia do que fazer para que a situação se reverta e eu não precise reprová-lo. Contudo e infelizmente, parece não haver saída.

– Não vai mesmo responder, nem que seja algumas questões? – indago.

– Eu...

– Vamos lá! – encorajo-o.

– Mas a aula já acabou e...

47

– A aula só termina quando a professora sai e eu ainda estou aqui. – sorrio e lhe devolvo a folha

– Sente-se ali e tente responder o mais rápido possível, ok?!

Mesmo hesitante, sorri fraco e assente. Corro para fechar a porta e ficar de olho em quem passa, torcendo para que os inspetores ou a própria diretora não resolva aparecer por esses lados.

Afinal de contas, o que estou fazendo é terminantemente proibido no colégio. Como os outros professores, eu deveria apenas reprová-lo e aplicar uma penalidade por sua falta de "conduta", mas o que estou fazendo é totalmente contrário.

Posso ser rígida, chata, e cobrar o melhor de cada um, porém, a última coisa que vou me tornar é uma professora insensível como os velhos com quem trabalho, que só pensam em criar indivíduos robotizados. Seja o Lowell ou qualquer outro aluno que precise de incentivo ou ajuda, não vou hesitar em fazê-lo.

Em poucos minutos, ele termina e me entrega a folha completamente preenchida. Analiso rápido suas respostas e sorrio ao notar que a maioria está correta. Esse garoto é mesmo inteligente, só precisa do impulso certo para mostrar do que é capaz.

– Posso sair? – pergunta.

– Sim, pode ir.

– Obrigado, professora Clara.

Sorrio outra vez, agora por suas bochechas muito rubras, e respondo:

– Não há de quê, senhor Carter.

O menino de cabelos loiros retribui o sorriso de uma maneira que julgo ser muito bonitinha e então sai da sala.

Apesar de não fazer ideia do que possa estar impedindo-o de se empenhar mais nas aulas e estar muito curiosa para descobrir, fico feliz que não tenha negado o meu pedido, pois isso significa que com o estímulo certo poderei ajudá-lo a melhorar seu desempenho escolar.

48

Sozinha com uma pilha de provas para organizar antes de descer, sento-me para começar a separá-las, mas sou interrompida por um pigarro vindo da porta. Olho para o indivíduo de braços cruzados escorado no batente de madeira e não demoro a devolver minha atenção para os papéis sobre a mesa.

– Atrapalho?

– À não ser que precise de alguma ajuda com a matéria, sim, você atrapalha.

– Estava ajudando o Lowell com a matéria também?

Ergo meu olhar ao notar o sarcasmo em seu tom de voz e, instantaneamente, seus profundos e intensos olhos escuros revidam. Não respondo.

Aquela sensação estranha da outra vez começa à dar indícios de aparecer, porém, desvio antes que aconteça. Já basta os pensamentos esquisitos que tenho sofrido ultimamente, não preciso de mais, não mesmo.

– Precisa de alguma coisa, senhor Berryann? - questiono, usando o tom mais frio que consigo.

– Não.

Se o meu tom foi frio, o tom de John foi congelante. Tanto que um arrepio me correu pela espinha. Contudo, não permito que isso me afete. Mantenho a postura firme e retruco à altura seu olhar repreensor.

Nosso embate perdura por segundos, longos e arrastados segundos, e a porcaria da sensação que tanto quero manter longe me cerca como se eu fosse um animal prestes a ser atacado.

No entanto, sem dar tempo para o bote e sem que eu diga ou faça qualquer outra coisa, ele dá as costas e desaparece corredor à fora, e imediatamente solto o ar que não reparei estar segurando.

Meu peito sobe e desce com mais agilidade do que o normal e eu simplesmente não sei o porquê.

Recosto na cadeira e respiro fundo uma e outra vez, tentando me acalmar e assimilar o que acaba de acontecer entre nós, mas, principalmente, entender o olhar repreensivo do garoto que parece ter saído daqui com mais do que a apatia que compartilhamos um pelo o outro.

49

50

## ***Capítulo 07***

Com as folhas de classificação em baixo do braço, subo o andar dos segundos anos para pendurar as notas no quadro de avisos, assim como fiz no andar dos primeiros e farei com os terceiros.

Embora esta não seja a minha função e sim do inspetor, a querida diretora Charlotte me pediu esse "grande favor" porquê o senhor que cuida disso está gripado e os outros professores estão em aula, e como sou a única com o período livre, acabou sobrando para mim.

Mas ok, não é como se fosse um bicho de sete cabeças pendurar algumas folhas nos andares da escola, pelo menos não enquanto os alunos neuróticos por notas estiverem dentro das salas.

Assobio baixinho uma música qualquer à medida que separo as folhas correspondentes aos segundos anos e as organizo para então fixar no mural.

Agora que finalmente as provas bimestrais terminaram e a relação de notas saiu, estou com as noites livres para colocar os episódios das séries que acompanho em dia e mofar em casa o máximo que puder até as aulas especiais de sábado iniciarem e a rotina de correções duplicar.

Bom, esse é o plano, mas a "promessa" que fiz com Jackson à uns dias atrás me fez adiá-lo, pois

hoje sairemos para comer e dançar como sugeriu.

Depois da conversa que tive com Manuela, comecei a analisar o modo como meu colega de trabalho se comporta e aos poucos fui percebendo que as intenções que minha amiga disse, de fato, estão todas ali e mais nítidas do que imaginei.

Admito que estou relutante em aceitar que Jackson realmente nutre certo interesse por mim. Ele é bonito, simpático, atraente, tem um corpo maravilhoso pelo o que pude notar e, reconheço, é o molhador de calcinhas profissional assim como Manu comentou.

Mas a verdade é que não consigo vê-lo com os mesmo olhos que supostamente me vê. Claro que para ter plena certeza disso, talvez eu devesse lhe dar uma chance, nem que seja apenas para uma foda casual.

51

No entanto, por mais que eu tente colocar isso dentro da cabeça, essa ideia ainda parece muito ilógica e não há uma real vontade dentro de mim para arriscar um possível envolvimento entre nós, apesar dele ser o sonho de consumo de qualquer mulher em sã consciência e que tenha bom gosto.

Sinceramente, eu devo ser muito burra para não desejar um homem desses.

Termino de pregar as notas no quadro e me agacho para pegar o restante das folhas, no entanto, tenho a atenção chamada por uma voz suave que soa atrás de mim.

Me levanto e deparo com uma garota de cabelos longos, provavelmente aluna do segundo ano, observando-me. Eu também o faço por um momento e quase solto um palavrão ao notar que ela é a menina que estava transando com John na sala do Terceiro A.

Um comichão estranho surge dentro do meu estômago de repente.

– Tudo bem? Precisa de alguma coisa? – pergunto.

– Você é a professora Clara, certo?!

– Sim, sou eu.

– A senhora... P-poderia me fazer um favor?

– Ah, claro. No que eu puder ajudar.

– Poderia entregar isso ao John Berryann, no Terceiro A? Acredito que a próxima aula é a sua, não é?!

Encaro o pequeno pedaço de papel estendido em minha direção e depois seu rosto. O comichão revira o meu estômago, deixando-me levemente desconfortável.

– Sim, é a minha aula. – respondo.

– Então, poderia entregar à ele?

– É algo relacionado as aulas, por acaso?

– N-na verdade...

52

– Me desculpe, aahhm...

– Scarlett.

– Bom, Scarlett, se não for nada relacionado ao colégio. – dou de ombros – Me desculpe, mas não vou entregar.

– Por favor, professora Clara, é realmente importante. Se eu pudesse, subiria e entregaria pessoalmente, mas não posso.

– Entregue na hora do intervalo.

– Não dá para esperar.

– Escute, Scarlett...

– Por favor. – pega minha mão e coloca o papel – Entregue à ele.

Antes que eu possa negar, ela corre e entra em sua sala como um raio, largando-me sozinha e atônita no meio do corredor vazio.

Olho o papel dobrado entre os meus dedos e solto um suspiro, sentindo o maldito e estranho comichão torcer a boca do meu estômago de um jeito muito incomodo.

Não acredito que vou servir de pombo correio para o pirralho do John e sua namoradinha assanhada, que gosta de gemer alto. Mas é uma merda mesmo!

– Poupe-me! – respiro fundo.

Sem outra opção, ajeito as folhas, enfio o papel no bolso da saia e subo para o andar dos terceiros anos. Fixo a lista de classificação no mural e não me surpreendo ao ver o nome do "aluno de ouro" no topo, enfeitando o primeiro lugar.

Fico encarando seu nome por um instante e súbito a vontade de saber o que está escrito no tal papel me acerta. Aproximo minha mão do bolso da saia e o toco, ponderando se devo ou não ser indiscreta o suficiente para ler o recado direcionado ao garoto arrogante que toma os meus pensamentos graças às suas atitudes cada vez mais incomuns e seus intensos olhos escuros.

53

Se eu estiver certa, esse recado nada mais é do que um convite para outra aventura durante o intervalo. Ou, eu posso estar errada e ser outro assunto qualquer.

– Droga!

Respiro fundo mais uma vez e largo a vontade de lado. Giro nos calcanhares e ponho-me de volta a sala dos professores para pegar o material para a próxima aula. Mesmo que a curiosidade esteja me matando, não posso sair lendo o recado dos outros desse jeito, seria muita falta de educação até para mim.

Com uma inquietação mais do que bizarra percorrendo minhas veias, subo para a sala do Terceiro A assim que ouço o sinal tocar e a cada passo que dou, mais sinto minhas bochechas esquentando de uma maneira que desconheço. Acho melhor me controlar ou esse bilhete vai acabar na garganta dele ao invés da mão.

Entro na sala e encontro todos em seus devidos lugares, como o professora de física acaba de sair, não houve tempo para bagunças. Caminho em direção a minha mesa e coloco os materiais sobre ela. Meu olhar instantaneamente busca o Coelho Boy no fundo da classe e lá está, encarando-me

indecifavelmente como tem feito desde o dia em que estive trancada com Lowell para ajudá-lo na prova.

Respiro fundo e desvio.

– Abram os livros e vamos continuar com os exercícios da aula anterior.

Pego o livro sobre a mesa e espero que se organizem. Ergo o olhar sorrateiramente para fitar o garoto dos cabelos negros e percebo que sua atenção está em mim, provavelmente nas minhas bochechas que teimam em continuar quentes e vermelhas.

A aula corre normal, resolvemos os exercícios juntos e peço para que um ou outro aluno leia um trecho da peça Hamlet de William Shakespeare. John e eu trocamos algumas farpas durante a explicação, e se antes já estava nervosa, estou mesmo prestes a socar o tal bilhetinho o mais fundo que puder em sua garganta.

– Antes de terminarmos a aula, eu gostaria de avisar que a relação de notas das provas bimestrais está no mural de avisos. Uns ficarão felizes, outros nem tanto.

54

– E um vai confirmar o que todos nós já sabemos. – Matthew solta e todos riem, até o próprio alvo do comentário.

O sinal toca, anunciando o intervalo, e os alunos começam a levantar para sair da sala. Fico ao lado da lousa, observando-os, e toco no bolso da saia ao notar Berryann levantando junto com seus amigos.

– John, preciso falar com você. – anuncio.

Como da vez anterior, todos ficam confusos, menos ele, que em encara com sua expressão apática de sempre. Aproxima-se em passos largos e para diante mim.

– Outra vez?

– Sim, outra vez. – reviro os olhos.

O garoto suspira e concorda. Pede aos amigos que o esperem lá fora e assim o fazem, nos

deixando à sós. Nos encaramos por uns segundos.

Ver seus olhos amendoados tão de perto mexe com algo em meu interior que não sei explicar, obrigando o comichão estranho de antes a dar lugar a essa sensação, embora meu rosto ainda queime de raiva.

– Você está nervosa, o que aconteceu? – indaga.

Não respondo, apenas enfio a mão no bolso e puxo o papel dobrado, estendendo imediatamente em sua direção. Ele observa o bilhete e depois meu rosto.

– O que é isso?

– Um bilhete.

– Está se declarando para mim?! – sorri ladino.

– Não seja ridículo, garoto! – esbravejo e ele ri – Não é nada disso que está pensando. A tal Scarlett do segundo ano pediu, ou melhor, praticamente me obrigou a entregá-lo à você. Bom, aqui está.

55

– Scarlett?!

– Sim, sua companheira de aventuras sexuais.

Pega o papel e o analisa rapidamente. Vejo-o abrir e ler, e em segundos um sorrisinho brota em seus lábios. Aí tem coisa, com certeza.

– Muito obrigado por entregar o recado, professora.

– Escute aqui, John Berryann, se você e sua namoradinha estiverem planejando mais uma aventura pelas salas da escola, é melhor ficar ciente de que não serei boazinha como da primeira vez e não hesitarei em...

O garoto estende o bilhete na altura dos meus olhos e leio o "*Vamos lanchar juntos?*" escrito com caneta rosa e coraçõezinhos ao redor. Não acredito que essa menina praticamente implorou para que eu entregasse um bilhete só para que fossem comer juntos no intervalo. Que coisa mais

idiota!

Encaro-o em seguida e o sorrisinho atrevido toma seus lábios e deixa evidente seus dentes de coelho. Sorriso esse que, mais uma vez, não posso negar ser muito bonito.

– Não faremos nada que precise se preocupar, professora. À não ser que considere lanchar juntos algum tipo de perversão.

Fico calada para digerir a informação, observando seu rosto, e acabo perdida em seus traços novamente. Céus, eu preciso parar com isso.

– A propósito, ela não é minha "namoradinha". – solta.

– Ah, não?! Então, o quê?

– É minha amiga.

– Amiga com benefícios?! – desdenho.

– Bem, isso eu não posso negar, até porquê você mesma viu.

– Você anda muito audacioso, senhor John. Audacioso demais para o meu gosto.

56

O garoto morde o lábio, ato este que não passa despercebido nem se eu quisesse, e com sua expressão mais petulante, diz:

– Me desculpe, não foi minha intenção.

– Mentiroso. – solto e ele sorri.

John guarda o papel no bolso do uniforme e remexe os cabelos.

– De qualquer forma, obrigado por entregá-lo. Agora, se me der licença, eu vou verificar a classificação das provas lá no mural de avisos.

– Você foi o primeiro outra vez, não precisa ter pressa.

– Eu sei. Só quero confirmar.

– Modéstia não é muito o seu forte, não é?!

Ele sorri e dá de ombros.

Pois é, ser humilde parece não ser uma de suas qualidades também.

Mordo o lábio para reprimir que um risinho debochado escape e assim que encontro seu rosto, percebo que encara fixamente minha boca. Engulo em seco. Sinto um misto de constrangimento e calor invadir meu corpo quando nossos olhos fixam um ao outro, o que só piora no momento em que dá um passo para a frente.

Perto, muito perto. Tão perto que posso sentir sua respiração quente bater suavemente contra os meus cabelos presos.

– Você não estava indo ver as suas excepcionais notas?! – digo, um pouco tensa.

– Como a professora disse, eu sou o primeiro, então não preciso ter pressa.

Olho para todos os cantos, menos para ele. Merda! Essa situação está ficando muito estranha.

Preciso arranjar uma saída ou... Eu não quero pensar no que pode acontecer. Não quando a única resposta envolve algo além da ética professora-aluno.

57

– Sua amiga! Sua amiga de fo... Sua amiga está esperando para lancharem juntos e você não quer deixá-la esperando, certo?!

John solta um riso alto e por um segundo me arrependo de não ter simplesmente escorraçado o pivete pra fora da sala, sem dar qualquer desculpa para isso.

– Tem razão. Não quero deixar minha amiga esperando.

– Então, vá. – faço um sinal para que saia – Vá, vá.

Com um sorriso no canto dos lábios, o garoto dá as costas e caminha tranquilamente para a porta, largando-me para trás, com uma sensação de alívio que preenche indevidamente o meu peito e um desejo impróprio de provar o sabor daqueles lábios avermelhados, sentimento muito perigoso para relacionar à um aluno, principalmente a este garoto que ultimamente não abandona a porcaria dos meus pensamentos.

58

## Capítulo 08

– Wow! Mas quem é essa garota sensual dentro do quarto da minha amiga?

Manuela grita ao me ver e eu apenas reviro os olhos por sua atitude escandalosa.

– Sem exagero, Manu. – digo, ainda analisando meu reflexo – Não é nada de mais.

– Como assim? Acho que é a primeira vez que te vejo tão bem arrumada em meses, sério. Linda e sexy. Pronta para matar. – sorri.

– Sua boba!

– Bom, vou terminar de me arrumar porque o seu amigo, vulgo futuro pretendente, está prestes a chegar, certo?!

– Ele não vai ser meu futuro pretendente - retruco.

– É, tem razão. Com esse vestido, ele vai ser um escravo rastejando aos seus pés.

Gargalho com sua fala e a empurro para fora do quarto. Volto para a frente do espelho para acertar os últimos detalhes e assim que termino de aplicar o delineador, vislumbro minha imagem refletida por uns segundos. Acho que minha amiga tem um pouco de razão. Eu realmente estou bem arrumada. Tanto que até não me reconheço.

Desde que aquilo aconteceu, eu perdi a vontade de me produzir e até mesmo de sair para lugares como o que Jackson vai nos levar.

Priorizei o meu trabalho e deixei a diversão de segundo plano. Creio que a única coisa que tenho feito e que posso denominar "diversão" é ficar debaixo do edredom assistindo séries e comendo besteiras.

Ah, parando para pensar agora, minha vida anda bastante monótona.

Afasto os pensamentos e volto a me arrumar. Dou uma cor nos lábios com um batom não muito escuro e finalizo o visual soltando os cabelos. Perfeito!

Pego o celular e checo a última mensagem que recebi de Jackson, avisando que em vinte minutos

estará aqui para irmos, bloqueio a tela e coloco dentro da bolsa juntamente com a carteira e outras coisinhas mais.

Vou para a sala e sento no sofá para esperar que Manu termine de se aprontar. Penso em ligar a Tv, mas acabo desistindo e apenas recosto nas almofadas e permito-me sentir um pouco de preguiça antes do meu colega de trabalho chegar para sairmos.

Fecho os olhos por um instante e, em menos de um segundo, a imagem daqueles lábios vermelhinhos invade a minha cabeça e traz de volta o desejo que reprimir ao longo do dia.

Levando todo o meu esforço por água a baixo.

É realmente uma droga. Esse garoto tem se enraizado cada vez mais em minha mente e eu não sei mais o que fazer para tirá-lo dali. Sempre que penso estar conseguindo, acontece algo muito inusitado envolvendo nós dois e pronto, mais pensamentos estranhos e sensações bizarras tomam conta de mim.

E o pior de tudo é que, além de confundir minha pobre cabeça, ainda tenho a infelicidade de ficar reparando à cada instante como John Berryann é um rapaz verdadeiramente atraente.

– Você está ficando louca, Clara. Está ficando completamente louca.

– Quem está ficando louca?

Levanto ao escutar a voz de Manu e sorrio sem jeito.

– Não é nada. Tô pensando alto.

– Percebi. Viajou tanto que nem percebeu a campainha tocando.

– Jackson chegou?

– Faz uns cinco minutos.

– Nossa.

– Bom, vamos deixar o assunto pensamentos de lado e atender logo o professor gato de matemática que está louco para te pegar.

– Pelo amor de Deus, Manuela, toma cuidado com o que diz.

– Jackson fala portunhol e eu não sei?!

– Não.

– Então pronto. – sorri.

Suspiro e a sigo para a porta. Manu a abre e deparamos com Jackson. Vislumbro-o de cima a baixo e sorrio. Reconheço que está ainda mais gato vestido com um jeans escuro colado e uma regata que evidencia os músculos fortes de seus braços.

– Boa noite. – ele diz, sorrindo – Vocês estão lindas!

Seus olhos recaem sobre mim e acabo sorrindo um pouco envergonhada. É a primeira vez que me vê de cabelos soltos e tão produzida.

– Pode dizer, ela está um charme, não é?! – Manuela solta e dou-lhe um tapinha.

– Pare com isso!

– Sua amiga tem razão. Você está muito bonita, Clara.

– Obrigada, Jackson. – sorrio – Você também está muito bonito.

Trocamos alguns olhares, mas um pigarro nos interrompe.

– Vamos? – minha amiga diz.

Meu colega concorda e seguimos para o seu carro estacionado em frente ao portão. Manu toma o banco de trás e eu fico no passageiro, ao lado de Jackson. Ele dá a partida e saímos em direção a avenida principal.

Durante o caminho, conversamos sobre qualquer coisa enquanto um grupo pop de garotas toca no rádio. Manu bombardeia Jackson perguntas sobre o colégio e outras mais pessoais do que deveria e ele, muito simpático, responde todas apesar de estar relativamente envergonhado.

Essa minha amiga não tem vergonha na cara mesmo.

61

Após trinta minutos, ele estaciona próximo à um prédio onde uma fila enorme segue rua abaixo.

Leio "The Ministry of Sound" sobre a entrada e identifico como um clube noturno.

– Espero que gostem do lugar. – Jackson fala.

– Adoooooro balada! – Manu solta entusiasmada.

– Você gosta, Clara?

– Ah, sim. – respondo e sorrio – Faz algum tempo que não venho em um clube, mas acho muito divertido. Não parece, mas eu gosto de dançar.

– Ótimo!

Nós três saímos do carro e caminhamos em direção a entrada da balada. Surpreendendo a mim e Manu, Jackson tira três convites VIP's do bolso da calça e entrega ao segurança, que libera nossa entrada em questão de segundos.

– Convites VIP's? Onde conseguiu? – pergunto.

– Tenho um conhecido que trabalha aqui como DJ às vezes.

– Nossa, que legal.

– Vamos para o andar de baixo, lá está a área das mesas. Tem uma reservada para nós.

Assinto e o sigo junto com Manu, esta que não se contém e sussurra:

– O professor, além de gato, é um passe vip para baladas?! Sério amiga, ou você pega esse homem hoje, ou te farei comer aquele treco de polvo que detesta por um mês.

– Cala essa boca, Manu.

Escuto sua risada e apenas reviro os olhos.

Chegamos a tal área das mesas e um funcionário nos guia para o nosso lugar. A música toca alto e é possível ver a pista de dança fervendo um pouco abaixo de onde estamos. O lugar é realmente animado e lotado.

62

Nós nos acomodamos e Jackson pede algumas bebidas para começarmos a noite. Manu não para de olhar o pessoal dançando e eu observo mais atentamente o ambiente.

– O que achou? – ouço-o sussurrar perto do meu ouvido e acabo arrepiando.

– É um lugar muito bacana. Estou gostando.

– Vamos beber um pouco e depois, se quiser, podemos dançar.

– Por mim, tudo bem.

Nossos drinks são servidos e brindamos.

Como no carro, conversamos sobre diversos assuntos, curtimos as musicas e cada vez mais copos vão ficando sobre a mesa. Jackson, vez ou outras, se aproxima e sussurra algo no meu ouvido, nada além de comentários sobre o lugar ou perguntas de como estou, e nessa percebo Manu ficar mais e mais incomodada. Afinal, a pobre está sozinha nos vendo "flertar" bem a sua frente.

– Quer saber?! Fiquem à vontade. Eu vou dar uma volta.

Ela levanta e sai meio cambaleante para a pista de dança. Sinto-me um pouco mal por deixá-la sair desse jeito, mas, convenhamos, obrigá-la a ficar de vela que não vou. Jackson e eu bebemos mais uns drinks e trocamos mais algumas palavras, isso até ele propor:

– Vamos dançar?

Aceito e nos levantamos para fazer o mesmo caminho que Manu fez uns minutos atrás. Entramos na pista de dança e o ritmo contagiante da música eletrônica nos envolve de imediato. Meu colega de trabalho se aproxima, talvez por causa da quantidade de pessoas ou por vontade própria mesmo, e ficamos centímetros separados.

Música atrás de música, nossos corpos se movem muito próximos um do outro e só o que eu consigo fazer é olhar para o seu rosto, ou melhor, para a sua boca e imaginar como é beijá-la. Será que as bebidas estão fazendo efeito?

63

Assim como ao longo da semana, reparo no brilho desejoso que enfeita seus olhos enquanto me observa e sou incapaz de ser indiferente à isso. Inteligente, bonito, atencioso. Jackson é um

homem incrível e, sim, ele merece uma oportunidade.

Continuamos nos divertindo e, numa atitude inesperada, Jackson ajeita uma mecha do meu cabelo para trás e acaricia minha bochecha suavemente:

– Vou buscar uma bebida para nós, ok?! – sussurra e eu consinto.

Vejo-o cruzar a pista para chegar ao bar e logo desaparecer entre as pessoas. Sozinha, continuo curtindo a batida da música que ressoa alto enquanto espero meu acompanhante voltar com talvez duas garrafas de cerveja ou doses de uma bebida forte qualquer.

Manuela desapareceu já faz mais de uma hora e não duvido que esteja se esfregando com algum cara pelos cantos da balada, afinal, minha amiga sempre foi mais extrovertida e fogosa que eu, provavelmente consequência de seu sangue hispânico, e homem nunca foi um problema para ela. Até me admira ainda estar solteira com tantos pretendentes que chovem aos seus pés.

O DJ muda a música e um ritmo mais sensual começa a tocar. Sigo os meus instintos e remexo o corpo no compasso, sentindo os copos anteriores de bebida fazerem efeito e deixando-me mais solta para aproveitar a noite.

Requebro os quadris, toco meus cabelos soltos e permito que o álcool vá aos poucos levando o que resta da minha timidez.

Olho na direção que Jackson saiu e o encontro ao longe, escorado no balcão com duas garrafas de Heineken nas mãos e encarando atentamente os movimentos do meu corpo. Mordo o lábio e uma ideia insana surge de repente dentro da minha cabeça.

Se ele realmente me deseja como seus olhos tanto demonstram e minha amiga não cansa de dizer, acho que está na hora de dar-lhe uma chance, não é?!

Viro-me de costas para si e sorrio ao imaginar a loucura que estou prestes a cometer. Sem dar tempo para que a vergonha fale mais alto, movo o corpo o mais sensualmente que consigo e o álcool no sangue ajuda, insinuando-me para o homem de cabelos loiros à alguns metros de onde estou.

Remexo os cabelos, giro o pescoço e requebro ao ritmo da música, que agora é algo parecido com estilo latino, perfeito para seguir com o que estou fazendo.

Prossigo com o meu showzinho e súbito sinto duas mãos grandes encaixando-se em minha cintura. Solto um suspiro e fecho os olhos tamanha a pressão que ele faz em minha pele, que parece ter entrado em combustão apenas com o seu toque possessivo e firme, aflorando todos os meus sentidos.

Nossos corpos se aproximam e sinto como seus dedos pressionam minha carne por cima do vestido enquanto balanço os quadris de um lado para o outro, inconscientemente querendo mais contato, mais do seu calor, tanto que noto minha respiração ficar ofegante graças à ansiedade que se apossa de mim à cada segundo que nossas peles teimam em não se encontrarem.

Uau! Eu não imaginei que ele pudesse ser tão gostoso assim. Honestamente, acho que não vou me arrepender nem um pouco de dar-lhe uma chance.

Jackson afasta meus cabelos para o lado e deixa um beijo nada casto no meu pescoço, fazendo todos os pelos do meu corpo eriçarem e outro suspiro, mais longo, escapar. Suas palmas deslizam por minhas curvas até chegarem as laterais das minhas coxas e, sem prévio aviso, prender nossos quadris e esfregar sua elevação entre as minhas nádegas cobertas pelo tecido azulado do vestido, que nesse instante parece-me muito incomodo e desnecessário.

O aroma do perfume que não notei estar usando invade minhas narinas e desperta por completo os meus sentidos. É forte, másculo e com um pitada de refrescância. Combina perfeitamente com ele e me inebria de um jeito único.

Seus lábios molhados voltam a atacar meu pescoço e tombo a cabeça para o lado à fim de dar-lhe mais acesso. Seus beijos são trocados por pequenas mordidas e, súbito, sua boca marca a minha pele com um chupão e não me contenho, solto um gemido.

A fricção de sua dureza no meu bumbum é deliciosa e, sinceramente, acho que nunca desejei

uma transa casual como estou desejando agora, nem que seja no banheiro da balada.

65

Seguro suas mãos que ainda prendem minhas coxas e empino o traseiro, deslizando-o em seu pênis duro feito uma pedra e, se antes minha calcinha estava molhada, seu grunhido rouco no pé do ouvido acaba por encharcá-la completamente.

No entanto, mais do que me deixar em ponto de bala, esse gemido me soou muito familiar.

Familiar até demais. E, céus, isso faz meu corpo tremer e não é de uma maneira boa.

– O que acha de sairmos daqui? Estou louco para vê-la rebolando assim no meu colo.

Abro os olhos num sobressalto, desvencilho-me das mãos fortes que aprisionam minha cintura e viro para encarar o homem que está atrás de mim. Por um segundo, tenho a sensação de que meu coração sobe à garganta. Não pode ser...

– Berryann?! - praticamente grito.

O garoto, tão pasmo quanto eu, arregala ainda mais os olhos e permanece estático.

– P-professora...

Sinto minhas mãos suarem pelo nervosismo e minhas bochechas queimarem como nunca antes.

Eu estava me esfregando no meu aluno, é isso mesmo?! No aluno mais arrogante e idiota que tenho o desprazer de lecionar. Aí que grande merda!

Encaro John imóvel a minha frente, com o rosto tão vermelho que mesmo a luz baixa da pista não consegue esconder. Seu calor ainda emana por todo o meu corpo e de tal forma, que se eu fechar os olhos, posso sentir suas mãos me tocando despidoradamente como à segundos atrás.

*Céus, por que essa vontade de tê-lo tão perto de novo não passa?*

– Você... Você... Eu pensei que fosse...

– E-eu... Eu não sabia...

– O que está fazendo aqui? – esbravejo – Esse não é o lugar para um garoto do ensino médio estar.

Com os nervos à flor da pele e o coração bombeando forte, olho para os lados à procura de Jackson e não o encontro. Cadê esse homem? E desde quando essa pista de dança ficou tão cheia? Procuo mais um pouco e nada.

– Professora...

– Já perguntei, o que está fazendo aqui? – relutante, encaro seu rosto.

– O mesmo que você, vim me divertir.

– Aqui não é um lugar para um garoto de dezoito anos estar, ainda mais à essa hora. Quem veio com você? Mais algum aluno está por aqui?

– Sobre isso...

De repente, uma figura conhecida aparece e agarra-o pelo braço. Observo a garota com um vestido parecido com o meu, totalmente alheia a minha presença, se esfregar e falar qualquer coisa para o palerma juvenil que não tira os olhos de mim e, num pequeno gesto dele, volta sua atenção para mim e também arregala os olhos.

– P-professora Clara?! – ela balbucia.

Ignoro completamente a garota de cabelos longos e encaro John por uns segundos, e só então reparo que seus fios estão mais claros do que está manhã e como está diferente vestido com outros tipos de roupas que não seja o uniforme escolar.

– Então a Scarlett veio com você? – indago, com a voz mais fria do que esperava.

Ele não responde e dentro da minha cabeça a palavra "esganar" brilha em neon.

Nos confrontamos por alguns segundos, envoltos por nosso silêncios e tendo a garota como espectadora, mas antes que sua resposta possa vir, a figura de Jackson corta o mar de gente ao nosso redor e ele para ao meu lado com um semblante preocupado e carregando as duas garrafas de Heineken nas mãos.

– Clara, eu estava te procurando. – diz – Desculpa, a Manuela me parou no meio do caminho e...

Jackson para de falar assim que percebe as duas figuras conhecidas à nossa frente e a expressão preocupada dá lugar a uma intrigada.

– Professor Jackson? – Scarlett solta, ainda mais espantada.

– O que você estão fazendo aqui? – ele pergunta.

– Foi a pergunta que acabei de fazer. – digo.

– Nós viemos nos divertir um pouco. – ela fala. Seu olhar reveza entre o loiro e eu – E vocês, o que estão fazendo aqui juntos? Oh! Não me digam que estão num encontro?!

Por alguma razão que não sei explicar, minha língua coça para confirmar, mas a inesperada expressão irritadiça de Berryann me faz vacilar. Vacilar, mas não desistir.

– Sim, estamos num encontro. – solto.

De canto de olho, reparo na surpresa de Jackson. Bom, não é de todo uma mentira, já que estamos juntos aqui. Então apenas dou de ombros.

– Sério professor? – ela insiste, com um sorriso.

– Ah, sim.

– Estão namorando?

Vislumbro o semblante do garoto perante essa pergunta e quase caio na gargalhada ao ver uma veia saltada em seu pescoço e o cenho tão franzido que parece até um velho com tantas linhas em sua testa.

– Não. É apenas um encontro entre amigos, não pense bobagens.

– Huh... Não duvido que logo isso se torne um namoro, assim como espero que a minha amizade com o Johnie um dia se torne também.

– Escute, Scarlett, sei que não estamos no colégio, mas ainda sim somos seus professores e não acho certo que você esteja se metendo em nossas vidas. – eu censuro e ela se cala – Embora eu

não aprove que estejam aqui, não posso simplesmente expulsá-los, então sigam por um lado que seguiremos por outro, ok?!

Agarro o braço de Jackson e o puxo para o lado contrário dos dois adolescentes parados no meio da pista de dança. Assim como aconteceu hoje de manhã, aquele incomodo na boca do estômago deixa-me desconfortável e minhas bochechas queimam na mesma intensidade que o gole de cerveja gelada que desce por minha garganta quente.

– Clara, está tudo bem? – ouço meu acompanhante perguntar.

– Sim, está.

– Não é o que parece.

Paro de arrastá-lo e respiro fundo, sentindo de imediato o aroma do perfume forte de John impregnado em mim. Balanço a cabeça em negação e viro-me.

– Me desculpe. É que eu não gosto quando os alunos se metem nesse tipo de assunto, e outra, estou possessa com esses dois cabeças oca menores de idade aqui.

– Clara, eles são jovens, isso é normal. – sorri – Só estão aproveitando.

Solto o ar com força e consinto. Ok, ele está certo. Mas, ainda que eu admita isso, sinto tanta raiva que até eu mesma não entendo. Pior, sinto mais do que deveria sentir.

- Não precisa se preocupar, Clara. Os meninos ficarão bem. Estão juntos e sei que o John cuidará da Scarlett.

– Ah, eu não duvido... – reviro os olhos.

– Bom, o que acha de voltarmos a mesa e bebermos nossas cervejas?!

– Pode ser.

Agora lado a lado, Jackson e eu caminhamos entre as pessoas para chegar a area das mesas.

Tento manter a conversa com o loiro para tirar as imagens do que aconteceu entre o meu aluno e eu na pista de dança, e até consigo, isso até avistar Manuela aos amassos com um cara na mesa que reservamos.

Paramos diante os dois, que sequer notam que estão sendo observados, e eu solto um pigarro para chamar a atenção de ambos. Quando nos olhamos, não sei quem fica mais surpreso, nós ou eles.

– Ah, me desculpe. – Manu diz, ajeitando os cabelos.

Observo minha amiga toda sorridente e Sebastian Wylie tão sem graça que se tivesse um buraco, com certeza se enfiaria dentro dele.

Mas que caralho... Já não basta o que fiz com John, agora Manuela também está aos amassos com um dos meus outros alunos?!

Sério, por que o universo está fazendo isso comigo?

## Por John

Cansado. É isso que eu estou, muito cansado.

Essa última semana foi tão puxada, com as provas bimestrais e todos os meus outros afazeres, que, sinceramente, tudo o que eu mais quero é voltar para casa e poder me jogar na cama, sem nem uma pretensão de levantar, não até compensar todo o sono que acumulei e sinto por querer, acima de tudo, manter o meu posto de "aluno de ouro" dos terceiros anos. Embora eu não tenha muita escolha em relação à isso.

De qualquer forma, como hoje é o meu - tão esperado - dia livre e não há nem uma obrigação escolar chata para cumprir, vou aproveitar para fazer o que há de melhor na vida: nada! Por isso acho que nunca desejei tanto que o período termine, quanto estou desejando agora. Porque, honestamente, eu só quero dormir e muito.

Fazendo a melhor expressão de compenetrado que consigo, finjo prestar atenção no que a professora de física diz enquanto luto para não cair no tédio com toda essa ladainha que ela teima em explicar pela quarta vez desde a semana retrasada, como se fosse a coisa mais importante da face da Terra e, convenhamos, não é.

– Qual é a próxima aula? – sussurro para Andy (Andrew), sentado a minha frente.

– É a aula da sua inimiga favorita, a professora Clara. – ri baixo.

Solto um muxoxo e volto a recostar na cadeira, mas sou incapaz de segurar o pequeno sorriso que surge em meus lábios de repente, assim como a inquietação que insiste em apossar-se do meu corpo sempre que a imagem daquele par de olhos claros me vem a mente.

*Ah, aqueles olhos...*

Não sei por qual razão, mas desde o dia em que nos esbarramos perto das escadas e aqueles olhos ficaram tão próximos, não paro de pensar no brilho misterioso que, estranhamente, parece

guardar todos os segredos do mundo.

Contudo, o que eu realmente não consigo esquecer é a sensação que foi tê-la nos meus braços daquela maneira. Quente, liberta e tão atraente como nunca pensei que poderia ser. E esta sensação, dia após dia, parece cada vez mais irresistível para mim.

Sério, eu devo estar ficando maluco.

Com a cabeça apoiada sobre a mão e os dedos livres batucando no caderno, continuo observando a professora falar e falar, mas, para a minha sorte, o sinal toca e anuncia finalmente o final da aula. Suspiro aliviado.

– Para a próxima semana, quero que tragam exemplos do que foi discutido na aula, está bem?!

Só para avisar, valerá nota.

Nos orienta e todos concordamos. Em menos de um minuto, arruma seu material e assim que abre a porta para sair, consigo ver a silhueta dela do lado de fora.

O inconfundível baque dos saltos que costuma usar e, diga-se de passagem, lhe dão um ar muito sensual, soam pela classe enquanto caminha em direção a sua mesa para colocar os materiais ali.

No entanto, o que realmente chama a minha atenção nessa cena tão comum é a coloração vermelha de suas bochechas, o que só pode significar que ela está irritada.

Mas, com o quê?

Mantenho meu olhar sobre si e, subitamente, estamos nos encarando como temos feito à dias.

Procuro qualquer sinal em seu rosto que possa me levar a entender o motivo de sua irritação, porém, ela respira fundo e desvia a atenção para outro ponto e nossa frágil ligação se vai, obrigando-me a respirar fundo também.

– Abram os livros e vamos continuar com os exercícios da aula anterior.

Pego o livro dentro da mochila e espero que os outros se organizem, sem em nem um instante tirar os olhos dela. Continuo observando, buscando por uma brecha, a qual parece surgir quando

Clara ergue furtivamente os olhos em minha direção e que se vai tão rapidamente quanto veio. As bochechas dela continuam tão ardentes quanto o incomodo que sinto em meu peito nesse momento.

A aula ocorre normalmente. Resolvemos os exercícios com a professora e ela pede que um ou outro aluno leia um trecho da peça Hamlet de William Shakespeare.

Como não poderia deixar de ser e também como uma forma de ter sua atenção para mim, não me contenho em trocar algumas farpas durante a explicação, e se antes eu já estava começando a ficar nervoso, sua grosseria terminou por deixar-me verdadeiramente irritado. Ou melhor, desapontado.

Afinal, o que essa mulher tem? Melhor colocando, por que eu estou tão preocupado em saber o que está acontecendo com ela?

– Antes de terminarmos a aula, eu gostaria de avisar que a relação de notas das provas bimestrais está no mural de avisos. Uns ficarão felizes, outros nem tanto.

– E um vai confirmar o que todos nós já sabemos. – Matt (Matthew) solta e todos riem, inclusive eu mesmo.

O sinal toca, anunciando o intervalo, e meus colegas começam a levantar para sair da sala. Faço o mesmo, junto com os meus melhores amigos, à fim de sair o mais rápido possível e não dar importância para a mulher que continua parada ao lado da lousa. Contudo, meu plano vai pelo ralo quando ouço meu nome ser chamado.

– John, preciso falar com você.

Paro e respiro fundo. Mas que merda!

Viro-me e a observo com a expressão mais apática que sou capaz de fazer, então digo:

– Outra vez?

– Sim, outra vez. – revira os olhos.

Suspiro e concordo. Peço para os meninos esperarem lá fora e assim o fazem, nos deixando à sós dentro da classe. Devolvo a atenção para Clara e nos encaramos por uns segundos. O brilho misterioso de seus olhos reluz de uma forma diferente e isso mexe comigo mais do que deveria. E pior, num lugar muito inusitado.

– Você está nervosa, o que aconteceu?

Pergunto, tentando esconder minha própria inquietação. Ela não responde, apenas puxa um papel dobrado do bolso e estende imediatamente para mim. Observo o que aparenta ser um bilhete em sua mão e depois seu rosto.

– O que é isso? – indago.

– Um bilhete.

Não contenho um sorriso no canto dos lábios ao ouvir o que acaba de dizer.

– Está se declarando para mim?!

– Não seja ridículo, garoto! – esbraveja e eu rio – Não é nada disso que está pensando. A tal Scarlett do segundo ano pediu, ou melhor, praticamente me obrigou a entregá-lo à você. Bom, aqui está.

– Scarlett?!

– Sim, sua companheira de aventuras sexuais.

Franzo o cenho, intrigado. Ora essa, por qual motivo Scarlett enviou um bilhete e pediu logo a professora para fazer isso? Sério, essa garota é muito cara de pau às vezes e, pelo o que a conheço, o motivo deve ser o mais idiota que posso imaginar.

E agora o motivo da irritação da professora fica óbvio, também, servindo de "pombo correio" de uma aluna, como não ficaria brava?!

Pego o papel e o analiso rapidamente. Abro e acabo sorrindo ao ler o "*Vamos lanchar juntos?!"* , escrito com caneta rosa e rodeado por coraçõezinhos, fofo se eu não achasse meio patético. De

fato, é um motivo muito ridículo. Não consigo crer que ela pediu a professora para entregar um pedido para irmos almoçar juntos.

*Scarlett é realmente inacreditável!*

– Muito obrigado por entregar o recado, professora. – digo, ainda rindo.

– Escute aqui, Berryann. – vocifera, surpreendendo-me – Se você e sua namoradinha estiverem planejando mais uma aventura pelas salas da escola, é melhor ficar ciente de que não serei boazinha como da primeira vez e não hesitarei em...

Estendo o bilhete na altura de seus olhos e deixo que leia a mensagem. Ela o faz e sua expressão é impagável, fazendo-me sorrir mais do que o normal.

– Não faremos nada que precise se preocupar, professora. – esclareço – À não ser que considere lançar juntos algum tipo de perversão.

Ela permanece calada, talvez tentando digerir a informação. Seus olhos me observam atentamente e a lembranças de tê-los tão perto me acerta como um soco, trazendo aquela sensação de volta. *"Se controla, John. Se controla!"*

– A propósito, ela não é minha "namoradinha". – solto.

– Ah, não?! Então, o quê?

– É minha amiga.

– Amiga com benefícios?! – debocha.

– Bem, isso eu não posso negar, até porquê você mesma viu. – sou sincero.

– Você anda muito audacioso, senhor John. Audacioso demais para o meu gosto.

Mordo o lábio, inesperadamente satisfeito com sua fala cheia de repreensão.

– Me desculpe, não foi minha intenção.

– Mentiroso. – solta e eu sorrio.

75

Enfio o papel no bolso do uniforme e passo os dedos nos cabelos. Observo-a por um instante.

Não posso negar, esse temperamento mexe com a minha cabeça de um jeito que não sei explicar e muito menos entender.

– De qualquer forma. – eu falo – Obrigado por entregá-lo. Agora, se me der licença, eu vou verificar a classificação das provas lá no mural de avisos.

– Você foi o primeiro outra vez, não precisa ter presa.

– Eu sei. Só quero confirmar.

– Modéstia não é muito o seu forte, não é?!

Sorrio e dou de ombros. Porém, meu sorriso desaparece quando a vejo morder o lábio e um arrepio repentino eriça todos os meus pelos. Ofego.

Encaro fixamente seus lábios rosados, que parecem até hipnotizar, e um inexplicável desejo de prová-los me invade com tanta força que, antes mesmo que eu perceba, estamos mais próximos.

Tão próximos que posso sentir o aroma suave do shampoo impregnado em seus cabelos presos.

*Estranho. Me sinto muito estranho.*

– Você não estava indo ver as suas excepcionais notas?! – ela diz, a tensão nítida em sua voz.

Inconscientemente, procuro seus olhos e assim que nos encaramos, sinto aquele arrepio de novo.

O que está acontecendo comigo?

– Como a professora disse, eu sou o primeiro, então não preciso ter presa.

Uma vontade quase insana de tocá-la cresce em mim. Mas, caralho, ela é minha professora. A mesma professora com que sempre discuto durante as aulas.

Eu não deveria sentir esse tipo de desejo, eu não deveria pensar que seus lábios - por alguma razão - aparentam ser macios e convidativos. Assim como não deveria achar essa situação muito propícia para meter o foda-se e fazer o que meus instintos estão pedindo: beijá-la.

Apesar de eu não fazer a mais vaga ideia do que porquê quero tanto isso.

Ainda perto o bastante para me embriagar com o cheiro do seu shampoo, percebo que ela olha de

um lado para o outro, talvez procurando uma maneira de acabar com a situação que nos encontramos. Certo, eu sei que é constrangedor e até errado, mas, honestamente, não quero me afastar. Não agora.

– Sua amiga! – ela solta de repente, assustando-me – Sua amiga de fo... Sua amiga está esperando para lancharem juntos e você não quer deixá-la esperando, certo?!

Observo-a por uns segundos e acabo soltando uma gargalhada em seguida. Sério que essa é a melhor desculpa que conseguiu inventar para quebrar o clima? Uau!

– Tem razão. Não quero deixar minha amiga esperando.

– Então, vá. – faz um sinal com a mão para que eu saia – Vá, vá.

Com um sorriso no canto dos lábios, enfio as mãos nos bolsos da calça e saio da sala de aula.

Respiro fundo e desço para o refeitório.

Tento controlar minha pulsação enquanto caminho, mas o cheiro do shampoo parece ter impregnado na minha camisa, bem como o calor do seu corpo ainda insiste em fluir no meu.

*Preciso me controlar. Ah, merda, como eu preciso.*

Caminho apressado e, ao entrar no refeitório, vejo meus amigos reunidos na mesa onde costumamos comer todos os dias.

– Olha quem chegou. – Matt brinca assim que me aproximo da mesa.

– Desculpe a demora. – sento.

– Afinal, o que a professora Clara queria? – Jimmy pergunta, curioso.

Tiro o bilhete do bolso e mostro.

– Ela te deu um bilhete?

– Não. – pego metade do lanche de Andy – Acreditam que a Scarlett pediu... Ou melhor, implorou para que a professora Clara me entregasse esse bilhete?!

– Está brincando?! – Seb se pronuncia, surpreso.

– Não. E o pior, foi apenas para que fossemos comer juntos agora no intervalo.

Andy revira os olhos – Afee... Sério mesmo?! A professora Clara deve ter ficado uma fera.

– Pois é. Por que você acha que eu demorei? – minto, afinal, não foi necessariamente por isso que eu demorei.

– Você não acha que a Scarlett está passando dos limites? – Lowell pergunta – Escutei rumores de que ela espalhou para o colégio inteiro que vocês estão juntos.

– Ela sabe que somos amigos de foda e nada além disso. Eu não sei porquê teima em dizer o contrário. Já deixei claro que não iremos namorar. Fui sincero ao dizer que não queria nada sério e lhe dei a escolha de aceitar ou não essa proposta. Não é como se eu estivesse a obrigando.

– Bom, isso é verdade.

– Eu gosto da Scarlett e nem digo só por causa do sexo. Ela é divertida e uma boa companhia, mas esse lado enche o saco. E outra, não é como se fosse uma paixão arrebatadora o que temos, entendem?! É só... Conveniente? Divertido? Sei lá...

– Assim como as outras?

– É. Assim como vocês também fazem, por isso não me venha taxar de canalha. – rio e dou-lhe um empurrão com o ombro.

– Por que você não dá um basta? – Austin questiona.

– Pra ser sincero, estou tentando tomar distancia. Acho que foi por essa razão que ela pediu a professora Clara para entregar o bilhete. Mas estou pensando seriamente em recusar o tal convite.

– Fique tranquilo. – Jimmy fala – Ela já passou aqui e eu disse que você precisou ajudar um professor na biblioteca, por isso não poderiam lanchar juntos.

– Obrigado, Minnie. Me poupou o esforço.

78

– Mas você ainda precisa dar um fim nessa situação, antes que as coisas fiquem mais complicadas. Scarlett é possessiva e todos nós sabemos disso, então...

– Não se preocupe, Minnie. Eu terei uma conversa franca com ela.

– Ótimo! – Matt bate palmas e sorri – Agora que está tudo resolvido, vamos planejar a noite de hoje.

– Que noite de hoje? – indago.

– A The Ministry of Sound vai lançar uma festa hoje a noite e um amigo liberou uns VIP's para nós, ou seja... É HOJE QUE VAMOS CURTIR PRA VALER!!!

E lá se vai a minha boa noite de sono.

[...]

Dez e meia em ponto e ouço a buzina do carro de Matt do lado de fora. Ajeito meus cabelos recém-pintados de castanho - que decidi mudar de última hora - mais uma vez, enfio a carteira e o celular nos bolsos, e saio para encontrar os meus amigos.

Que, com certeza, me farão ganhar reclamações por causa da música alta e as buzinas que Matt dá só por pirraça. Filho da puta!

– Sabe o que você poderia fazer? Ao invés de buzinar, enfia essa mão...

– Opa! – Andy grita – Mal começamos a noite e já está distribuindo sua indelicadeza, Johnie?!

Relaxa, cara! Vamos curtir.

– Não são vocês que terão que aguentar reclamação depois. – bufo.

– Fica tranquilo. Se eles não reclamam dos gemidos, não vão reclamar de uma buzininha. – o dono do carro solta e sorri – A propósito, gostei da nova cor de cabelo.

– Cala essa boca e dirige.

Aos risos, meu amigo dá a partida e disparamos rumo à Gangnam.

79

Conforme Andy, os outros quatro - Seb, Jimmy, Lowell e Austin - irão nos encontrar lá em frente para entrarmos todos juntos, já que Matt é quem está com os convites VIP's e conhece melhor o lugar.

Entre cantorias, gargalhadas e papo-furado, chegamos a The Ministry of Sound depois de alguns minutos e a fila quilométrica ao lado da porta é o que chama a nossa atenção. Ainda bem que nosso amigo conseguiu os convites ou teríamos que esperar até amanhã para entrar, isso se conseguíssemos.

– Ali estão eles. – aponto.

Atravessamos a avenida e cumprimentamos os demais. Noto que algumas garotas nos comem com os olhos, dando-me a sensação de que a noite vai ser muuuuito boa.

Allém de ser uma ótima oportunidade para afastar certos pensamentos que ainda insistem em revirar a minha cabeça.

– 'Bora? – Matt toma a iniciativa.

Entramos na casa e a batida eletrônica forte rapidamente nos envolve. Não que eu seja muito fã desse estilo de música, mas é boa para dançar, então está valendo.

Descemos para a area das mesas e nos acomodamos em uma perto da grade que dá visão para a pista de dança, que está fervendo com tantas pessoas.

– Já estou gostando. – Jimmy comenta.

– Hoje vamos sair tortos daqui. – Seb senta desleixado e olha ao redor – Direto para casa ou para algum hotel, com certeza.

– Farei os pedidos.

O grande "anfitrião" da noite chama o funcionário e logo dúzias de garrafas são postas sobre a mesa, uma diferente da outra. Brindamos e a diversão finalmente começa.

Rindo praticamente como hienas e de tudo que nos parece engraçado, bebemos uma atrás da outra, e não demora até que Seb e Lowell tomam seus rumos pela pista de dança, atrás de

80

companhia. Alguns minutos depois, Andy e Matt também se vão, restando apenas Jimmy, Austin e eu na mesa.

– Não vão dançar? – pergunto.

– Estou procurando um alvo interessante. – Jimmy responde, com o olhar atento na pista – Se bem que eu acho que já encontrei.

Olho na direção que aponta e vejo uma garota de cabelos curtos e vestido rosa dançando com as amigas.

– É bonita.

– E tem amigas, podemos ir todos juntos.

– Eu passo.

– Eu também. – Austin se pronuncia, bebendo sua cerveja – Hoje estou à fim de algo diferente.

– Um cara?

Ele dá de ombros e volta a beber.

– Boa sorte.

– Falando em boa sorte, acho que este não é o seu caso. – Minnie sussurra e indica com a cabeça para algo atrás de mim.

Olho por cima do ombro e vejo Scarlett entrando com algumas amigas.

– Aí, caralho!

– Se for coincidência, o universo te odeia.

– Sério, a última coisa que eu quero é essa garota no meu pé.

– Então, corra para a pista.

Sem pensar duas vezes, levanto e vou para a multidão que dança logo a baixo. Entro na pista e me misturo, tudo para que Scarlett não me encontre. Ando um pouco, à procura dos outros ou de

81

alguém que pareça interessante, mas todas as garotas ou já estão acompanhadas ou não me chamam atenção suficiente. Uma droga!

De saco cheio de tanto andar, me escoro no balcão do bar e fico observando o movimento, com o

pensamento de que estaria mil vezes mais contente se estivesse em casa, assistindo a trilogia do Homem de Ferro ou simplesmente dormindo. Se bem que, se eu ficasse em casa depois do que aconteceu mais cedo, sem dúvida ficaria remoendo aquilo e acabaria batendo uma pensando em quem eu não devo.

O que eu preciso agora é colocar a cabeça no lugar e nada melhor do que uma boa foda, com uma garota muito gostosa, para me ajudar nisso. Pelo menos, é o que eu espero.

Continuo olhando ao redor, pensando seriamente em pedir uma cerveja ao bartender, mas simplesmente esqueço até de respirar quando meus olhos recaem sobre a figura no centro da pista, dançando da maneira mais sensual que já tive o prazer de ver na vida.

Os cabelos escuros e não muito longos balançando de um lado para o outro, assim como o traseiro arrebitado que, porra, está malditamente apetitoso escondido debaixo daquele vestido justo azul.

*Linda. Não há outra palavra para descrevê-la.*

Enfeitiçado no remelexo tentador daquele corpo, permito que meu instinto - pela segunda vez em um único dia - me guie até o centro da pista e a pegue pela cintura com toda a possessividade que ele reivindica.

Seu suspiro me impulsiona a afundar mais os dedos em sua pele coberta pelo vestido azul e, também pela segunda vez em um único dia, sinto-me quente e estranho, querendo mais de uma mulher que sequer vi o rosto, mas que está me enlouquecendo de uma maneira quase violenta.

Nos aproximamos um pouco mais, mantendo meu toque firme, enquanto ela balança os quadris de um lado para o outro. Estamos à centímetros de distância, mas ainda teimo em não deixar que nossas peles se encontrem, pois sinto que no instante em que nos tocarmos, não serei capaz de controlar o desejo que cresce desenfreado dentro de mim que, caralho, está mais difícil do que eu imaginei.

Tendo a batida sensual como embalo, prosseguimos com a nossa dança, mas num pequeno descuido e ela roça o traseiro sobre o meu pau e, pronto, lá se vai todo o esforço que fiz e a minha semi-ereção se transforma em algo tão duro que chega a doer dentro da porcaria da calça de couro que tive a infelicidade de escolher.

Embriagado pelo aroma do seu perfume que lembra jasmim, afasto seus cabelos para o lado, afundo o rosto em seu pescoço e o saboreio com um beijo molhado. Sinto-a arrepiar e outro suspiro, mais longo, escapa de seus lábios que tenho plena certeza de que devem ser maravilhosamente doces.

A fisgada em meio baixo ventre é tão forte, a vontade de desvendar cada pedaço, cada curva, de tê-la colada à mim, que não me contenho e deslizo as mãos até as laterais de suas coxas e prendo nossos quadris, esfregando meu pau entre suas nádegas fartas.

E, puta que pariu, a sensação é tão gostosa que eu poderia me enfiar ali agora mesmo, sem sequer sentir remorso por isso.

Tomado pelo tesão, volto a atacar seu pescoço com beijos molhados e ela tomba a cabeça para dar-me mais acesso. Fico louco! Troco os beijos por pequenas mordidas e, não me aguento, marco sua pele cheirosa com um chupão e seu gemido me arrepia dos pés à cabeça. Caralho, como pode ser tão gostosa?

Ela segura minhas mãos sobre suas coxas e, sem prévio aviso, empina o traseiro e desliza devagarzinho no meu pênis duro feito uma pedra e acabo por grunhir, alucinado com tantas sensações, e só o que se passa em minha mente é que eu quero essa mulher rebolando a noite inteira em cima de mim.

– O que acha de sairmos daqui? – sussurro – Estou louco para vê-la rebolando assim no meu colo.

Inesperadamente, sinto que enrijece. Num sobressalto, ela se desvencilha do meu toque e, ao virar, sinto como se meu coração pudesse sair pela boca.

Ah, não. Não, não, não. Qualquer uma, menos ela.

– Berryann?! – grita.

83

Perplexo, arregalo ainda mais os olhos e fico estático. Puta que pariu!

– P-professora... – balbucio.

Meu coração dispara e minhas bochechas, assim como as dela, começam a arder tamanho é o meu constrangimento. Não acredito que estava me esfregando na minha professora. Na droga da mulher que não tem saído da minha cabeça e que vim hoje exatamente para tentar esquecer.

Merda! Mil vezes merda!

Imóvel, encaro-a e sinto meu rosto tão vermelho que mesmo a luz baixa da pista talvez não esteja conseguindo esconder. Que maldição! O pior de tudo é que seu cheiro ainda está em mim e minhas palmas formigam, ardentes, como se ainda pudessem senti-la como à segundos atrás.

*Por que essa vontade de tocá-la outra vez não passa?*

– Você... Você... Eu pensei que fosse... – ela gagueja, visivelmente nervosa.

– E-eu... Eu não sabia...

– O que está fazendo aqui? – vocifera – Esse não é o lugar para um garoto do ensino médio estar.

Sem saber exatamente o que dizer, apenas observo como olha de um lado para o outro, como se estivesse procurando por alguém no meio de tantas pessoas, e um incomodo repentino surge em meu peito.

– Professora...

– Já perguntei, o que está fazendo aqui? – encara-me.

– O mesmo que você, vim me divertir.

– Aqui não é um lugar para um garoto de dezoito anos estar, ainda mais à essa hora. Quem veio com você? Mais algum aluno está por aqui?

– Sobre isso...

84

Mas mal tenho tempo de falar qualquer coisa, pois Scarlett aparece de repente dentre as pessoas e agarra-me pelo braço. Era só o que faltava. Fugi e fugi, para no final ser pego e no momento menos oportuna. *Que ótimo...!*

Ela começa a falar qualquer coisa que não faço ideia do que seja e eu apenas mantenho meu olhar sobre Clara, que tem uma expressão nada agradável no rosto, provavelmente porquê, além de termos compartilhado aquela situação muito comprometedora, agora a "minha amiga" a ignora e está pendurada no meu braço.

Convenhamos, muito inconveniente.

– Scarlett. – chamo.

– O que?

Faço um gesto e ela vira, arregalando os olhos ao perceber a professora parada bem a nossa frente e com uma carranca enorme.

– P-professora Clara?! – ela balbucia.

Vejo que ignora completamente a garota ao meu lado. Nos encaramos por uns segundos e só então dou-me a chance de reparar o quão diferente está sem aquela típica roupa de professora e os cabelos escuros soltos. Diferente e muito bonita.

– Então a Scarlett? – pergunta friamente, tanto que me espanta.

Não respondo, tentando compreender o sentimento que há nesta pergunta, mas sem saber exatamente o que quero encontrar.

Silenciosamente, nos confrontamos, mas antes que eu possa responder, sou interrompido por uma voz muito conhecida e ao olhar para o lado, vejo o professor Jackson surgir carregando as duas garrafas de Heineken nas mãos. O que ele está fazendo aqui?

Calado, observo como se aproxima da professora com um ar preocupado:

– Clara, eu estava te procurando. Desculpa, a Manuela me parou no meio do caminho e...

Ele para de falar assim que percebe tanto eu quanto Scarlett parados à sua frente e a expressão preocupada dá lugar a uma intrigada.

– Professor Jackson? – a garota solta, espantada.

– O que você estão fazendo aqui? – ele pergunta.

– Foi a pergunta que acabei de fazer. – Clara diz, ainda irritada.

– Nós viemos nos divertir um pouco. – minha "acompanhante" fala e eu permaneço quieto – E vocês, o que estão fazendo aqui juntos? Oh! Não me digam que estão num encontro?!

Sua pergunta faz todo o meu ar desaparecer e aquele incomodo prensar meu estômago como um soco. Esses dois... Será? Não pode ser.

– Sim, estamos num encontro.

Clara solta, sem um pingo de vergonha, e apenas dá de ombros. Fecho as mãos em punho e começo a sentir os dentes doerem, sem saber ao certo quando minha mandíbula ficou tão tensa quanto está agora. Estou irritado, isso é um fato, embora eu não saiba exatamente o porquê.

– Sério professor? – ela insiste e me seguro para não mandá-la calar a boca.

– Ah, sim.

– Estão namorando?

Mordo o lábio com mais força do que o comum e sinto as sobrancelhas franzindo, claramente numa demonstração de que, se esse babaca abrir a boca para falar algo que não me pareça bom, a coisa vai ficar complicada à partir daqui.

– Não. É apenas um encontro entre amigos, não pense bobagens.

Relaxo um pouco ao ouvir suas palavras, mas a irritação de vê-los lado a lado e, principalmente, de saber que estão juntos continua em mim. Por que logo com ele?

– Huh... Não duvido que logo isso se torne um namoro, assim como espero que a minha amizade com o Johnie um dia se torne também.

Desacreditado com o tamanho da cara de pau da garota ao meu lado, olho para ela, segurando ainda mais a vontade de mandá-la calar a boca e dar o fora, mas sou outra vez interrompido e agora pela professora que me encara com o olhar repleto de raiva:

– Escute, Scarlett, sei que não estamos no colégio, mas ainda sim somos seus professores e não acho certo que você esteja se metendo em nossas vidas. – esbraveja e a faz se calar – Embora eu não aprove que estejam aqui, não posso simplesmente expulsá-los, então sigam por um lado que seguiremos por outro, ok?!

Clara agarra o braço de Jackson em seguida, sem esperar por qualquer resposta, e o puxa para o lado contrário do nosso. Parado no meio da pista de dança com Scarlett agarrada ao meu braço, observo-os desaparecer entre as pessoas e aquele incomodo revira meu estômago com força, e duvido que isso seja apenas a bebida fazendo efeito.

Estranho. Me sinto muito estranho.

87

## ***Capítulo 10***

Observo Manu e Sebastian por uns segundos, tentando compreender a cena que presenciei à pouco e, principalmente, me controlando para não puxar a orelha da minha querida amiga com fortes tendências a pedofilia que eu sequer imaginava e do garoto de cabelos arroxeados que, apesar de aparentar querer fugir, não tira a mãozinha da cintura dela.

*Esses dois... Oh, céus, esses dois...*

E quando eu penso que a situação não pode piorar, o que acontece? Isso mesmo, o universo me presenteia com três tapas na cara e me mostra que, sim, pode piorar. Pegar minha melhor amiga e meu aluno de dezoito anos aos amassos, quase transando sobre a mesa, é a prova disso.

Respiro fundo e olho de relance para Jackson ao meu lado, que parece não estar dando a mínima para o que acabamos de flagrar, o que me faz pensar se não estou sendo dramática demais.

Certo, isso aqui é uma balada e é comum que as pessoas se peguem quando estão com vontade e

que coincidências como esta aconteçam, afinal, Londres não é tão grande e a maioria das baladas se concentram nesse bairro. Mas, porra, ele ainda é um garoto de dezoito anos e que, ainda por cima, é a droga do meu aluno.

– Manu, amada, vem aqui um minutinho?!

Falo em portunhol para que os outros não entendam e sorrio, chamando-a com o dedo. Minha amiga levanta, com aquele olhar de que sabe que vai ouvir reclamação, e se aproxima deixando um suspiro escapar, assim como o hálito de vodca.

– O que foi, minha flor?

– Sabe quem é esse que você estava se atracando até agora à pouco?

– Olha, sinceramente, eu não faço ideia. Tudo o que eu sei é que esse garoto tem uma língua mágica. – gargalha, brincando com a ponta do meu cabelo – E os dedos também.

88

– Ele é meu aluno, Manu. – sussurro entredentes e a vejo arregalar os olhos – Um garoto de dezoito anos, que nem entrou na maioridade direito, será que entende?!

– Sério que ele é seu aluno? – pergunta e eu assinto – Clara, o que vocês estão ensinando para essas crianças naquele colégio?! Porque, vou te dizer, o garoto é melhor do que muito marmanjo que já peguei por aí. Ele fez um...

– Ei! Não quero saber!

Ela solta uma gargalhada e agarra-me pelos ombros.

– Clara, relaxa. Ok?! Estamos aqui para nos divertir e é isso o que estamos fazendo, pelo menos, no caso do garotinho prodígio sexual ali e eu. E outra, eu tenho vinte e quatro anos, se por algum acaso você esqueceu, e ele quis também. Não é como se eu estivesse cometendo um crime. – revira os olhos.

– A maioria dos seus alunos têm essa idade, Manu, como você pode?

– Podendo, ué! – dá de ombros – Amiga, pare de bancar a responsável reclamona pelo menos

aqui, pode ser?! Estamos em uma balada, tem uma delícia de homem tentando te dar prazer e o que mais quiser, e você está preocupada com o possível segundo round que vou ter com seu aluno?! Ah, Clara, por favor.

– Vocês...

– Língua e dedos mágicos. – sorri de canto – Sem contar...

– Está bem. – interrompo – Certo, você tem razão. O que o senhor novinho ali faz ou deixa de fazer fora da escola não é problema meu, até porquê, meio óbvio que esses pirralhos transam mais do que coelhos.

– O que você também deveria aproveitar para fazer.

– Manu!

– Estou dando a dica. – pisca – Jackson é um pedaço de mau caminho e te deseja, então, não perca essa oportunidade. Vocês são desimpedidos e...

89

Minha amiga para de falar de repente e olho fixamente para mim. Fico calada.

– Mas, olha só...

– O que?

Sinto seus dedos gelados deslizando no meu pescoço e logo um sorrisinho travesso surge em seus lábios.

– Eu sabia que o professor gato tinha uma pegada forte.

– Do que está falando?

– Estou falando dessa marca enorme no seu pescoço, não se faça de desentendida.

Arregalo os olhos, totalmente constrangida, e cubro a tal marca com a mão. Não acredito. Ele deixou mesmo um chupão no pescoço?! Ah, que merda!

Eu vou matar aquele pirralho do Berryann!

– Então, a pegada é boa? – ela pergunta.

"Boa até demais", penso, mas trato logo de afastar esse pensamento.

– N-não... Não vamos falar sobre isso agora.

– HUUUUUMM... Se ficou nervosa é porque a coisa é boa mesmo.

– Pare de dizer besteiras e vamos voltar para a mesa, sim?! Eles devem estar estranhando conversarmos tanto.

Manu dá de ombros e seguimos para os nossos lugares. Sebastian e Jackson conversam sobre qualquer coisa que não dou muita atenção, algo como o placar do jogo da NBA, enquanto eu bebo do drink que pedi à uns minutos atrás e minha amiga faz o mesmo.

E vez ou outra, nos integramos no assunto, debatendo os placares do jogos que assistimos - por não ter mais nada de muito interessante na Tv.

90

Os minutos se vão, algumas bebidas também e o novo DJ da noite coloca uma playlist bem dançante para tocar. Embora um pouco cansada, não recuso o convite de Jackson para continuarmos de onde paramos e o sigo para o centro da pista de dança outra vez. Manu e Sebastian voltaram a se agarrar do nosso lado, e tanto eu quanto o meu acompanhante, queremos ficar para saber o que vai acontecer naquela mesa.

Ao som de um remix de The Strokes, Jackson e eu dançamos animadamente. Deixo-me levar.

Trocamos risadas, algumas palavras sussurradas entre todo o barulho da pista e nos remexemos sem nos importarmos com o que possam pensar.

E a cada batida diferente, a cada sorriso e toque tímido do meu acompanhante, mais os pensamentos sobre aquele pirralho vão dando lugar ao homem a minha frente. As palavras de Manu surgem como um estalo. Eu não posso perder essa oportunidade.

Ou pelo menos, é isso que quero acreditar.

Sob o olhar atento de Jackson, tomo a iniciativa de me aproximar e enlaço seu pescoço num abraço, juntando mais nossos corpos. A música mais uma vez é trocada e Snap Out Of It do

Arctic Monkeys começa a tocar, e eu acabo por sorrir. Adoro essa banda!

– O que acha de uma dança mais... Íntima? – sugiro.

– Eu adoraria.

Ele sorri e intensifica o aperto de suas mãos em minha cintura, mas, estranhamente, seu toque não queima como aquele. Por quê?

*"What's been happening in your world?"*

*What have you been up to?*

*I heard that you fell in love*

*Or near enough*

*I got to tell you the truth"*

91

De um lado para o outro, olhos nos olhos, seguimos a batida envolvente da música. Seu corpo roça suavemente contra o meu, nossas respirações aos poucos se misturando, suas palmas que ainda receosas deslizam por meus quadris.

Dou-lhe um sorriso e acaricio os pequenos fios louros de sua nuca, num carinho sutil, sentindo-o estremecer e ofegar. Encaro seus lábios por um instante, que segundo à segundo tornam-se tão acolhedores, e, apesar de não arder como com aquele, uma vontade de experimentá-los repentinamente desperta em mim.

Mas, tal como chega, essa vontade se esvai num sopro, assim que John surge no meu campo de visão acompanhado de Scarlett e a toma nos braços como fez comigo e agora Jackson o faz.

Nossos olhares se encontram e todas aquelas sensações que provei consigo invadem-me intensamente, tanto quanto o desejo de senti-las novamente.

*"I want to grab both your shoulders and shake, baby*

*Snap out of it*

*I get the feeling I left it too late, but, baby*

*Snap out of it"*

Tento não dar atenção para os dois atrás de nós e focar no homem que está comigo, mas, basta um deslize, e estou presa aos seus irritantes olhos escuros.

Nos confrontamos, como os verdadeiros rivais que somos, e aquele comichão incomodo revira dentro do meu estômago. Eu odeio aqueles olhos! No entanto, eu odeio ainda mais à mim mesma, por não conseguir desviar deles.

92

*"Under a spell, you're hypnotized*

*Darling, how could you be so blind?*

*Under a spell, you're hypnotized*

*Darling, how could you be so blind?"*

Por cima do ombro de Jackson, vejo John acariciar o corpo da garota e em segundos a intenção de esquecer dá espaço para a necessidade de desafiar. Não sei exatamente o motivo, mas algo dentro de mim grita para que dê uma lição no garoto exibido e petulante que - sinto, mesmo que inconscientemente - tenta me tirar do sério.

Mesmo não sendo possível, colo ainda mais o meu corpo ao do loiro e insinuo-me, remexo os quadris como fiz antes e dou-lhe sorrisos. Toco os fios de sua nuca, acaricio seu rosto, deixo que me toque. E muito sorrateiramente, em meio à tudo, observo meu rival e sua, inusitadamente, expressão fechada.

*Sorrio, sentindo-me poderosa.*

Contudo, minha superioridade é quebrada brutalmente no momento em que vejo-o inclinar a cabeça para o lado e Scarlett tocar sua pele branca com os lábios, e eu nem preciso ser um protótipo de Stephen Hawking para saber o que ela pretende fazer. Da mesma forma que eu ganhei uma marca, Berryann também acaba de ganhar uma.

Olho fixamente para a cena e o que sinto é raiva. Céus, eu realmente estou com raiva e não faço

ideia do porquê; continuo observando-os, cheia de uma raiva indevida, que subitamente desaparece e transforma-se em surpresa assim que sinto os lábios de Jackson contra os meus, num selar desengonçado e totalmente inesperado.

Arregalo os olhos, perplexa, mas não o afasto. Ao contrário, fecho os olhos e permito que sua boca tome a minha e torne nosso beijo mais profundo. Levo as mãos até seus cabelos, tendo as suas apertando minha cintura, e acompanho o ritmo gostoso de seus lábios sobre os meus.

93

Sua língua, quente e suave, busca a minha com mais ansiedade e seus toques que antes continham certo receio, agora desvendam minhas curvas sob o vestido azul e me apertam contra si. Aperto mais os fios macios de suas madeixas louras e desfruto de seu beijo, seus toques, ainda que o ardor em meu corpo nem se compare ao que senti com o outro.

Com os dedos entre os meus cabelos, Jackson chupa meu lábio inferior e eu, ofegante, abro os olhos para observá-lo, mas tudo o que vejo é John parado atrás de nós e que agora me encara com um semblante carregado de um sentimento indecifrável e que, inexplicavelmente, faz meu coração se apertar.

– Me desculpe, Clara.

Desvio a atenção para Jackson e seu sorriso constrangido me faz suspirar.

– Eu não deveria...

– Está tudo bem. – digo, tentando lhe tranquilizar – Não precisa se desculpar.

– Mas...

– Jackson, foi bom. – sorrio e acaricio sua bochecha – Eu gostei.

– Sério mesmo?!

Consinto e ele sorri, aliviado. Jackson me abraça e, ao invés de encontrar aquele par de olhos escuros, encontro apenas o vazio. John foi embora.

Encerramos a noite por volta das quatro da manhã. Manu e Sebastian desapareceram em algum

momento antes de voltarmos para pegarmos as coisas na mesa e eu não duvido nem um pouco que esses dois estejam em algum motel por perto, terminando o que começaram aqui.

Por ainda estar levemente alcoolizado, Jackson deixa seu carro no estacionamento do outro lado da rua da balada e chama um táxi, e logo embarcamos rumo a minha casa. O caminho é silencioso, não só pelo cansaço, mas também sinto-me mal.

94

Não posso mentir e dizer que não gostei, o beijo do meu colega de trabalho foi bom e eu realmente gostei, foi diferente. Mas, no fundo, sei que apenas me deixei levar pela raiva e acabei por usá-lo para atingir aquele garoto idiota.

Sim, eu sei. Assim como sei que não estou nem um pouco feliz com isso.

Aquele pirralho... Céus, o que John Berryann está fazendo comigo?

– Chegamos. – Jackson anuncia.

Olho através da janela e vejo minha casa, as luzes apagadas. Pois é, Manu parece que não vai chegar tão cedo.

– Bom, acho que vou indo. – digo, com um sorriso fraco – Obrigada pela noite.

– Eu que agradeço.

Abro a porta do táxi, pronta para sair, mas sou detida antes que o faça. A mão dele pousa sobre a minha com delicadeza e, mesmo envergonhada, viro-me para olhá-lo.

– Clara, você acha que nós...

– Me desculpe, Jackson. Eu não posso te responder isso agora.

– Apenas me responda uma coisa.

– O que?

– Você realmente gostou do nosso beijo?

Encaro-o por uns segundos, ponderando no que devo dizer. Sim, eu gostei. Ou ao menos é o que me parece certo em responder.

– Sim, eu gostei.

Ele sorri e assente. Sem dizer qualquer outra coisa, deixa um selar gentil em meus lábios e então solta a minha mão. Eu saio do carro com certa pressa e aceno rapidamente antes de correr fugida para dentro de casa.

95

Ao entrar, escuto o som do carro se afastar e permito-me soltar um suspiro. Jogo os saltos de qualquer jeito ao lado da porta e caminho pela sala mal iluminada, em direção ao meu quarto, onde pego o pijama, e logo depois vou para o banheiro.

Tiro as roupas sujas e coloco no cesto. Apesar de querer um longo banho de banheira, contento-me com o chuveiro e tomo uma ducha rápida. Visto o pijama, termino de secar os cabelos e caio na cama, querendo apenas uma boa "noite" de sono para repor as energias e também para esfriar a cabeça, aquietar meu coração.

Fecho os olhos, à fim de dormir, mas o sono não vem e me pego pensando em tudo o que aconteceu, pensando naquele garoto e em todas as sensações que me provocou.

Inconscientemente, levo a mão até a marca que deixou em meu pescoço.

Encaro o teto branco do quarto e solto um suspiro, ciente de que a minha situação é pior do que eu imaginava.

John deixou mais marcas em mim do que apenas à que está em meu pescoço.

96

## ***Capítulo 11***

Não adianta. Indiferente do que eu faça, não consigo parar de pensar no que aconteceu à dois dias atrás. Por mais que eu tente e me repreenda todas as vezes, sou incapaz de tirar aquela bendita noite da cabeça, pior, aquele bendito garoto.

*Não consigo!*

Seu toque, seu calor, seu cheiro. A forma como me olhava. Tudo está impregnado em mim tão

intensamente e de tal forma que chega à ser um pouco assustador. Muito assustador. Porém, entre todas essas coisas que têm tirado o meu sono, nada se compara a marca enorme que enfeita o meu pescoço nesse momento.

Céus, como aquele garoto foi capaz de fazer tanto estrago com um simples chupão?! Ok, ok, não foi um simples chupão e sim o mais delicioso que já recebi na vida, que só de lembrar deixa-me louca. E essa sensação unida à tudo o que ocorreu naquela balada me faz pensar que, se aquele pivete conseguiu me abalar desse jeito com um beijo no pescoço, tenho até medo de imaginar o que aconteceria se nós...

– Mas pelo amor de Deus, Clara! Que tipo de merda você está pensando?!

Praticamente grito e balanço a cabeça freneticamente, horrorizada com o rumo que meus pensamentos estão tomando. Credo em cruz.

– Ele é seu aluno, mulher louca. A-l-u-n-o!

Dou uns tapinhas nas bochechas para tomar vergonha na cara. Observo a marca através do espelho mais uma vez e suspiro, voltando a passar maquiagem para cobrir o presente que recebi do mimadinho egocêntrico do terceiro ano.

– Clara, você está pronta? - Manu grita.

– Quase.

97

Mais umas batidinhas de base e então confiro o trabalho que fiz, à procura de qualquer vestígio do roxo. Olho, olho, e assim que convenço-me de que está bem escondido, pego os materiais e vou de encontro a minha amiga na sala, preparando-me para a segunda parte do pesadelo: encarar John Berryann.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estou nervosa com isso.

– Pegou tudo?

Minha amiga pergunta e eu consinto. Ela pega a chave do carro e como fazemos todas as manhãs,

entramos em seu Hyundai i15 verde tagarelando sobre qualquer coisa e dispararmos rua à fora, em menos de três minutos, logo que nos ajeitamos nos bancos.

Paramos no Starbucks da avenida principal para comprar nossos amados bolinhos e dois copos grandes de café - por pura gula - e seguimos o caminho do colégio em nossa rotineira combinação de velocidade, comida e canções cantadas à plenos pulmões, que combinou com alguns farelos de bolinho voando indevidamente.

– Nem acredito que chegamos mais cedo. – Manu comenta assim que estaciona diante o colégio de paredes brancas.

– Nem eu.

– Tudo isso é vontade de encontrar logo o Jackson?! – dá risada.

– Deixe de ser boba. – reviro os olhos.

– Ah, por favor, Clara. Não me venha dar uma de desentendida, ok?! Essa marca que você se empenhou tanto para esconder é a prova de que estão mais íntimos do que antes e que a senhorita está mais do que disposta a dar uma chance para ele. Ou melhor, dar mais do que uma chance.

Lanço um olhar mortal para a engraçadinha ao meu lado e suspiro. Ainda que eu tenha considerado e muito a possibilidade, acabei por não contar que esse belo chupão agora escondido debaixo de camadas de maquiagem foi feito por, ninguém mais e ninguém menos, do que o aluno que vivo dizendo que odeio.

98

Eu enchi o saco da minha amiga dizendo que foi errado ter pego um garoto de dezoito anos, se ela souber que eu "fiz" o mesmo, vai torrar a minha paciência até estarmos com noventa anos e usando fraudas. Então, melhor deixar como está. Mesmo que Manu acredite piamente que essa marca foi feita por Jackson e que nós estamos evoluindo para algo à mais do que apenas colegas de trabalho.

E por falar em Jackson...

Tal como o moleque do John, também não faço a mais vaga ideia de como vou encarar meu colega assim que entrar na sala dos professores.

Apesar de termos nos beijado e eu deixar bem claro que não posso lhe dar uma resposta tão cedo, sinto que nosso reencontro depois desses dias será, no mínimo, um pouco constrangedor. Isso porque, embora não tenha demonstrado, eu sei que viu a marca em minha pele e não foi certo ter saído sem ao menos dar-lhe uma explicação.

Sinto-me incomodada por causa disso.

– Acho melhor eu descer ou chegar cedo não terá valido de nada. – digo.

Ajeito as pastas em baixo do braço e abro a porta.

– A apresentação é no próximo final de semana. Você irá, não é?!

– Claro que vou. – reviro os olhos – Com todos os seus avisos, Manu, se eu não for é porque não quero. Ou porque fui abduzida uma noite antes.

– Humpf! – empina o nariz, toda presunçosa – Bom mesmo.

– Ah, mulherzinha folgada!

Manu joga os cabelos para trás e joga um beijo. Reviro os olhos outra vez.

– Ok, senhora iradinha. É melhor entrar logo.

Faço como pede, saio do carro e arrumo o amassado da saia.

– A propósito... – ela diz – Vou chegar tarde de novo, ok?!

99

– Ah, tudo bem. Só espero que seja por causa da apresentação.

– O que quer dizer?

Me inclino na altura do carro e sussurro para ninguém mais ouvir.

– Se o Sebastian faltar, não vou hesitar em ligar pra você. Afinal, eu sei que você também não vê a hora de encontrá-lo de novo.

– Vá se foder!

Gargalho com as bochechas avermelhadas da minha amiga até o ar faltar.

Ah, eu sei que ele a conquistou. Está tão transparente quanto água.

– Desencosta do meu carro, *bicht!* – esbraveja.

Ainda rindo como uma louca, dou uns passos para trás e ela fecha a porta do carro com força.

Aceno, despedindo-me, e recebo um dedo do meio bem esticado como resposta. Manu dá a partida e sai como um foguete, deixando-me para trás e chorando de tanto rir.

Respiro fundo para me recompor e finalmente entro na escola, vangloriando-me por ter chego quase quarenta minutos adiantado. Caminho tranquilamente em direção a sala dos professores, assobiando baixinho a música que ouvi no rádio durante o trajeto para cá, e observo ao redor sem realmente prestar muita atenção.

O que muda completamente quando um braço surge de repente, um pouco distante, e começa a balançar como se estivesse me chamando.

Olho mais atentamente e vejo aquele sorriso quadrado. Andrew Lee.

– Professoraaaaaaaaa!!! – grita ao longe.

Não evito em dar um sorrisinho, achando graça de toda a sua espontaneidade, e aceno de volta para se aproximar de onde estou.

– Professora Clara, bom dia!

– Bom dia, senhor Lee. – sorrio – O que faz aqui tão cedo?

100

– Os meninos e eu... – aponta para Matthew e Jimmy, um pouco afastados – Viemos antes para fazer a atividade do clube.

– Qual clube?

– Clube de música.

– Wow! Que legal.

Ele sorri de um jeito bonitinho e envergonhado.

– Então, o que deseja? – pergunto.

– Ah! Bom, os meninos e eu precisamos fazer a atividade do clube e queríamos experimentar algo novo, digo, músicas que não conhecemos muito.

– E do que precisam?

– Queríamos algumas músicas brasileiras. Como a senhora veio do Brasil, bem... – sorri

novamente, meio constrangido – Será que poderia separar algumas interessantes e nos trazer?

– Claro que posso. Pode deixar, eu trarei.

– Sério?!

– Sim. – toco seu ombro e sorrio – Conte com a minha ajuda.

– Obrigado, professora!

Andrew e eu trocamos mais algumas palavras, mas não demoro para despedir-me e voltar a caminhar para a sala dos professores. Assim que entro, deparo com a diretora e outros professores, mas quem eu realmente importa não está, o que é estranho já que ele não costuma chegar atrasado. Não sei se fico feliz ou preocupada.

– Bom dia. – cumprimento a todos.

Ponho as coisas sobre a mesa e, como todos os dias, verifico o cronograma de aulas e organizo os conteúdos de cada classe. Por uns minutos, distraio-me com esses afazeres, até notar que um

101

dos livros que preciso para hoje não está dentro da pasta e se não está aqui, só pode significar que deixei em casa. *Ótimo...!*

– Puta que...

Contenho o palavrão ao ver o professor de biologia passar. Apesar de quase soltar em português, com certeza minha cara denunciaria que boa coisa não era.

Olho para o relógio e percebo que faltam pouco mais de vinte minutos para bater o sinal, tempo suficiente para correr até a biblioteca e procurar o bendito livro.

Saio às pressas em direção ao quarto andar, subo as escadas o mais rápido que consigo e só paro diante as duas portas de madeira escura para recuperar o fôlego e constatar que a plaquinha de 'aberto' está pendurada para então entrar.

Com cuidado para não fazer barulho, empurro a porta da - mais do que - espaçosa biblioteca e vejo que não há ninguém, nem mesmo a senhora que costuma ficar antes que os alunos venham no horário da tarde.

– Onde está esse bendito livro?

Procuro com o olhar um instante e logo encontro a plaquinha com o nome 'literatura' escrito. Ok, primeiro passo dado. Agora só falta entrar nos cinco corredores dessa seção atrás do que eu preciso, o que provavelmente vai tomar mais do meu tempo do que eu imaginava já que a senhorinha não está aqui para me ajudar a achar.

Tem como isso ficar melhor?!

Sem ter outra alternativa, solto um suspiro e vou em busca do livro. Adentro no corredor principal e me guio conforme as letras que identificam cada estante. Passo a primeira. Vou para a segunda, entro, dou uma olhadinha e não encontro. Sigo para a terceira e faço o mesmo de antes, olho alguns livros e não encontro.

– Por Deus, onde está essa porcaria de livro?

102

Com as mãos na cintura, observo as prateleiras de cima, pensando em qual lugar os alunos ou a senhorinha possam tê-lo colocado, pensamento este que é interrompido por um barulho estranho que repentinamente chama a minha atenção.

Em alerta, olho para a entrada do corredor e tento escutar qualquer som. Porém, antes que eu possa distinguir o que seja, um vulto vindo do inferno surge a minha frente.

– AAAAHHHHH!!!

Solto um grito, sem dar a mínima por estar em uma biblioteca e coloco a mão sobre o peito

tamanho o susto que acabo de tomar. Céus, por um triz que não tenho um ataque cardíaco; respiro fundo para me acalmar e só então olho para o garoto parado diante mim, um pouco assustado, provavelmente pelo grito que dei.

– Que susto! – esbravejo.

– Que susto, digo eu. – retruca.

Respiro fundo uma e outra vez, e volto a postura de antes. Encaro-o parado a minha frente e, se antes fiquei assustada com seu aparecimento inesperado, agora estou assustada com a forma que meu coração parece bater mais rápido.

*De tantas pessoas, justo ele? Logo ele?*

Seus olhos escuros, que mexem tanto comigo, recaem sobre os meus e mais uma vez estou perdida entre sua imensidão. Entre os meus próprios desejos.

– O que está fazendo aqui, garoto? – pergunto.

Ele ergue a mão e mostra o livro que carrega.

– Vim pegar um livro. – responde.

Meneio a cabeça, concordando. Minha pergunta foi, no mínimo, muito idiota mesmo. O que mais ele viria fazer aqui à não ser isso?

– Ouvi um barulho. – continua – E por isso decidi verificar o que era.

103

– Bom, como pode ver, sou apenas eu.

– Sim, apenas você.

Ficamos calados por um instante, olhando fixamente um para o outro. Céus, por que esse garoto é tão bonito, tão imponente? Por que essa cor de cabelo combinou tão bem consigo e deixa-o mais irresistível? Por que não consigo parar de olhá-lo?

Mesmo que eu queira fingir estar tudo normal e que nada aconteceu, a verdade não é esta.

Aconteceu e me abalou mais do que deveria, e isso me assusta, pela simples razão de que tenho

plena consciência de que não posso corresponder a essa insensata ambição que cresce desenfreada por esse garoto.

Assim como à minutos atrás, continuamos nos confrontando, como se quiséssemos desvendar nossos mais profundos segredos. Porém, as orbes escuras que tanto confundem a minha cabeça descem para o meu pescoço e inconscientemente levo a mão até a marca escondida por trás da maquiagem.

Olho para o seu pescoço e o resquício do chupão que ganho de Scarlett ainda está ali, mas fraco demais para ser percebido por quem não observar atentamente.

Respiro fundo e novamente percebo que seus olhos estão em mim. Ele está mais perto que o normal. A tensão é palpável entre nós e pode ser cortada com uma faca. Isso está indo longe demais. A vontade de tê-lo está grande demais.

– Me desculpe. – digo, como uma forma de fugir – Mas estou procurando um livro muito importante e não posso ficar parada aqui. Então, se me der licença...

Passo por ele para sair do corredor, mas antes que eu o faça, sou detida.

– Clara.

Sua voz forte reverbera na biblioteca vazia e eriça todos os pelos do meu corpo. Engulo seco. Desde quando o meu nome soa tão... Erótico?!

104

Apreensiva, viro minimamente a cabeça para olhá-lo por cima do ombro e surpreendo-me ao notar que está tão perto quanto antes. Sua respiração em meus cabelos, seu calor em minhas costas... Sua presença em meu interior.

– Até onde você chegou com ele?

Ouçõ perguntar e quase engasgo. Viro completamente e o encaro.

– O que disse?

– Até onde o professor Jackson e você chegaram?

– Que tipo de pergunta é essa? - retruco, indignada.

– Apenas diga-me.

– Primeiro, você não tem um pingão de direto de se meter na minha vida. Segundo, e quanto à Scarlett? Huh? Que eu saiba, quem estava prestes à fazer alguma coisa naquela pista de dança eram vocês dois.

– E você não?! Do jeito que estava dançando com o professor Jackson, estava muito óbvio que acabaríamos em cima de uma...

– E se eu fosse? Hã? – interrompo – E se realmente acabamos em cima de uma cama? Isso não é da sua conta, John...

Travo. Simplesmente travo ao ser calada pelos lábios macios do garoto, pressionando os meus num beijo totalmente inesperado.

Sem qualquer reação, apenas arregalo os olhos e até mesmo paro de respirar enquanto sua boca está colada na minha e timidamente seus dedos seguram meu queixo com certa firmeza para que eu não possa me afastar.

Embora, mesmo que eu pudesse, não conseguiria. Não neste momento. Não quando finalmente posso sentir um pouco do sabor que tanto desejei experimentar.

Fecho os olhos e permito-me desfrutar de seus lábios um pouco mais, e como se previsse que minha consciência logo falará mais alto, John, num movimento rápido, segura meu rosto com

105

ambas as mãos e empurra-me contra a estante de livros, fazendo nossos corpos se chocarem graças à isso.

Agarro a barra da camisa do seu uniforme e ofego ao sentir sua língua deslizar sensualmente sobre o meu lábio inferior, pedindo o que não vou relutar nem um pouco em ceder. Com uma mordidinha, separa os meus lábios e nossas línguas finalmente se encontram, sedentas.

Mais intenso do que eu poderia imaginar, toma o que quer de mim, me faz suspirar, delirar, ao

passo que seu corpo parece quase se fundir ao meu de tão colados que estão e suas mãos grandes continuam a guiar nosso beijo e acariciar sutilmente a minha pele, causando-me arrepios gostosos.

Quente. Me sinto muito quente. Ardente, desejosa, alucinada. John Berryann está levando-me a loucura e não estou fazendo nada para impedir isso.

– O beijo dele é tão bom quanto o meu?

Pergunta ao se afastar e eu apenas o observo, desconcertada.

– Diga! – insiste.

– Como é que é?

– O professor Jackson te beijou assim como eu? Foi bom, assim como o meu?

– Você só pode estar de brincadeira comigo, moleque! – grito.

– Vamos, responda.

Desacreditada, respiro fundo para manter a calma, mas sua expressão desdenhosa leva meu esforço por água abaixo e eu não me contenho.

– Escute aqui, seu moleque mimadinho. Cuide da sua vida, entendeu?! Eu não te devo satisfações, assim como você também não me deve. Que fique bem claro que o que eu faço ou deixo de fazer só cabe a mim e o mesmo vale para você.

Antes que possa dizer qualquer coisa, largoo para trás e saio às pressas da biblioteca. Ofegante por tudo o que acabo de soltar no calor da raiva, corro em direção a sala dos professores, pouco

106

me fodendo para o livro que sequer achei, apenas querendo ficar o mais distante dele - pelo menos até o horário da aula em sua classe chegar.

Os dois primeiros períodos da manhã passam rápido, ao contrário da minha indignação com a audácia daquele moleque do Berryann. Se eu tivesse o poder de explodir cabeças com o poder da mente, com certeza já teria feito isso com a dele, para que não pudesse nunca mais se meter na

minha vida como fez de manhã.

Quem ele pensa que é? Me subjugando com aqueles olhos escuros, como se estar com Jackson fosse um erro. E pior, me beijando daquele jeito. Primeiro cobra explicações, quando ele próprio saiu agarrando a tal Scarlett como se fosse a coisa mais certa do mundo e depois ainda tenha a cara de pau de me beijar para "marcar território".

*Ah, me poupe!*

Ele está muito enganado se pensa que pode agir dessa maneira comigo, muito enganado, e eu vou mostrar que dar uma de garoto mimado 'pro meu lado não funciona.

Subo para o andar dos terceiros anos, para a última aula antes do intervalo. Entro na sala do Terceiro A como quem entra para o *front* de um campo de guerra e nem me dou ao trabalho de olhar para o pivete sentado na penúltima mesa da fileira do meio.

Como não consegui o livro, tive que mudar de última hora o conteúdo e deixar o que seria o de hoje para a semana que vem. O que foi um grande feito, já que eu não estou com cabeça para nada além de desejar a destruição de certo fedelho atrevido.

Além de desejar esquecer o quão bom foi aquele beijo.

– Abram os livros, por favor. – digo.

Conduzo a aula com mais normalidade do que a situação me permite, apesar de estar me segurando para não rebater as alfinetadas do meu rival, que parece mais atacado do que o costume. Será que está com o ego ferido porque não respondi sua pergunta? Se sim, bem feito, e que sirva de lição.

107

Em momento algum olho para ele, e se o faço, são por meros segundos. Sigo com a minha aula e pouco antes do sinal do intervalo tocar, indico quais os exercícios que devem resolver para as próximas aulas.

– Páginas quarenta e seis, sete e oito. Resolvam as questões e façam também a pequena redação,

ok?!

Ouço os suspiros contrariados dos alunos, tão costumeiros para mim, mas um comentário alheio chama a minha atenção e não é de um jeito bom. A voz que tanto conheço e que desejei a aula inteira para que não soasse mais.

– Parece que alguém precisa urgentemente de um namorado.

Ergo o olhar e lá está, John com um sorrisinho sarcástico, encarando-me atentamente e sem um pingo de vergonha na cara. Filho de uma...

– O que foi, senhor Berryann? Algum problema?

– Não, nem um.

– Tem certeza? Por que acho que esse seu comentário foi um tanto inconveniente e, à não ser que queira apenas chamar a minha atenção, acho que seria bom ficar calado.

– Agora quem pergunta o que foi sou eu, professora? Meu comentário te desagradou tanto assim? A senhora não pensou que posso estar falando de outra pessoa? Porque, a propósito, eu não citei nome algum, pelo o que lembre.

– Escute aqui...

– Apesar de ser nossa professora, não creio que seja certo me repreender por um comentário que fiz e nem foi direcionado a senhora.

– O que eu não creio que seja certo, senhor Berryann, é ficar fazendo comentários alheios enquanto ainda estamos em aula. Porque sim, ainda estamos em aula, o sinal não tocou e eu não sai da sala.

108

Com a raiva pulsando em minha veias, fecho o livro com certa força e deixo sobre a mesa. Cruzo os braços e dou alguns passos para a frente. Continuo:

– Eu não sei como você age com as pessoas ao seu redor, mas tenha certeza de que comigo a situação é diferente. Eu não tenho paciência para garotos como você, que têm tudo aos pés e

acreditam que podem tratar as pessoas como bem entender só porque o papai tem muito dinheiro ou porque são os alunos prodígios amados por todos. Entenda bem, senhor Berryann, para mim, você é apenas um garoto mimado!

A sala fica em completo silêncio, sequer as respirações podem ser escutadas direito. Continuo encarando-o e seu semblante é tão tenebroso que chega a dar receio e, pela primeira vez, começo a me arrepender de ter aberto a boca num momento de raiva.

Olho para os amigos do garoto ao lado e todos estão com expressões espantadas, como se eu tivesse acabado de cometer um erro. E ao vê-lo socar os materiais dentro da mochila e sair da sala sem consentimento ou sequer esperar que o sinal toque, percebo que talvez eu tenha realmente exagerado.

109

## ***Capítulo 12***

Espantada, observo a porta escancarada por John à alguns instante atrás e logo depois os meninos no fundo da sala, que agora se preparam silenciosamente para o lanche assim como os demais, e continuam com a mesma expressão de antes, um misto de surpresa e indignação que só aumentam o meu sentimento de culpa e...

Não! Não e não. Ele mereceu, óbvio que mereceu, e não será alguns pares de olhos censuráveis e nem aquele rostinho amargurado que não abandona a minha mente que me farão mudar de ideia.

John Berryann é um pé no saco e procurou por isso, então não há razões para me sentir culpada.

Não mesmo.

Ou, pelo menos, é nisso que eu quero acreditar.

O sinal do intervalo finalmente toca e eu dispenso os alunos para que desçam, acabando com o clima tenso que se formou graças à discussão que tive com ele, embora o grupinho do fundo ainda lance suas faíscas sobre mim.

Sozinha, deixo um profundo suspiro escapar e sento em minha cadeira, olhando automaticamente

para o céu nublado através das vidraças. Outro suspiro vem.

Ok, talvez eu tenha realmente exagerado. Apesar de todos estarem acostumados com a nossa habitual mania de debater sobre tudo, foi bastante antiético da minha parte ter dito tudo aquilo em frente a classe, e tenho plena consciência de que hoje a situação passou dos limites. John sair daquela maneira inesperada e visivelmente furioso, sem ao menos soltar uma de suas afrontas, é a prova disso.

Mas, céus, ele é tão estressante! Como não vou explodir com aquela criatura?! Primeiro se mete na minha vida, depois me beija e, pra finalizar, testa a minha paciência com uma brincadeira sem graça só porque foi rejeitado na biblioteca.

O que eu deveria pensar de um comportamento assim? Huh? Para mim, está muito claro que é um garoto mimado e que só faz esse tipo de coisa para chamar atenção quando não consegue o

110

que deseja. Sim! Ele é um filhinho de papai mimado e que esbanja o dinheiro que tem com seus caprichos idiotas. Ele é um idiota!

Guardo os materiais dentro das pastas e saio da sala, em direção a sala dos professores, para, ao menos, conseguir tomar uma xícara de café, já que perdi metade do intervalo divagando sobre aquele garoto.

Desço as escadas à passos vagarosos e caminho pelos corredores silenciosos, ouvindo ao longe as vozes dos alunos, até chegar ao meu destino.

Entro, cumprimento a todos e meu olhar recai sobre Jackson, que conversa animadamente com a professora de filosofia e o professor de química. Respiro fundo.

Assim como tive que encarar Berryann, tenho que fazer o mesmo com o meu colega de trabalho, ainda que as coisas entre nós sejam um pouco mais complicadas - se bem que eu nem tenho mais certeza do que é pior.

Me aproximo de onde estão para colocar as pastas sobre a mesa e seus olhos logo estão em mim,

seguidos por seu inconfundível sorriso gentil. Mas, ao invés de sentir-me reconfortada com seu gesto, o turbilhão que teima em revirar meus sentimentos só aumenta.

– Pensei que tinha faltado. – ele diz.

– Digo o mesmo. Não te vi quando cheguei e você é sempre um dos primeiros à chegar.

– Meu carro enguiçou no meio do caminho, tive que esperar o guincho. Por isso atrasei. Era falta de óleo. Eu sempre esqueço de trocar. – dá de ombros.

Jackson entrega-me um copo com café. Sorrio e aceito de bom grado.

– Obrigada.

Ele apenas meneia a cabeça e senta ao meu lado.

– Demorou para descer.

- Estava ajustando alguns papéis - minto e dou um gole na bebida.

111

Enquanto bebo o café que serviu, ouço-o falar sobre qualquer coisa, sem de fato prestar a devida atenção e tudo porquê o semblante repleto de ódio e amargura daquele garoto não sai da porcaria dos meus pensamentos, por mais esforço que eu faça.

Não quero me sentir culpada, não quero sentir esse aperto no peito que aparece cada vez que lembro de como saí da classe e, acima de tudo, não quero sentir essa vontade quase insana de procurá-lo e pedir desculpas. Talvez beijá-lo novamente.

*Eu não posso! Isso é errado. Sentir tudo isso é um erro.*

– Clara?! Clara, está me ouvindo?

– Hã? Ah, desculpe... – sorrio sem graça – O que dizia?

- Está tudo bem?

Solto um suspiro e encaro o copo vazio em minha mão.

– Na verdade, não muito. – confesso.

– O que aconteceu?

– Tive um problema na sala do Terceiro A.

– O John de novo? – consinto e escuto sua risada baixa – Discutiram sobre a matéria? Você sabe como ele é questionador e...

– A coisa foi mais séria, Jackson. – interrompo e observo-o – Nós realmente brigamos feio dessa vez, ou melhor, eu perdi a paciência.

– O que fez? – indaga, visivelmente preocupado.

– Em resumo, eu meio que... Humilhei o John em frente a todos os alunos.

– Como é? – arregala os olhos – Por que fez isso?

– Eu estava irritada.

112

– Irritada por qual motivo? Deve ser algo muito sério para chegar ao ponto de fazer isso com um aluno em frente aos próprios colegas.

Encaro-o e não sei o que dizer. Não posso simplesmente contar que o motivo da minha irritação foi John ter agido presunçoso só porque o rejeitei na biblioteca depois do nosso beijo. Sem contar tudo o que já estava sentindo pelo o que ocorreu na balada aquele dia e a maldita confusão que se instalou em mim.

– Ficamos nos alfinetando a aula inteira. – suspiro – Só que no final, ele soltou uma piadinha e não aguentei, perdi a cabeça. Acabei lhe dando um sermão feio e ele saiu da classe muito bravo, sequer se deu ao trabalho de pedir autorização. Só... Saiu.

– E o que você disse?

Mesmo apreensiva, digo cada palavra que direcionei ao meu aluno. Jackson me ouve atentamente e, por sua expressão, nem preciso perguntar para saber o que acha.

– Clara.

– O que?

– Você cometeu um erro.

– Sim, eu sei. Mas naquele momento, eu...

– Clara, ele é bolsista.

– Como é? – arregalo os olhos – Bolsista? O John...

– Sério que não sabia?!

Balanço a cabeça em negação, totalmente pasma, ele continua:

– Bom, eu não te culpo. Você não tem muito tempo aqui e a diretora parece que tem vergonha de dizer que existe o sistema de bolsas na escola. – revira os olhos e suspira – O fato é que John é um dos poucos bolsistas dessa escola, o único dos terceiros anos. Por que acha que os professores vivem no pé dele para que esteja sempre em primeiro lugar nas provas?

113

Jackson respira fundo e eu continuo imóvel, olhando fixamente para ele, sem saber o que pensar e muito menos o que dizer.

– Ele não está sempre no topo por ser somente um aluno prodígio, ele precisa estar para manter a bolsa ou será automaticamente expulso. De longe, é o queridinho dos professores, Clara. O John é só um garoto cobrado demais por não ter o mesmo nível econômico que os outros alunos. Dizer que ele é um mimado e que tem tudo o que quer com a ajuda do dinheiro do pai, vai contra todo o esforço que faz para manter-se aqui. Entende agora porquê ele saiu daquela forma?

Desacreditada com tudo o que acabo de ouvir, encaro a parede a minha frente e repreendo a mim mesma por ser uma imbecil que não sabe a hora de calar a boca.

Oh, céus. O que eu fiz?

[...]

Fazem exatos quatro dias que entrei na sala do Terceiro A e pedi desculpas a Berryann em frente a todos os alunos, reconhecendo o meu erro perante tudo o que aconteceu e sobre as duras palavras que lhe disse. Mas, assim como fazem quatro dias desde o ocorrido, fazem quatro dias que eu sequer escuto a sua voz.

Ele está me ignorando. Não há mais discussões, olhares sorrateiros ou qualquer outra coisa. Seu sorriso de "coelhinho" me recepcionando, mesmo que disfarçadamente. Desde aquele dia, ele simplesmente finge que eu não existo e isso está me consumindo de uma forma que jamais poderia imaginar.

A cada vez que entro na classe ou nos esbarramos nos corredores durante as trocas de períodos, procuro seu olhar e tudo o que tenho é o vazio.

Vejo-o, não só com Scarlett, mas com garotas de outros anos, sempre aos flertes e beijos escondidos, e tenho que me segurar para não caminhar até ele e, tal como fez na biblioteca, lançar na sua cara que os beijos delas nunca serão tão bons quanto o único que demos.

114

Eu errei. Sei que errei e até admiti. Não só por ter descoberto sua verdadeira situação, mas por ter consciência de que passei dos limites ao tratá-lo daquela maneira. Então, por que ele não para com essa atitude e volta a ser o Coelho Boy de antes?

O garoto petulante que adora me provocar e discutir sobre a matéria, querendo provar ser o mais inteligente, o mais esperto.

Por que... Por que ele não volta a ser o meu garoto chato?

Hoje é sábado, meu dia de folga e também o dia da apresentação de dança da Manu. A semana que se seguiu foi uma merda e eu, sinceramente, não estou nem um pouco à fim de ir. Mas prometi a louca da minha amiga que iria e não posso faltar com a minha palavra. Já basta uma pessoa chateada comigo.

E outra, mesmo que eu dissesse não querer ir, ela me arrastaria até o carro contra vontade e me jogaria no porta-malas, nesse caso, antes que isso aconteça é melhor cooperar.

Visto um jeans escuro esquecido à tempos dentro do armário, uma blusa de gola alta e calço as botas de cano baixo, finalizo com o casaco azul. O clima está esfriando rápido em Londres e não duvido que logo aquela geada de outono vai chegar para atrapalhar a minha vida e me fazer

vestir vários casacos até parecer uma bola de lã.

Deixo os cabelos soltos e me limito a passar delineador e um batom básico. Saio do quarto com a bolsa no ombro e encontro Manu nitidamente ansiosa, andando de um lado para o outro no tapete da sala. Não é a primeira apresentação dela e também não vai ser a última, mas isso não a impede de ficar assim todas as vezes.

– Vamos? – pergunto.

– Espera! Estou pensando se não esqueci alguma coisa.

Cruzo os braços e aguardo até que minha amiga repense todos os passos que deu nesta casa desde a manhã e se convença de que não há nada faltando.

115

Entramos no carro e partimos de imediato. A apresentação será em uma praça bastante frequentada do bairro de Shoreditch, onde geralmente acontecem vários espetáculos de música e dança, principalmente aos finais de semana.

Manu não para de falar o quanto está ansiosa e de vangloriar seus alunos por estarem todos prontos para se apresentar para um público que não seja do estúdio em que leciona. É possível ver o bonito brilho em seus olhos todas as vezes que fala de seus alunos. Minha amiga realmente se orgulha do que faz.

Depois de alguns minutos, estacionamos em uma rua paralela a tal praça e ao longe consigo ver que há uma quantidade grande de pessoas ao redor, provavelmente convidados dos alunos e da própria Manu. A ajudo com as bolsas e caminhamos em direção a pequena multidão à alguns metros de nós.

– Está bem cheio, hein?! – comento.

– Aqui é um ponto muito conhecido por contas das apresentações. Como os meninos chegaram antes para montar o sistema de som, devem ter chamado a atenção e o pessoal parou para olhar.

– São apenas curiosos então?!

– Acredito que tenham chamado os amigos e outros conhecidos para assistir.

Assinto e continuamos a andar. Nós nos aproximamos, cortamos algumas pessoas para conseguir alcançar o centro e, assim que bato meus olhos nos meninos agachados diante um notebook, falto cair para trás.

– Meninos! – Manu grita, chamando a atenção de todos.

Eles se levanta e a cumprimentam. Matthew é o primeiro que me vê e, um pouco surpreso, se aproxima.

– Professora Clara, olá!

– Olá! – sorrio.

– O que faz aqui? Veio para assistir à apresentação?

116

– Sim. – deixo a bolsa no chão e aponto para Manuela – A sua professora me convidou.

– Não sabia que se conheciam.

– Somos amigas à muito tempo. Moramos juntas.

– Wow! – exclama – Sério?!

Consinto e ele ri.

– Que coincidência, não?!

– Pois é, eu digo o mesmo. Não fazia ideia de que o Andrew, Jimmy e você eram alunos da minha amiga.

– Oh, não. Apenas o Jimmy e eu cursamos as aulas, o Andy veio para nos ajudar com a música.

Lembra o pen-drive que entregou a ele com algumas canções brasileiras? Foi para isso. Vamos fazer uma surpresa para a professora hoje.

– É muito gentil da parte de vocês. – sorrio – Do jeito que eu conheço minha amiga, sei que ela vai adorar.

Matthew sorri tímido e, antes que eu perceba, Jimmy e Andrew se juntam à nós e começamos

uma conversa descontraída. Esses meninos são realmente umas fofuras fazendo essa surpresa para a minha amiga, também, ela adora tanto os alunos que não é novidade esse carinho todo ser recíproco.

Ajudamos Manu com os preparativos da apresentação e terminamos de organizar tudo perto das sete da noite, uns minutinhos antes de começar. A quantidade de pessoas ao redor aumentou e consigo ver como todos estão nervosos, mas sei que vão se sair bem. Se Matt e Jimmy forem os mesmos alunos que minha amiga vive elogiando, tenho certeza de que vai ser um grande espetáculo.

Animada, dou um abraço em Manu e lhe desejo boa sorte, bagunço os cabelos dos garotos e também lhes desejo uma boa apresentação. Andrew vai para detrás do notebook, ajeitar o som e os demais começam a se aquecer um pouco mais atrás.

117

Eu, sobrando, procuro um lugarzinho bacana para sentar e assistir à apresentação sem maiores problemas e encontro num cantinho, ao lado de um casal e um grupo de amigos. Bom, o espaço não é grande, mas cabe uma pessoa. No caso, eu.

Me apresso para não perder o lugar e finalmente sento. Ignoro o casal que praticamente se engole do meu lado e fico observando a movimentação do pessoal se preparando. Acho que estou ficando mais nervosa do que quem vai realmente dançar.

Os minutos se passam e finalmente Andrew coloca a música de introdução para tocar, anunciando o começo da apresentação e chamando a atenção do público para o "palco" a frente. Me ajeito para ver melhor, mas a minha atenção é completamente tomada pelo garoto de cabelos castanhos, com uma garota desconhecida no colo, e que me encara com os olhos arregalados.

Mas que logo são tomados por uma frieza que corta o meu coração.

Eu preciso dizer que sempre odiei "coincidências"?

118

## Capítulo 13

Se existe uma palavra para descrever esse momento, com certeza essa palavra é desconforto. Apesar de todo o empenho que estou colocando para focar e curtir a apresentação dos meus alunos e minha amiga, estar ao lado de John Berryann não ajuda nem um pouco para que eu consiga isso. Muito pelo contrário.

Mesmo adotando a sua política do menosprezo, vê-lo segurar tão possessivamente a cintura da garota sentada em seu colo, os sussurros e risadinhas ao pé do ouvido e, principalmente, os beijos que trocam vez ou outra, além de tirar a minha concentração, está me irritando cada vez mais.

Porém, o que realmente está esgotando a pouca paciência que ainda me resta em meio a toda essa palhaçada, é o fato de que não está dando a mínima para a minha presença, mais do que não estou dando para a dele e sua companheira.

Ele está fazendo de propósito, eu sei que está. E pior do que anda acontecendo no colégio, o garoto ao meu lado parece ter entrado em modo 'iceberg' de tão indiferente que está e eu me pergunto como raios consegue agir dessa maneira quando sua especialidade é atazanar a minha vida.

Entre ser frio e inconveniente, acho que ele é expert nos dois.

Viro de um lado, de outro, cruzo as pernas, descruzo, ajeito a bolsa. Falto arrancar os cabelos de tanto arrumá-los. Mas nada do que eu faça parece surtir efeito e o maldito incomodo continua a cada espreitada que dou no casal maravilha.

Tanto que a política do menosprezo agora dá lugar a vontade de agarrar os dois pelos cabelos e fazê-los bater com as testas o mais forte possível. Já que estão se dedicando tanto a mostrar que querem ficar juntos, vou dar uma força e unir suas cabeças.

Respiro fundo, irritada com a bela porcaria de atmosfera na qual estou, e volto a minha atenção para o palco, onde Jimmy e Matthew dançam maravilhosamente bem a música 'Qual É?' do

Marcelo D2 que inclui no pen-drive que entreguei ao Andrew.

119

Com movimentos de hip hop e até arriscando uns passos de samba, movem seus corpos junto com Manu, que mantém um sorriso emocionado nos lábios graças à surpresa que nossos alunos fizeram com muito carinho.

Tenho certeza de que quando chegarmos em casa, ela vai passar a madrugada inteira falando e falando como os meninos foram fofos em fazer isso - embora eles não saibam que na verdade ela é espanhola e não brasileira, e eu não tenha corrigido tal equívoco por não saber o que pretendiam. Mas como dizem, o que vale é a intenção, certo?!

Sentindo um calor gostoso por ter uma lembrança do Brasil e vibrada nos movimentos dos garotos no pequeno palco improvisado, mantenho meu olhar atento e deixo que o ritmo embale meu acanhado bater de palmas e que um sorriso surja em meu rosto por isso. Os meninos também sorriem, tão grande quanto a própria professora, que tenta imitar alguns dos passos da coreografia que eles criaram.

Assim como o restante da plateia, continuo batendo palmas e gritando palavras de incentivo, elogiando o belo trabalho, isso até que um súbito empurrão em meu joelho faça com que eu olhe para o lado e encontre o casal maravilha se comendo, sem dar importância para o que acontece ao redor, ou seja, a mim. A pessoa que o pé da biscate acaba de acertar.

Afinal, por que esse idiota do Berryann veio? Se foi para se esfregar na garota ao invés de acompanhar a apresentação, deveria ter ido para um motel e feito isso por lá e não aqui. Além de ser falta de respeito com o trabalho que seus amigos estão fazendo, ninguém é obrigado a assistir essa ceninha ridícula.

Sinceramente, acho que nunca senti tanta vontade de pegar alguém pelos cabelos quanto sinto agora. Eu realmente deveria bater a cabeça desses dois, uma contra a outra e bem forte. Ah, eu deveria...

Tento manter a paciência - ou o que resta dela - para não perder o controle e colocar minha vontade em prática, mas, ao invés de ficar calma, uma ideia brota na minha cabeça. Uma ideia verdadeiramente inusitada.

Se John gosta de provocar, por que não adotar a tática e usá-la contra o próprio criador? Apesar de não conhecê-lo muito bem, tenho certeza de que sua personalidade desaforada não o deixará

120

ficar sem retrucar ou, no mínimo, quebrar sua redoma de gelo e perceber que não pode fugir de mim para sempre, pois estou tão presente em sua vida como qualquer outra coisa.

Ele terá que prestar atenção em mim, de um jeito ou de outro.

Como quem não quer nada, cruzo as pernas, pouso minha mão sobre o banco de pedra e volto o meu olhar para o palco, pronta para colocar o plano em ação. Fico assim por uns minutinhos, só para não levantar suspeitas, e assim que percebo o garoto ao meu lado distraído e meu caminho livre, não penso duas vezes em deslizar a mão sobre sua coxa marcada pelo jeans.

Sinto seus músculos tencionarem com minha carícia. Com o olhar fixo para a frente e muito discretamente, continuo alisando sua pele coberta pelo tecido e logo um resmungo contrariado chega aos meus ouvidos e me faz rir baixinho. Reparo que a garota se remexe e tiro a mão antes que veja. Porém, segundos depois, e estou acariciando-o de novo.

Com uma ambição maior do que me é permitido, desvendo sua coxa malhada e firme com meus dedos e, mesmo sem olhar diretamente, sei que consegui quebrar a frieza de outrora. Talvez mais do que isso. Talvez fazê-lo sentir o que estou sentindo ao tocá-lo tão despudoradamente como agora. O que senti ao ser tocada daquela forma na balada à dias atrás e ao ser beijada na biblioteca.

Umedeço os lábios e, numa atitude ousada, aperto sua carne com um pouco de força e outro resmungo alcança meus ouvidos. Um resmungo que, de longe, parece-me incomodado e sim desejoso, como se pedisse por mais. E, francamente, não sei o que acontece, mas eu quero dar

esse mais que seu resmungo subliminarmente pede.

*"Controle-se, Clara. Controle-se!"*, penso, ao constatar que essas sensações estão indo longe demais. O objetivo da minha ideia não é essa e sim fazer com que John entenda que, ainda que passe o restante do ano me ignorando, eu sempre estarei ali e isso não mudará absolutamente nada. É isso e apenas isso.

Não posso cair na tentação do meu próprio inesperado desejo.

121

Decidida sobre o que devo fazer, tiro a mão sem prévio aviso e a coloco sobre o banco outra vez. O som de palmas e mais palmas toma subitamente a minha atenção e observo que a apresentação, em meio a tudo, terminou e nem me dei conta.

Ainda sentada, aplaudo e assobio para Jimmy, Matthew e Manu, além dos outros alunos que também participaram, mas de canto percebo a tal acompanhante de do garoto ao meu lado levantar e sair, sabe-se lá para onde.

Ele, até então indiferente, me olha de relance e logo volta a observar o pessoal agradecendo, como se não tivesse acabado de fazê-lo. Sorrio. Pelo jeito, consegui atingi-lo do jeito que queria e agora é o momento do xeque-mate.

Me aproximo de sua orelha, vendo como os pequenos pelos de seu pescoço eriçam com a minha respiração, e então sussurro:

– Os beijos dela são tão bons quanto o meu?

Não dou tempo para que responda, apenas levanto e caminho em direção a Manu, que resolveu me chamar no momento mais propício, ajudando-me para fazer uma saída triunfal. Ou ao menos era o que pretendia, antes de ter o pulso agarrado pelo garoto e ser virada com certa rudeza, esbarrando em seu peito.

Olho para trás, com receio de que possamos ser vistos, mas a multidão de curiosos agora nos encobre e até mesmo eu não consigo ver minha amiga lá no palco.

O pivete aperta mais os dedos grandes ao redor do meu pulso, tomando novamente minha atenção.

– Pode ter certeza que são. – resmunga entredentes, com o rosto perigosamente perto do meu.

Perdida na imensidão de seus olhos escuros, que me encaram com um misto de reprovação e cobiça, deixo um riso soprado escapar perante sua tentativa de ser indiferente e me aproximo ainda mais, ficando à milímetros de distância de seus lábios, à ponto de fazê-los quase roçar. Sua respiração nervosa unindo-se a minha.

122

– Por que eu duvido muito disso? – debocho – Se fossem, você não viveria trocando de garota como troca de roupa e ficaria somente com ela. Ou estou errada?

Ele franze as sobrancelhas e não responde. Um à zero para mim.

– O que foi? O gato comeu sua língua? – provoco.

Seu olhar irritadiço continua em mim, mas noto como alterna entre os meus olhos e a minha boca, despertando aquele conhecido calor em meu estômago, o impulso de provar novamente o sabor tão único e viciante de seus lábios, o qual não sai da minha cabeça desde que aconteceu pela primeira vez.

O toque em meu pulso suaviza, contudo, ao contrário do que imaginei, John não o larga e com a outra mão, envolve a minha cintura num movimento ágil, prendendo-me ainda mais à ele. Meu coração dispara.

Com os olhos levemente arregalado, a respiração vacilante, observo seu sorrisinho cínico e praticamente perco todo o ar ao sentir seus lábios raspando de leve contra os meus.

– Como você fez questão de enfatizar na biblioteca e eu lhe digo agora, cuide da sua vida, entendeu?! Eu não te devo satisfações, assim como você também não me deve. Que fique bem claro que o que eu faço ou deixo de fazer só cabe a mim e o mesmo vale para você.

Perplexa, abro e fecho a boca várias vezes para retrucá-lo, mas simplesmente não consigo. Ele se

afasta, enfia as mãos nos bolsos do jeans em sua característica demonstração de apatia, e começa a caminhar com a intenção de largar-me para trás.

Porém, tomada pela raiva e nem um pouco à fim de deixar que saia vitorioso, seguro seu pulso com força, da mesma forma que fez comigo e o viro.

– Só para que saiba, o beijo dele é bem melhor do que o seu. – digo.

O garoto me encara por um instante e logo sorri. Aquele sorriso cheio de arrogância que me tira dos eixos. Ele se inclina, ficando com o rosto próximo ao meu e murmura:

– Por que eu duvido muito disso?

123

Sem dizer qualquer outra coisa ou dar tempo para que eu rebata, vira de costas e desaparece entre a multidão, abandonando-me com o gosto amargo da derrota na boca.

Agora eu entendo perfeitamente com a seleção brasileira se sentiu ao levar o famoso 'sete à um' da seleção da Alemanha.

[...]

Os dias passam e o nosso "voto de silêncio" prossegue. Decidi abrir mão de qualquer tipo de interação com Berryann, seja durante a aula ou nos encontros casuais que temos nas dependências do colégio. Foda-se! Se ele quer continuar com isso, então que o faça, porque eu simplesmente não dou mais a mínima.

Não procuro mais seus olhares, não busco mais sua presença na penúltima mesa da fileira do meio ou abro brechas para que nossos embates dentro de sala de aula aconteçam. Sigo com a minha vida do jeito que ele mesmo está fazendo: ignorando completamente a existência um do outro.

*Se antes eu queria sua atenção, agora quero que me esqueça.*

Depois de dar aula no Segundo C, a última do período, organizo os materiais com a intenção de também ir embora e espero que o sinal de saída toque pela segunda vez para então descer a sala

dos professores para assinar o ponto e entregar as pastas com as presenças do dia e outras burocracias.

Ao entrar, vejo que todos os professores estão na fila para entregar as listas de chamada para a encarregada da administração, incluindo Jackson, que me olha de longe e acena minimamente com a cabeça.

Apesar de saber que ele não tem culpa de nada, tenho o evitado de uns dias para cá, mantendo apenas conversas ligadas ao trabalho e uma ou outra palavra sobre outros assuntos. Nada além disso.

Estou tão irritada por esses tempos, que estou receosa de descontar minhas frustrações em quem não merece e Jackson, sem dúvidas, é uma dessas pessoas.

124

Após alguns minutos, consigo finalmente entregar todas as pastas. Com a bolsa no ombro, despeço-me dos demais professores e saio em direção aos portões da escola, à fim de pegar um táxi que possa me levar para casa, já que Manu não poderá vir e pegar um ônibus está fora de cogitação, pois ainda me confundo um pouco com as linhas que circulam aqui pelo centro da cidade.

– Clara! Clara, espere!

Olho para trás e vejo Jackson correr em minha direção. Mesmo hesitante, paro e sorrio fraco ao tê-lo diante mim.

– Está indo para casa? – pergunta.

– Sim.

– Quer uma carona?

– Ah... E-eu não quero incomodá-lo.

– Por favor, não será incomodo algum. Assim podemos conversar também, já que faz tanto tempo que não o fazemos.

Respiro fundo. Talvez seja apenas impressão minha, mas sinto que essa frase saiu com mais significado do que deveria.

– Tudo bem. Vou aceitar sua carona.

Jackson sorri e caminhamos em silêncio para o estacionamento do colégio. Nos aproximamos de seu Tucson prateado e, do outro lado da rua, parado no ponto de ônibus, vejo John escorado no muro.

Fico uns segundos o observando e tenho a atenção retribuída, como há muito não acontecia.

– Clara, vamos?!

Olho para Jackson e consinto. Entro no carro, coloco o cinto de segurança e ele logo dá a partida.

Ao sairmos do estacionamento, passamos em frente ao ponto de ônibus e, ainda que relutante, viro para o retrovisor e vejo que o garoto observa o carro se afastar.

125

Mais da metade do trajeto para a minha casa é silencioso, à não ser pelo som do rádio que preenche o espaço. O clima entre nós é estranho. Com a cabeça encostada no banco, vislumbro a paisagem através da janela, tentando assim não dar abertura para uma conversa, mas como sempre, as coisas fogem do meu controle.

– Está acontecendo alguma coisa, Clara?

Pendo a cabeça para o lado de Jackson, concentrado no trânsito - ou algo do tipo.

– Não. Por quê?

– Você anda distante ultimamente. – olha-me de relance – Quase não conversamos mais e às vezes tenho a sensação de que está fugindo de mim. Por acaso isso tem algo a ver...

– Não se preocupe. – suspiro – Não é nada do que esteja imaginando.

– Então, o quê?

– É só que... Ando com a cabeça muito cheia.

– Por conta do trabalho?

Assinto e ele parece entender, pois não pergunta mais e volta a atenção para a avenida. Solto mais um suspiro e fecho os olhos, repreendendo a mim mesma por estar mentindo tão descaradamente dessa maneira.

Ok, não é de todo mentira que ando com a cabeça a mil, mas o motivo - de longe - é o trabalho.

Nossa conversa se encerra e antes mesmo que eu note, Jackson estaciona em frente ao portão de casa. Mas, em vez de soltar o cinto e despedir-me, permaneço sentada e calada ao seu lado, sendo acompanhada por ele. Não sei exatamente o porquê, mas algo diz que não devo sair antes de dar-lhe alguma explicação.

– Jackson...

– Você sabe que sempre estarei aqui para ouvi-la, não é?!

– Sim, eu sei.

126

– Então, não precisa apressar as coisas. Apesar de não saber o que acontece, consigo perceber que não está pronta para contar o que tanto lhe incomoda.

Respiro fundo, engolindo a minha falta de vergonha na cara com dificuldade.

Definitivamente, esse homem não merece alguém como eu.

– Obrigada. – sussurro.

– É para isso que serve os amigos, certo?!

Dou-lhe um sorriso fraco ao destravar o cinto e, por fim, saio do carro. Aceno rapidamente e saio à passos apressados para dentro de casa.

Sozinha em meio ao breu da sala de estar, respiro fundo o quanto posso e vou para o banheiro, desejando o toque da água quente sobre o corpo e assim amenizar um pouco que seja a tensão

que mais um dia de trabalho me trouxe.

Após um longo e relaxante banho, minha amiga chegar com as compras e duas porções de batata frita, comermos e arrumarmos a bagunça que fizemos, vou para o quarto com a intenção de assistir um ou dois - ou mais - episódios de *The Crown*, que deixei de assistir para colocar as demais em dia.

Jogada sobre os travesseiros e com apenas a luz do abajur acesa, criando aquele clima perfeito para séries, ajeito o notebook sobre as pernas e coloco o episódio para carregar, feliz da vida por conseguir ver o Matt Smith depois de tanto tempo.

No entanto, antes mesmo que eu possa apertar o 'play', o toque do celular atrapalha meus planos. Pego o aparelho e vejo que é um número desconhecido. Por que raios um número desconhecido está me chamando às onze e meia da noite? Penso em ignorar e voltar para a minha tão amada série, mas uma segunda chamada desperta-me a curiosidade e acabo por deslizar o botão para o lado e atender.

– Alô?

Não há resposta, somente uma respiração rápida. Estranho.

127

– Alô? Quem é? Se continuar em silêncio, eu...

*"Professora Clara?!"*

Paraliso ao reconhecer a voz do outro lado. Como essa criatura conseguiu o meu número de celular? Ah, claro, eu sou a responsável da sua classe, óbvio que teria o meu número, todos têm, ele não seria uma exceção.

– John?!

*"Sim, sou eu."*

– Ora, ora... O voto de silêncio acabou por acaso?! – debocho e escuto seu bufar irritado – Por que está me ligando à essa hora, moleque? O que você quer?

*"Ah, está muito ocupada?"*

– Para falar a verdade, estou sim. E então, desembucha logo!

Ele fica calado por uns segundos, como se estivesse ponderando se deve ou não dizer alguma coisa, mas acaba dando-se por vencido com o meu suspiro irritado.

*"Ahn... Será que... Pode vir me buscar na delegacia?"*

128

## **Capítulo 14**

Espera... Delegacia?! Ele acabou de falar delegacia?!

– O que você disse? – indago, desacreditada.

*"Poderia vir me buscar na delegacia?"*

Encaro fixamente a parede a minha frente, esperando que a ficha caia, mas ela não cai. Olho para o visor do celular, só para conferir que não estou sonhando, mas a ligação correndo e a voz do garoto do outro lado da linha chamando o meu nome acaba com essa possibilidade. Totalmente.

– Você está de brincadeira comigo, não é?!

*"Olha... Eu até queria, mas não estou."*

– Meu Deus, garoto, o que você fez?

*"Desculpe, mas esse não é o melhor momento para explicar" – suspira – "Será que poderia vir o mais rápido possível?! O delegado não parece estar com muita paciência."*

– Puta que... Tudo bem, tudo bem. – respiro fundo – Me diga o endereço.

Salto da cama atrás de papel e caneta, e trato de anotar logo o que ele diz. Sem perder tempo e com uma vontade imensa de dar uns tapas naquele moleque, pego o primeiro jeans que encontro no armário, visto um moletom sobre a blusa do pijama, prendo os cabelos em um rabo de cavalo e enfio a carteira no bolso juntamente com o celular.

Saio do quarto às pressas e vou direto para a porta de Manu, pedir emprestado as chaves do carro, pois à essa hora só conseguirei chegar rápido na delegacia se for dessa maneira. Bato uma, duas,

três vezes e nada. Bato outra, espero e nada.

Será que já está dormindo? Encosto a orelha na porta e só o que consigo ouvir é o som alto da televisão.

Minha amiga e essa mania de dormir com a tv ligada.

129

– Manu, acorda! Eu preciso falar com você, é urgente!

Chamo e, outra vez, nada. Bufo.

Que o universo me dê paciência para esse sono pesado da Manuela.

Irritada e com o tempo contado, vou atrás dos meus tênis. Corro de volta para o quarto e me abaixo para resgatar o par de All Star's debaixo da cama, porém, me assusto com o barulho alto de algo caindo no quintal, bem próximo as janelas dos quartos, tanto que bato com a cabeça no estrado da cama tamanho o susto.

Mesmo receosa com o que possa ser, me aproximo da janela para espiar através da cortina enquanto passo a mão na cabeça para amenizar a dor e tomo outro susto ao ver Sebastian Wylie atravessar o portão de casa e correr rua à fora.

O que raios esse garoto estava fazendo aqui? Ou melhor, por que esse garoto acaba de pular a janela do quarto da minha amiga?

Atônita, observo-o cruzar para o outro lado e desaparecer na esquina, indo em direção de qualquer lugar que não sei e como em um passe de mágica, Manuela surge na entrada do quarto com a expressão mais descarada que já vi na vida.

Ofegante e com os cabelos desarrumados, a blusa vestida do avesso, e sorrindo como se nada tivesse acontecido. Que cara de pau!

Lanço meu olhar acusatório e nos confrontamos por um instante, mas basta eu cruzar os braços para que ela suspire e solte tudo:

– Você viu, não é?!

– Óbvio que eu vi! E como não iria ver, se o garoto fez um barulho desgraçado quando pulou da janela e chamou a atenção da rua inteira?!

Ela fica calada, talvez amaldiçoando o fato de Sebastian ser tão atrapalhado.

130

Respiro fundo, tentando manter a calma. Como se não bastasse o pirralho que tenho que buscar na delegacia, agora tenho que lidar com outro que, "supostamente", está visitando o quarto da minha amiga a noite e sabe-se lá desde quando.

– Eu só espero que tenha uma boa explicação para um garoto de dezoito anos, ainda por cima meu aluno, estar aqui à essa hora da noite. – ralho – Espero mesmo.

– Fazer a inscrição para as minhas aulas de dança que não foi, né. – debocha – Ah, Clara, por favor. Eu não preciso explicar e muito menos mentir, porque você sabe exatamente o motivo pelo qual o Sebbby esteve aqui.

*"Sebbby?!"*

Observo minha amiga e suspiro. Talvez eu esteja exagerando demais. Esses dois são livres para fazer o que quiser e não sou eu quem vou dizer o contrário, até porque eu nem tenho esse direito.

Além disso, está claro que não adianta brigar ou dizer que isto é errado - embora não haja realmente um motivo que possa atrapalhá-los - pois esses dois continuarão se encontrando, queira eu ou não, esteja certo ou não.

Um pouco mais relaxada, pego os tênis que larguei com o susto e digo:

– Olha, não sei quanto a aula de dança, mas que você fez ele se mexer... Ah, isso eu sei que fez.

Manu gargalha e acabo por fazer o mesmo.

– A sua sorte é que eu estou com muita pressa, mas não pense que essa conversa acabou por aqui, entendeu?! A senhorita ainda vai explicar qual é a sua relação com o Sebastian.

– Mesmo que eu quisesse, não vou poder fugir dessa conversa, então... – dá de ombros – Mas, agora que tocou no assunto, por que estava me chamando com tanta urgência? Aconteceu

alguma coisa?

No mesmo instante, toda a raiva que acabei esquecendo por conta desse acontecimento repentino volta como um soco, assim como a vontade de encontrar logo aquele fedelho e dar-lhe uns bons tabefes.

131

– Aquele pirralho do Berryann...

– O seu garoto mimadinho?!

– Ele não é meu garoto mimadinho! E sim, esse idiota mesmo.

– O que tem ele?

– Está na delegacia e por isso eu preciso do seu carro emprestado.

– O que? – arregala os olhos – Como assim na delegacia? O que ele fez?

– Pois é, eu também não sei ao certo. Ele ligou para o meu celular à alguns minutos atrás e disse que precisa de ajuda. Pediu que eu fosse buscá-lo por lá.

– E você vai?

– Não tenho escolha, afinal, eu sou a responsável pela turma. – reviro os olhos – Se acontecer alguma coisa com qualquer um deles, seja dentro ou fora da escola, sou eu quem respondo na ausência dos pais e familiares.

– É sério isso?!

– Tão sério quanto à vontade que estou de agarrar aquele garoto pelos cabelos.

– Às vezes acho que você tem vontade de outra coisa, viiiuuuu...

Cutuca minha bochecha, rindo, e só o que eu faço é revirar os olhos.

– Bom, então eu acho melhor você ir logo. Porque se ele te ligou, significa que nem os pais e nem outros parentes foram para ajudá-lo.

Suspiro. Apesar da raiva que sinto por ter sido interrompida na hora sagrada da minha série e tirada da minha cama quentinha, não posso negar que estou preocupada com o fato de que -

aparentemente - nem um dos parentes dele tenha ido até a delegacia para resolver a situação e eu precisar tomar essa responsabilidade.

Manu corre até a mesinha ao lado do sofá e me lança as chaves do carro, que agarro no ar. Calço os tênis rapidamente e saio rumo a garagem.

132

Trato de digitar o endereço no GPS assim que me ajeito no carro e disparado como um raio em direção a tal delegacia, que fica em um bairro à bons minutos de onde moro.

Dirijo o mais rápido que posso, ensaiando todos os palavrões que pretendo soltar para John logo que esse problema for resolvido e trenando no volante o aperto que estou louquinha para dar em seu pescoço. Eu realmente quero matar aquele garoto!

Minutos se vão e finalmente chego ao 24o Distrito Policial. Estaciono o carro de qualquer jeito e caminho apressadamente para a entrada do prédio. Peço informação para um dos policiais e ele aponto para uma porta, no final do pequeno corredor.

Agradeço e vou à passos fulminantes na direção que apontou, pronta para mostrar a Berryann que estar na delegacia nem se compara ao que pretendo fazer com ele. Porém, minha irritação morre assim que entro na sala e vejo, não apenas ele, mas Austin e Lowell sentados diante o delegado e outros meninos que não conheço e um casal, que acredito serem os pais de algum deles.

Me aproximo, tomando a atenção de todos e tomo um susto ao ver os rostos dos três meninos cheios de ferimentos. Entraram em uma briga?

– Posso ajudá-la? – o delegado se levanta.

– Eu sou a professora responsável por esses três meninos. – aponto para eles – Meu nome é Clara.

Aperto a mão do homem de aparentemente trinta e cinco anos.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Eu te digo o que aconteceu. – a mulher desconhecida se pronuncia, fazendo-me virar e

observá-la.

Por longos e exaustivos minutos, ela fala e fala como o filho e seus amigos foram "brutalmente" atacados pelos três garotos silenciosos atrás de mim, e que não espera menos do que uma indenização ou que os culpados passem a noite na cadeia.

Olho por cima do ombro, entediada com o discurso ininterrupto da tal mulher e dou uma boa analisada nos machucados dos meninos, principalmente em John.

133

Repentinamente, como se soubesse estar sendo observado, ele ergue o olhar e nos encaramos. Embora minha raiva agora seja voltada para a louca que não fecha a matraca, mostro à ele que não estou nem um pouco contente com o que está acontecendo e, pela primeira vez, o garoto suspira e não distribui sua arrogância.

Milagrosamente, Berryann sabe que está errado.

A falação se estende mais do que deveria e eu, no limite de mandar a mulher calar a boca, respiro fundo e então digo:

– Deixe-me ver se entendi. A senhora está dizendo que os meninos atacaram seu filho e os amigos deles por inveja? Ainda mais de um celular?

– Isso mesmo. – aponta para Austin – Foi aquele ali que começou.

Solto uma risada anasalada. Inveja de um celular? Tanto Austin quanto Lowell podem comprar a loja da Apple se quiserem e estão com inveja de um mero celular? Além disso, Austin começou a briga? Ah, pelo amor de Deus. Poupe-me!

– De acordo com o que o senhor Yule contou. – o delegado fala – Um dos meninos, o que começou a briga, pegou o celular dele enquanto estava no chão. No caso, um Iphone 7.

– O senhor verificou isso? – pergunto.

– Sim, mas... – puxa a bandeja com os celulares – Aqui está o problema.

Ele deposita quatro Iphone 7, todos da mesma cor, e um Samsung J7 sobre a mesa. Respiro

fundo. 'Ô mania chata que esses jovens têm de seguir tendência.

– Se o problema é saber a quem pertence cada Iphone, por que não pediu que colocassem as senhas? – questiono – Os celulares estão bloqueados, não estão?

Ele me olha e concorda, como se eu tivesse acabado de descobrir o maior segredo do mundo, sendo que essa era a resposta mais óbvia para o problema.

134

Seguindo a minha ideia, devolve os aparelhos aos seus respectivos donos. Não me surpreendo ao ver que John é o dono do Samsung, o qual enfia o celular no bolso de imediato, já que está fora de suspeitas.

– Meninos, desbloqueiem os celulares e mostrem para mim.

Lowell o faz de imediato, assim como os outros dois meninos, ao contrário do amigo de cabelos castanhos, sentado entre eles. Todos olhamos para ele e ficou mais do que claro que temos um vencedor, nesse caso, um perdedor.

– Dê o celular para Austin. – digo.

Hesitante, ele o faz e no mesmo segundo, meu aluno desbloqueia o aparelho e mostra para o delegado, que bufa irritado e fuzila o garoto e os pais.

– Eu deveria multá-los por falsa acusação, mas vou deixar isso nas mãos do verdadeiro prejudicado. – suspira – Senhor Yule, gostaria de abrir uma queixa?

O menino parece pensar e busca apoio em mim, que apenas meneio a cabeça.

– Não, senhor delegado. Não vou abrir uma queixa.

– Então, peço que assinem um acordo e então estarão liberados.

Depois de mais alguns minutos e pedidos de desculpas por parte dos garotos e do casal envergonhado, o delegado nos libera e mal tenho tempo de respirar aliviada e vejo Berryann sair apressado e sem dar satisfações da sala.

– John! – grito.

Tão apressada quanto, vou para a entrada da delegacia e tudo o que encontro é o estacionamento parcialmente vazio, sem qualquer sinal do moleque. Esfrego as mãos no rosto, contando até dez, mas sou obrigada a manifestar toda a minha raiva.

– Eu vou te matar, garoto! – esbravejo em português.

– Professora?!

135

Olho para o lado e Austin e Lowell estão parados, me observando.

– Está tudo bem? – o mais velho pergunta.

– Sim, está. Eu só quero matar o Berryann, mas nada fora do comum.

Os dois riem e eu também, mas logo tomo uma postura severa e digo:

– Não pensem que não estou brava com vocês. – ambos encolhem os ombros, envergonhados.

Suspiro – Vamos, vou levá-los para casa.

Cruzamos o estacionamento e entramos no Hyundai i15 verde da minha amiga, um senta ao meu lado e o outro no banco de trás.

– Me digam o endereço da casa de vocês para que eu coloque no GPS.

– A senhora não pode me deixar na casa do Lowell? – Austin pergunta.

– Claro que não. Quero falar com os seus pais sobre o que aconteceu, assim como farei com os pais dele.

– Meus pais não estão em casa. – retruca.

– Como assim não estão?

Ele dá de ombros e, nitidamente irritado, não responde mais nada. Não insisto. Apenas viro-me para Lowell no banco de trás.

– E os seus?

– Eu moro sozinho.

– Sozinho?

– Sim. Meu pai está no exterior.

Pela milésima vez em uma única noite, suspiro, sentindo-me uma tola. Não sei porque raios tive a ideia de falar com os pais deles. Se não vieram ajudar os próprios filhos, um motivo teve e esse motivo é o fato de não estarem "disponíveis" para isso.

136

– Tudo bem. – digo, por fim – Lowell, diga o endereço da sua casa que deixarei vocês lá. Certo?!

Ambos concordam e então saímos do estacionamento da delegacia.

Como presumi, o apartamento do meu aluno fica em uma área nobre da cidade e o silêncio no carro é tão constrangedor quanto a circunstância que passamos à minutos atrás.

John Berryann não sai da minha cabeça desde que deixamos a delegacia e só o que eu quero saber é para onde esse garoto foi com tanta pressa e, principalmente, saber como os três acabaram em uma delegacia. Já que, apesar de suas personalidades um tanto estranhas, não me parecem encrenqueiros de fato.

– Apesar de tudo ter sido esclarecido e não ter acontecido mais do que um sermão, o que fizeram foi errado. – falo, quebrando o silêncio – Afinal, o que aconteceu para que fossem levados à delegacia? Realmente foi só por causa do celular?

Os dois ficam calados e sinto que há mais coisa por trás dessa briga do que apenas o que disseram.

– E então?

– Para ser sincero, o motivo foi outro. Mas, me perdoe, eu não quero lhe dizer qual foi. – Austin respira fundo e, envergonhado, se nega a olhar para mim.

– O motivo foi tão grave assim?

Ele não responde. Respiro fundo. Pois é, com essa quietude toda, já deu para perceber que sim, foi por um motivo grave.

– Tudo bem, não precisam contar. Mas quero que saibam que vou ficar de olho em vocês à partir

de hoje e não serei tão compreensiva se acontecer de novo. Estamos entendidos?!

– Sim, professora. – dizem uníssono.

Com a atenção na avenida, hesito um pouco antes de perguntar.

– E o John? Por que ele estava na briga?

137

– Ele não teve culpa de nada. – Lowell se pronuncia – Na verdade, nós que o arrastamos para a briga, de alguma forma.

– Como assim?

– Estávamos dois contra três e, como a senhora pôde perceber, tomamos uma surra antes do John aparecer e nos ajudar. Ele simplesmente largou as compras e foi pra cima dos caras, querendo, primeiramente, apartar a briga. Como não conseguiu, acabou saindo no braço também e aí a polícia nos enquadrrou.

Ótimo! Agora me sinto culpada por pensar que ele foi parar na delegacia por mais um de seus caprichos, sendo que ele apenas ajudou os amigos e acabou pagando também, sem realmente ter culpa pelo o que aconteceu.

*Ótimo... Mil vezes ótimo!*

Estaciono em frente ao prédio que o GPS indica e Lowell confirma ser o seu. Os dois garotos me agradecem, tanto pela carona quanto por tê-los tirado da delegacia, e saem do carro. Porém, antes que possam se afastar muito, eu grito:

– Sabem que podem contar comigo para o que precisar. Seja o que for, ok?!

Eles assentem, visivelmente encabulados, e seguem para dentro do prédio.

Dou a partida, faço o retorno e sigo o meu caminho de volta para casa, depois de uma noite em que eu deveria somente ter assistido mais episódios do que pretendia e que foi substituída por uma visita repentina a delegacia.

Cansada e desejando intensamente minha cama, refaço o trajeto, agradecendo por todas as vias

estarem livres e facilitar a minha chegada em casa.

No entanto, ao virar a esquina próxima a delegacia em que estive à quase uma hora atrás, falto bater o carro assim que vejo John sentado em um ponto de ônibus, com os braços cruzados e a cabeça encostada no vidro.

Dou ré e paro próximo ao meio fio. Saio do carro e caminho em direção à ele, que só percebe a minha presença quando estamos frente a frente e então ergue a cabeça para observa-me com seu

138

par de olhos escuros, os quais, não posso negar, desejei por todos esses dias vislumbrar tão de perto novamente.

– O que está fazendo aqui? – pergunto.

– Estou esperando o ônibus.

– Foi por isso que saiu tão rápido da delegacia?

– Sim.

– E está esperando desde àquela hora?! Por que não pegou um táxi?

– Eu não sou bolsista à toa, sabe?! – retruca.

Sua resposta rude me surpreende, mas eu não poderia esperar menos de John Berryann. Sério mesmo que vamos continuar nesse joguinho?

Definitivamente, isso já foi longe demais.

Ciente de que devo dar o primeiro passo, até porque estamos nisso por culpa minha, me aproximo e sento ao seu lado. Ele não se afasta, o que é um bom começo. Ficamos quietos por um instante, mas logo trato de fazer o que tem que ser feito.

– Sei que lhe pedi desculpas em frente aos outros alunos, mas acho que o certo é pedir pessoalmente. – olho-o de relance – Me desculpe, John. Sinceramente.

Ele solta um suspiro longo e diz, ainda sem olhar para mim:

– Tudo bem. De qualquer forma, você não sabia. Não posso culpá-la por isso.

– Sabendo ou não, foi errado o que eu fiz e reconheço. Não deveria ter sido tão grosseira e tratá-lo daquela maneira. – observo a rua vazia – Apesar de você me tirar do sério e merecer às vezes... Ouço sua risada. Opa, estamos progredindo!

– Os meninos contaram que você foi para ajudá-los. Foi legal da sua parte, embora tenha acabado na delegacia também.

139

– Acabou acontecendo. – dá de ombros – Não me arrependo. São meus amigos, afinal de contas. Tinha que ajudá-los.

– Entendo. A propósito, por que me chamou?

– Tentei ligar para a professora de física, que é a responsável do Terceiro B. Também tentei ligar para os pais do Austin e do Lowell, mas ninguém atendeu. Então, acabei ligando para você.

– Ou seja, eu fui sua última opção?!

Novamente sua risada chega aos meus ouvidos e acabo por rir também. O silêncio volta a se instaurar entre nós, mas não é desconfortável como os outros, muito pelo contrário. É mais agradável e significativo do que eu poderia imaginar.

– Obrigado.

Viro-me e percebo que está me encarando. Ficamos assim por minutos que sequer posso contar, confrontando um ao outro, mas sem a rixa de sempre. Há apenas curiosidade. Mais que isso. Há interesse, malícia, vontade.

– Obrigado por ter vindo me ajudar.

Seus olhos escuros encaram-me fixamente, com se procurassem por respostas, assim como os meus. Nesse momento, ainda que pareça muito estranho e eu não saiba explicar o porquê, consigo enxergar o verdadeiro John Berryann. Sem a arrogância, a prepotência e a frieza. A diferença de idade ou a maldita ética professora/aluno.

*Tão somente, ele.*

– Quer uma carona?

– Quero você.

Espanto-me, porém, a luxúria em seus olhos negros leva qualquer sentimento que não seja desejo para bem longe, até mesmo o meu bom senso.

Guiada por toda a minha ambição e sem dizer qualquer outra coisa, seguro seu rosto com ambas as mãos e ataco seus lábios, aproveitando do sabor que, desde a primeira vez, ficou gravado em

140

minha mente e que se tornou um vício. Depois de tantas provocações, eu finalmente os tenho para mim. Só para mim.

Como fez na biblioteca, desliza a língua por meu lábio inferior e com uma mordidinha aprofunda o beijo, metendo sua língua atrevida em minha boca. Uma de suas mãos embrenha-se em meus cabelos e a outra aperta a minha cintura, com a mesma possessividade que me deixa louca.

Tão faminto quanto eu, puxa-me para perto, quase fazendo com que eu sente em seu colo, e toma tudo o que quer. E eu, sem dar a mínima para o fato de estarmos em um ponto de ônibus, cuido de acabar com o espaço que há entre nós e sento de vez sobre suas pernas.

De um lado para o outro, nos esbaldamos com os lábios um do outro, até que ofegantes, nos afastamos para tomar um pouco de ar - e vergonha na cara também.

– Ainda quero a carona. – ele sussurra, fazendo-me rir.

– Quer? E para onde?

– Para a minha casa.

141

## ***Capítulo 15***

Seu convite, mesmo que implícito, faz minha boca secar. Continuamos a nos encarar e eu sei exatamente o que quer. Sei que me deseja.

Seus intensos olhos escuros o denunciam assim como o meu coração acelerado denuncia que não

sou mais capaz de lutar contra essa vontade que cresce e cresce dentro de mim. Eu não posso mais negar, não posso mais fugir.

Tudo o que eu mais quero é ter John entre as minhas pernas. Me beijando, me enlouquecendo, me tocando...

*Me fodendo.*

Ainda que eu tenha lutado com unhas e dentes para não cair em tentação, a atração que sinto por esse garoto, por meu aluno, é maior do que qualquer coisa. Que o meu bom senso, os meus princípios ou o que seja. A cobiça por ele é maior do que tudo.

*Irresistível. Ele é irresistível!*

Com seu charme, seu jeito arrogante, seus olhos impressionantes e todos os seus segredos, esse garoto foi ganhando espaço em meus pensamentos e antes que eu pudesse perceber, estava enraizado em mim até a raiz, tomando meus anseios e tornando-se o grande motivo de todos eles.

Minha fantasia mais profunda, meu desejo mais escondido.

O gemido abafado no travesseiro, nas noites em que meu corpo desejava o seu.

Minha completa perversão. Meu garoto descarado.

– O que me diz? Ainda vai me dar a carona? – pergunta, alisando minha cintura por debaixo das roupas e causando-me arrepios.

Me inclino para ficar bem perto de sua orelha, chupo o seu lóbulo e dou-lhe uma mordidinha em seguida, então sussurro:

– Vou dar mais do que isso.

142

Ouçoo ofegar e num impulso me pressiona contra a sua ereção. O jeito como fricciona nossos sexos me deixa louca de tesão. Queimando, gotejando.

Eu o beijo, faminta, e suas mãos que antes estavam em minha cintura, descem para a minha bunda e apertam com desejo, fazendo-me suspirar sobre os seus lábios e sentir ainda mais sua

dureza pulsando contra o centro do meu prazer. Excitante! Provocante!

Nossos olhos se encontra assim que nos afastamos e não há nada o que ser dito. Estamos dispostos a levar isso até o fim. Até que nossos corpos estejam entrelaçados sobre a cama de seu quarto e de onde sairemos somente quando estivermos satisfeitos.

– Me dê as chaves do carro. – diz.

– Como é?

– Me dê as chaves.

– E por que eu te daria?

– Porque não sabe onde fica a minha casa?! – ergue a sobrancelha, com ar risonho.

– É para isso que existe o GPS, certo?! – retruco – Garoto, esse carro não é meu. Além disso, tenho quase certeza de que não tem habilitação e se formos pegos, quem responde sou eu. Então, pode esquecer!

John sorri, mostrando seus dentes de coelhinho, e murmura depois de ajeitar uma mecha fujona do meu cabelo:

– Você fica muito sexy quando age toda mandona, sabia?! Me excita.

Eu olho, olho e olho. Está tentando me ganhar na barganha. Mas, ainda que seu sorriso e jeitinho sedutor sejam uma boa artilharia, não me dou por vencida e digo:

– Sem chance!

Ele solta uma gargalhada e em seguida um tapa em uma das minhas nádegas.

– Teimosa.

143

Mesmo espantada com seu atrevimento, sorrio e lhe devolvo a "carícia" com um puxão leve nos cabelos, erguendo seu rosto em direção ao meu.

– E você, é muito ousado para o meu gosto.

– Mais do que imagina.

Mordo o lábio e outra vez sorrio. Esse moleque vai me deixar maluca!

Sem perder mais tempo, levanto de seu colo e o puxo pela mão em direção ao carro. Dou a volta para tomar o assento do motorista e John tenta uma última vez conseguir as chaves, mas apenas lanço uma piscadela e vejo-o sorrir.

Entre mãos bobas e beijos roubados nos semáforos fechados, estaciono diante o pequeno sobrado acima de uma loja, indicado por ele como sendo a sua casa, e posso afirmar - sem sombra de dúvida - que nunca cheguei tão rápido em um lugar como cheguei até aqui, apesar do caminho ter sido relativamente curto.

Ansiosa, saio do carro acompanhada por John e dou a volta para segui-lo até a entrada de sua casa, mas, antes que eu o faça, sou surpreendida ao ter a cintura agarrada e ser prensada contra o capô.

O seu corpo grande encaixa-se no meu e nossas bocas se encontram em um beijo voraz. Tão delicioso e ardente que sou incapaz de não gemer.

Com as pernas ao redor de seu quadril, deixo que me tome, que me desfrute como eu o desfruto. Exigente, reivindica meus lábios para si com volúpia, uma necessidade que me tira dos eixos e embriaga, enquanto aperta sua ereção que volta a crescer em minha entrada pra lá de encharcada e desejosa para recebê-lo.

Acaricio os fios curtos de sua nuca e afasto mais os joelhos para que se ajeite melhor e sinta o quão quente estou. Sua língua desliza sobre a minha, em uma dança sensual e atrevida, ao mesmo tempo em que suas mãos tocam minhas curvas por cima das roupas. As quais, sinceramente, eu quero arrancar tanto quanto as roupas dele.

– Segure-se em mim. – sussurra, dando um beijo em meu pescoço.

144

Faço como pede e sou erguida por seus braços fortes. Sem dar importância para quem possa ver, dá uma palmada ruidosa na minha bunda e cruza a rua a passos rápidos. Com facilidade, sobe as

escadas e enfim estamos diante de sua porta. Afoito, destrava a maçaneta e, por fim, entramos em sua casa.

– Antes que pergunte, eu moro sozinho. – diz e fecha a porta com o pé.

Concordo, não é como se eu não presumisse isso, já que, tal como os pais de Austin e Lowell, os seus não apareceram na delegacia. Admito que isso realmente me intriga, porém, esse não é o momento para aborda-lo sobre o assunto. Agora, só o que eu quero é tê-lo para mim, o resto resolvemos depois. Beeeeeeeem depois.

– Sabe o que isso significa? – murmura com a boca perto da minha.

– Não, o que?

– Que podemos gemer o quanto quisermos.

Sorrio com sua fala e acalorada, querendo mais de sua ousadia, sussurro:

– Espero que você me faça gritar.

John morde o lábio, alucinado com o que acabo de dizer, e então beija-me. À passos cegos, caminha para qualquer lugar que não faço a mínima ideia e em questão de segundos, sinto algo macio em minhas costas. Estamos em seu quarto, em sua cama.

– Você não tem ideia de quantas vezes imaginei tê-la aqui.

– Quer dizer que já fantasiou comigo, senhor Berryann?!

– Minha melhor fantasia é você!

Suas palavras me incendeiam. Cravo os olhos em suas orbes escuras e o desejo é tão nítido na forma como me olha, que ofego só de pensar no que está prestes a acontecer sobre esses lençóis, impregnados com o seu cheiro.

145

John se inclina e toca meu pescoço com lábios. Beija, lambe, chupa. Faz o que quer enquanto sua mão sobe por dentro de ambas as minhas blusas e assim que tenho a sensação de seus dedos gélidos em meu mamilo duro, arqueio de prazer e um gemido mais alto me escapa.

*Oh, céus... Como é bom!*

– Está sem sutiã?!

– Eu estava prestes a dormir antes de sair, sabia?!

Ele sorri e se põe de joelhos no colchão, ficando sobre as minhas coxas,

– Eu quero vê-los. Tire a blusa para mim.

Não penso duas vezes, ergo um pouco a coluna e puxo as blusas um pouco desengonçada pela posição que estou. Logo que me livro de ambas, o ar frio arrepia minha pele e endurece ainda mais os meus mamilos excitados.

Busco o seu rosto e vejo seus olhos fixos em meus seios, tão famintos que deixa-me ser ar, e como a boa provocadora que sou, começo a acaricia-los bem devagar.

Sem um pingo de vergonha, brinco com meus mamilos e os aperto, fecho os olhos e me insinuo.

Gemo, suspiro, tremo. Jogo comigo mesma e a respiração forte do garoto que assisti tudo do melhor ângulo me dá plena certeza de que minha provocação funcionou e muito.

– Quer chupá-los? – pergunto.

John sequer responde, apenas afasta as minhas mãos com certa brutalidade e enfia um dos mamilos na boca, fazendo-me gritar. Prende meus pulsos sobre a cabeça e se esbanja com o que lhe ofereço. Chupa e mordisca.

Me leva aos céus com suas lambidas e sucções, e quando penso que não pode ficar melhor, ele parte para o outro e mama com tanta vontade que só o que sei fazer e gemer e pedir por mais.

*Mais, mais e muito mais.*

146

Levanto os quadris em busca do seu corpo, para amenizar o tesão que sinto, e John simula uma estocada que me faz tremer da cabeça aos pés. Seu pênis está tão duro que minha vagina molhada pulsa ansiosa para tê-lo o mais rápido possível.

Ele repete, de novo e de novo. Move os quadris e me deixa louca. Ofego, ofego e ofego.

Dominada por todas as sensações, enfio as mãos por debaixo de sua blusa e o marco com minhas unhas, ganhando um gemido rouco que eriça todos os pelos do meu corpo.

– Você é deliciosa!

Sussurra e beija-me com desejo.

Sinto suas mãos no cóis do meu jeans e, como um verdadeiro selvagem, puxa o botão e o zíper sem nem um cuidado.

Ajoelha-se, tira minha calça e a joga em um canto qualquer. As pontas de seus dedos acariciam minha barriga e seguem para as tiras da minha calcinha.

– Te quero tanto, Clara... Tanto...

Antes que eu perceba, estoura as laterais da peça e a transforma em um trapo, que logo encontra minha calça no chão.

Nua diante si, tento controlar minha respiração perante seus olhos escuros, mas assim que retira a blusa e revela o que ansiei ver desde o dia em que esbarramos nas escadas do colégio, meus esforços vão por água abaixo.

Viril, másculo e encantador. John Berryann é, definitivamente, uma perdição.

*Minha perdição.*

Acompanho como abre a braguilha de seu jeans, numa lentidão e sensualidade que me enlouquece, e da mesma forma abaixa até a altura dos joelhos, exibindo sua dureza bem marcada no tecido da cueca boxer que usa. E eu salivo, lembrando o que me aguarda detrás dessa peça.

– Gostou? – pergunta, num tom convencido.

147

Como uma felina, empurro-o para trás até que esteja completamente deitado e assumo o controle da brincadeira. Sento sobre a sua maravilhosa ereção e suas mãos aprisionam possessivamente a minha cintura. Rebolo, arrancando gemidos de nós dois, e finalmente respondo:

– Não sabe o quanto.

– Talvez não mais do que eu tenha gostado de ver o seu.

– Te surpreendi?

– Me deixou louco!

Sorrio e giro os quadris com mais força, ele aperta minha carne com mais força e só posso suspirar em deleite.

– Assim como você, eu também te quero muito.

Me inclino e próxima a sua boca, sussurro:

– Estou ansiosa para rebolar daquele jeito que fiz na boate, com o seu pau bem fundo em mim, coelhinho.

Num movimento rápido, John levanta e me arrasta consigo até a mesinha ao lado de sua cama, abre a gaveta e tira quatro preservativos de uma vez, jogando sobre o colchão.

Pega um deles e abre a embalagem com os dentes. Eu, como a boa solidária que sou, trato de abaixar sua cueca e minha boca se enche d'água quando seu pau salta para fora e fica rente ao meu rosto.

Tão grande...

Tão duro...

Tão saboroso...

*Oh, céus!!! É mil vezes mais apetitoso de perto.*

Sem conseguir me conter, dou uma lambida em sua extensão e tremo toda ao ver sua expressão de prazer com o que acabo de fazer.

148

Tomando as rédeas, pego o preservativo de sua mão e o desenrolo por seu pênis, dando um leve carinho ao chegar no final.

Mais do que preparada, me abro com os dedos e sento lentamente, sentido sua glândula tomar cada vez mais espaço dentro de mim. Fecho os olhos e deixo-me levar. Assim que me possuí por

completo, envolve minha cintura com seus braços fortes e começa a me mover sem pressa, como se estivesse nos moldando um para o outro.

Seguro em seus ombros e gemo com a fricção gostosa que há entre os meus seios e seu peito musculoso. O encontro do nossos copos começa a ficar mais rápido, mais intenso. Remexo os quadris em busca do nossos prazer.

Estremeço com a forma que seu pau desliza em mim, para dentro e para fora, fundo e forte...

Sua boca procura a minha e eu cedo sem pestanejar. Sua língua imita os movimentos que faz com o quadril e me incitam a ir mais depressa. Me afundo em seu pênis, uma, duas, cinco, dez e vinte vezes.

Rebolo...

Quico...

Remexo...

Desfruto de John como ele desfruta de mim, e o som dos nossos corpos se encontrando suados sobre a cama do seu quarto, é o mais excitante que já ouvi em toda a minha vida!

Da mesma forma que a imagem de seu rosto mergulhado em prazer, seu cabelo preso na testa e os lábios inchados e entreabertos me faz perder a cabeça.

– Johnie...

– Ah...Me chama assim de novo...

– Johniiiee... Aahh...

– Isso. Geme pra mim, professora... Geme pro seu coelhinho...

149

Agarrando firme minha coxas, John me impulsiona para trás e seu corpo grande cobre o meu.

Abro bem as pernas, convidando-o a se perder no meu desejo e seu pau, mais duro do que antes, se enterra até o fundo da minha vagina molhada e eu grito, insana.

Segura-me pelos ombros e aprofunda seu ataque. Bombeia sem parar.

Uma... Duas... E milhares de vezes...

Aperto as pernas ao redor de sua cintura e me movo, intensificando nosso contato. A sensação do orgasmo vem avassaladora. Meu corpo todo treme, tal como o do garoto que me fode com tanta paixão. Agarro seus braços e deixo que venha.

Com estocadas firmes e vigorosas, gozo como nunca e o recebo em seu orgasmo, pulsando dentro de mim e grunhindo forte em meu ouvido.

Foi a melhor transa!

Ofegante, abraço o seu corpo caído sobre o meu e por segundos, tudo o que fazemos é compartilhar nossas respirações rápidas e as batidas de nossos corações, que, estranhamente, parecem bater no mesmo ritmo.

Devagar, John se ergue com os braços apoiados no colchão e seus olhos vem diretamente para os meus. Nos encaramos. Encaramos o suficiente para entender que não tivemos o bastante.

Nós queremos mais, muito mais.

E talvez uma noite não seja o bastante para o tanto que nós nos queremos.

150

## ***Capítulo 16***

Acordo com uma sede danada. Mesmo com preguiça, me forço a abrir os olhos e observo o quarto por uns segundos, logo ergo-os em direção a janela e reparo que ainda está escuro. Que horas devem ser?

Bom, levando em consideração o tempo que passou desde que cheguei aqui, acredito que esteja quase amanhecendo.

Me remexo em busca de coragem para levantar e ir atrás de um copo com água, mas um resmungo seguido de um aperto mais firme na cintura me impede de continuar.

Olho para baixo e noto o braço de John enroscado em mim, apertando possessivamente meu corpo nu contra o seu. Rio. Até dormindo esse moleque gosta de marcar território?! É um egoísta

mesmo.

Tento mais uma vez, porém, igual a um gatinho... Ou melhor, um coelhinho manhoso, ele resmunga e não afrouxa o aperto, fazendo-me suspirar e dar por vencida. Pelo jeito, não há o que faça esse garoto me largar tão cedo.

Então, fecho os olhos e me aconchego para aproveitar a sensação de sua pele quente colada a minha. Seu membro, agora flácido, roça entre as minhas nádegas e a respiração serena eriça os pequenos cabelos da minha nuca, lembrando-me da madrugada que passamos fazendo loucuras nesse quarto.

Eu nunca pensei que Berryann e eu podíamos realmente terminar assim, nus sobre uma cama, menos ainda que fosse a transa - as transas - mais incrível que já tive. Somos dois selvagens, dois insaciáveis, e nos completamos de uma maneira que chega a ser assustadora, mas ao mesmo tempo muito certa.

Nossos beijos, nossos gemidos, os sons de nossos corpos se encontrando...

*Ah, que excitante!*

Só de lembrar fico molhada e cheia de tesão de novo.

151

Viro o rosto como posso e vislumbro-o adormecido, tão tranquilo que nem parece ele mesmo.

Como uma tola, eu sorrio. Sorrio por finalmente perceber a maluquice que foi transar com o meu aluno e, principalmente, o quão gostoso é estar em seus braços e em como eu quero ficar aqui e deixá-lo me foder outra vez, e outra e outra.

Quantas vezes estivermos dispostos a repetir.

Oh, céus... Falei tanto da Manuela e aqui estou eu, completamente nua, abraçada com o pirralho que gritei aos quatro ventos odiar e, ainda por cima, querendo repetir a dose.

– Maldita ironia do destino...! – sussurro para o ar.

Fico no seu aconchego por mais alguns minutos, mas com a garganta seca igual ao deserto do

Saara, resolvo ir atrás de um copo com água.

Com cuidado, tiro o braço que prende a minha cintura e saio da cama, tentando não fazer barulho, e falho miseravelmente ao esbarrar nas latas de cervejas jogadas no chão. Eu sequer lembrava que havíamos bebido ontem à noite. Acho que é por isso que estou com tanta sede.

Sem dar importância para a minha nudez, caminho até a porta e paro apenas para pegar o celular no bolso da calça. Desbloqueio a tela e vejo a única mensagem que Manuela mandou, dizendo que devo estar em casa antes das sete, pois ela precisa do carro para ir trabalhar.

Que bela amiga que eu tenho! Passo a madrugada inteira fora e ela fica preocupada somente com o carro.

Cretina...

Saio do quarto, cruzo a pequena sala e estou na cozinha. A casa de John não é grande, mas atende as necessidades de uma pessoa e, ao contrário do que imaginei, é limpa e bem organizada.

Tanto que até sinto vergonha ao lembrar a situação que a casa que compartilho com a minha amiga fica quando abrimos mão de qualquer afazer doméstico. Uma bagunça só.

Bebo a água enquanto olho através da janela e repito até sentir que estou satisfeita. Sem um ping de sono, volto para o quarto e ele, agora virado para a parede, continua dormindo profundamente. Eu o observo.

152

Os fios castanhos caídos sobre o travesseiro. As linhas dos músculos de seus ombros e costas são muito bonitas, sensuais, e combinam com os vergões vermelhos feitos por minhas unhas. E sua bunda, oh céus, tão redonda e durinha que só de ver me dá vontade de apertar.

*Definitivamente, John Berryann faz qualquer uma perder o fôlego.*

Paro de babar pelo garoto deitado na cama e olho para as roupas espalhadas pelo chão. Suspiro e começo a recolhê-las.

São quase seis e eu preciso ir logo embora, afinal, ainda tenho que ir para o colégio e tenho

certeza de que vou me atrasar se não apressar o passo. Por isso, quanto mais rápido eu for, mais chances tenho de chegar no horário.

– Não sabia que fazia o estilo canalha que sai de fininho, professora.

Tomo um susto e olho para a cama, de onde o garoto me observa.

– Indo embora sem avisar?

– Não estava indo embora. – sorrio e deixo as roupas de lado – E outra, esse é o seu estilo e não o meu. Acho que está se confundindo.

Ele sorri ladino e nega com um aceno. Então, pergunta:

– Por que estava recolhendo as roupas?

– Porque eu realmente preciso ir embora, mas pretendia te acordar para avisar.

– Mentirosa!

– Talvez um pouco. – dou de ombros.

Com um sorrisinho atrevido, John levanta e se aproxima, fazendo-me salivar com a visão do seu corpo nu. Incentivada por seus olhos escuros, agarro-o pelo pescoço e nossas peles se tocam.

Suas mãos deslizam por minhas costas até chegar ao meu traseiro, onde deixa um aperto fraco e ainda sorrindo, murmura:

– Fica mais um pouco.

153

Solto um suspiro, sentindo aquele calor subir por minhas pernas. Vislumbro o rosto do garoto que me fez perder a cabeça noite passada e digo:

– Não posso.

– Por que?

– Porque tenho que trabalhar e você precisa ir para a aula.

– Ainda temos tempo. A propósito, sabia que fico louco quando te vejo com aquelas saias?

Wow! Você não tem ideia de como fica sexy.

– Você é muito cara de pau.

– Talvez um pouco. – repete minhas palavras, o que percebi ser uma mania sua quando quer me provocar, e continua – Fique só mais alguns minutos.

– John...

– Só mais um pouco.

Abro a boca, mas não consigo falar. A fricção do seu pênis semi-ereto no meu estômago me impede. Fecho os olhos assim que toca meu pescoço com os lábios e contraio ao sentir uma de suas mãos acariciar meu monte vênus com suavidade.

– Você é um garoto muito esperto, sabia?! – digo aos suspiros.

Ouçõ sua risada, abafada em minha pele e também sorrio.

– Um tremendo trapaceiro!

Sem resistência, caio em suas garras.

John separa minhas pernas com o joelho e seu carinho desce até encontrar meu clitóris molhado, pedindo por sua atenção. Ofego. Agarro com mais força seu pescoço e tremo ao ser acariciada por seu dedo. Ele o mexe, devagar, para cima e para baixo, enquanto saboreia meu pescoço com seus beijos e me pressiona contra si.

154

Tomada pelo tesão que cresce e cresce, encho seu ombro e pescoço de beijos e mordidas, ao passo que meus quadris ondulam para que seu dedo afunde mais entre as minhas carnes.

Mordo o lábio, entorpecida com todas as sensações que tomam o meu corpo e seus suspiros roucos ao pé do ouvido me causam, e querendo que prove do mesmo prazer que eu, me ponho nas pontas dos pés e dou-lhe uma mordidinha no lóbulo da orelha.

Cochicho:

– Quero te chupar.

Sinto-o estremecer e, impulsivamente, prensar a ponta do dedo em meu clitóris inchado e

sensível. Vibro de tesão. Meu garoto crava os olhos escuros nos meus e, sem que eu peça uma segunda vez, caminha até a cama e senta.

Como a predadora que sou, me aproximo e agacho diante si. Lanço um olhar malicioso e vejo um sorriso ansioso brotar em seus lábios. Acaricio suas coxas malhadas. Escorrego minhas palmas, aproveitando a maciez e firmeza de sua pele, brincando com seus sentidos e deixando-o mais inquieto, cheio de expectativas.

Seu membro tenso, grosso e largo, pulsa rente ao meu rosto. Sem tirar a atenção de seu rosto, lambo entre a fenda de seu pênis e só falto gozar com o grunhido forte que ele solta. Oh, meu garoto é quente. Muito quente.

Continuo com as lambidas enquanto minhas mãos sobem e descem por suas coxas, e em questão de segundos, seus dedos esguios enredam os fios do meu cabelo e guiam o carinho que faço com a língua em seu pau duro como uma pedra.

Enfio-o na boca e ofego com o tremor prazeroso do meu aluno. Chupo como se fosse a melhor das iguarias e deixo que meu desejo de levá-lo até o fundo fale mais alto. Abaixo a cabeça até quase senti-lo bater na garganta e volto. Repito e cada vez que tenho fôlego o suficiente para fazê-lo, eu o faço.

Minha mão acaricia suas bolas com cuidado, dando um ou outro aperto. John ergue os quadris, incapaz de ficar quieto, e geme com tanta vontade que eu não me importaria de passar o resto do dia chupando só para ouvi-lo gemer.

155

– Professora... Aahh...

– O que foi, coelhinho?

Encaro-o enquanto masturbo com certo ritmo. Seus olhos semicerrados denunciam que está próximo. Ah, eu sei que está. E, sinceramente, estou louca para ver sua expressão de luxúria ao se desfazer, dentro da minha boca.

– Vamos, Johnie, o que foi?

Ele não responde, simplesmente me pega como se fosse uma boneca de tão fácil e joga sobre o colchão. Espantada com sua força, eu o olho e ele sorri.

– Ah, caralho! Me chama assim de novo.

– Johnie...

Sua língua invade a minha boca e nos beijamos com verdadeira paixão. Curtimos, jogamos, gememos. Seu pênis golpeia contra a minha vagina molhada e só o que eu quero é tê-lo dentro o mais rápido possível.

No entanto, minhas expectativas são quebradas quando vejo-o se levantar.

Meu peito sobe e desce desenfreado enquanto acompanho como se movimenta. Numa atitude repentina, John me puxa pelos tornozelos e ajeita no centro da cama, bem longe da cabeceira.

Encaro-o e ele dá um de seus sorrisos repletos de lascívia, e então ajoelha sobre a minha cabeça, com uma perna de cada lado, expondo seu pau duro.

– Abra a boca e as pernas também.

Faço os dois, sem contestar. Ele encaixa seu pênis entre os meus lábios e seu corpo cobre o meu, num perfeito meia-nove. Sua língua quente circula o meu clitóris e eu grito, mesmo com sua dureza ocupando minha boca.

Alucinada com o que compartilhamos e pela forma como suga e se esbalda com o meu sexo úmido, chupo com mais vontade do que antes e arranho suas coxas, marcando-as com vergões vermelhos, tal como os que enfeitam suas costas.

156

Para frente e para trás... Eu o chupo.

Para cima e para baixo... Ele me chupa.

Nos esbanjamos com os nossos sabores, minha umidade e sua dureza, e parece que mais nada faz sentido à não ser nossos corpos recebendo e proporcionando prazer sobre a cama do seu quarto.

John mete a língua na minha boceta e sou obrigada a procurar por ar. Meu corpo arqueia, pedindo por mais, e ele me dá. Penetra seu músculo molhado na minha fenda e só o que sei fazer é gemer como uma insana.

*Eu vou enlouquecer. Oh, céus... Eu vou.*

Ponho seu pau de volta na boca e me delicio, dou-lhe o que me dá. Somos dois loucos à procura de prazer. Insaciáveis, selvagens.

Sinto como ondula os quadris, fodendo a minha boca, e eu tento fazer o mesmo do jeito que posso. Os segundos se vão e com eles nossos orgasmos se aproximam.

Para frente e para trás... Para frente e para trás...

Para cima e para baixo... Para cima e para baixo...

Nossos corpos batalham por satisfação e a primeira a vir sou eu. Me contorço ao sentir os músculos tencionando e mal tenho tempo para tirar seu pênis da boca, apenas suspiro profundamente e logo ele despeja o seu líquido em jatos que inundam a minha garganta. Engulo tudo e dou uma lambida para tirar qualquer resquício.

Meu garoto rola para o lado e respira fundo, assim como eu. Ficamos em silêncio por um instante, recuperando o ar que perdemos, mas ele não demora a erguer-se nos cotovelos e olhar para mim. Devolvo o gesto e nos encaramos.

John é bonito até coberto de suor e descabelado. Ainda mais bonito.

– O que foi? – pergunto.

– Você fica muito bonita assim.

157

– Assim como?

– Depois do orgasmo.

– Idiota...! – sorrio.

Não vou admitir isso, mas penso igual. Ele fica lindo quando goza.

Voltamos a nos calar e apenas observar um ao outro. Através da janela, os primeiros raios de Sol iluminam o quarto e percebo que a hora de nos separarmos chegou. Pelo menos, por agora.

– Preciso ir.

– Tudo bem. De qualquer forma, preciso começar a me arrumar também.

Consinto e, mesmo exausta, levanto.

– Posso tomar um banho antes?

– Claro.

John levanta, vai até o armário e pega uma toalha.

– Fique a vontade.

Sorrio e saio do quarto. Amarro os cabelos num coque e entro no banheiro estreito. Tomo uma ducha rápida e me seco na mesma velocidade, já devo estar bem atrasada para entregar o carro para Manu e não posso perder tempo.

Retorno para o quarto e encontro-o vestido com uma bermuda, arrumando a cama com lençóis limpos. Esse garoto é maníaco por limpeza e organização, só pode.

– Suas roupas estão ali. – aponta – Separei uma cueca minha para que use. Não vai querer ir para casa sem calcinha, certo?!

Sorrio e digo que sim. Ele destruiu minha calcinha, não tem outro jeito.

Tiro a toalha e é instantâneo, sinto seu olhar sobre o meu corpo. Visto a blusa do pijama, depois o moletom e observo sua cueca boxer antes de vesti-la também. Por fim, coloco os jeans. Pego o

158

celular e a carteira, enfiando ambos nos bolsos. Alcanço as chaves do carro sobre a mesinha ao lado da cama e então os tênis.

Depois de me certificar que não estou esquecendo nada, olho para o garoto encostado no batente da porta e o clima muda de repente. Nos encaramos.

– Como ficam as coisas agora? – pergunta.

– Não acho que seja certo o que fizemos, mas...

– Mas?

– Também sei que não vamos parar por aqui.

Ele sorri, concordando. Acho que ficou surpreso por eu admitir isso. Até eu mesma estou, mas essa é a verdade, pois duvido muito que ficaremos somente nisso.

– Que tal entrarmos em um consenso? – diz.

– Consenso?

– Sim. Fingimos que nada aconteceu e seguimos com nossas vidas normalmente. Porém, só dentro do colégio.

– Certo. E fora dele?

O garoto se aproxima e enlaça minha cintura, puxando-me para si. Então fala:

– Podemos continuar nos encontrando aqui. O que acha?

Sorrio e abraço seu pescoço, aproximando perigosamente nossas bocas.

– Você se acha, não é?!

– Por que diz isso?

– Só por causa dessa noite, acredita mesmo que vou aceitar essa proposta e continuar transando com você?

– Se você me deseja o tanto que eu te desejo, eu tenho certeza que sim.

159

Gargalho, não consigo conter. John me observa sem entender e apenas espera por minha resposta.

Ele verdadeiramente não tem um pingão de modéstia.

– Você é muito convencido, coelhinho. Mas, vou pensar com carinho na sua proposta, ok?!

Dou-lhe um selinho e me afasto, mas sou puxada de volta e esbarro em seu peito. Ganho um beijo roubado, daqueles que tira o ar, e ele sussurra:

– Não precisa pensar, é só dizer que sim.

Me afasto, ajeito o cabelo atrás da orelha e sorrio. Sem responder, caminho para a porta da sala com ele ao meu encalço e antes de sair, digo:

– Você tem o meu número. – lanço uma piscadela – Até daqui a pouco, Johnie.

– Até daqui a pouco, professora.

160

## ***Capítulo 17***

Paro o carro no estacionamento do colégio, cinco minutos antes do sinal do início das aulas tocar, e saio disparada em direção ao prédio equilibrando as pastas e a bolsa nos braços do jeito que posso.

Por sorte - ou talvez azar, porque eu sei que vou ouvir - Manu já não estava em casa quando cheguei e isso me possibilitou usar o seu carro para vir mais depressa. Ainda bem ou certeza que não estaria aqui agora e meu atraso seria maior.

Cumprimento o porteiro com um aceno rápido e entro. O som dos meus saltos ecoa no corredor da sala dos professores e assim que eu abro a porta, totalmente desajeitada, esbarro justamente com quem eu não queria: a diretora Charlotte.

*Ótimo. Mil vezes ótimo!*

Que bela maneira de começar um dia de trabalho.

A mulher me olha de cima a baixo com sua típica expressão desgostosa e eu respiro fundo, me preparando para ouvir mais um de seus sermões sobre comprometimento.

Porém, antes que possa abrir a boca e minha pobre orelha tenha que aguentar mais um de seus falatórios sem fim, o sinal toca e só falta pular de alegria. Não que isso vá me livrar de escutar o seu discurso mais tarde.

Ciente de que não posso perder mais tempo e que o sermão terá que ficar para depois, ela suspira e dá espaço para que eu passe.

Meneio a cabeça em uma reverência e escuto seu bufar logo que se afasta, indo em direção a sua

sala no final do outro corredor. Suspiro, tanto aliviada quanto impaciente. Eu sei que cheguei em cima do horário, mas à tempos que estou entrando sempre uma hora antes, será que não pode relevar ao menos essa vez? Que saco!

161

Enfim entro na sala e encontro os demais professores se preparando para subir e tomar as classes.

Me apresso para checar o horário e separar os conteúdos de acordo com as turmas, mas surpreendo-me ao encontrar um lindo arranjo de flores sobre a minha mesa.

Maravilhada, deixo os materiais de lado e observo o pequeno vaso enfeitado com uma fita vermelha e repleto de rosas, cravos e astromélias, formando um bonito buquê.

Quem as colocou aqui? São mesmo para mim?

Continuo observando, tentando imaginar quem possa tê-la enviado, e súbito uma ideia me passa pela cabeça. Será que...? Não, não. Não pode ser.

Quer dizer, se o acordado foi fingirmos que nada aconteceu, ele não teria cara de pau o suficiente para mandar flores, principalmente, mandar flores para a sala dos professores. Não é?! Se bem que, do jeito que esse garoto é, não posso descartar a possibilidade.

– São muito bonitas.

Olho para o lado e deparo com Jackson. Nós nos observamos e ele, sempre gentil, dá-me um sorriso. Oh, céus, será que foi ele?

– Sim, são muito bonitas. – respondo.

– A pessoa que enviou tem muito bom gosto.

Certo, não foi ele. Por esse comentário carregado de cinismo, posso afirmar que não foi. Afinal, quem mandou estas flores para mim? Será mesmo que foi o John?

– Não vai ler o bilhete?

– Bilhete? – franzo as sobrancelhas.

Meu colega aponta para o pequeno envelope branco entre os ramos e eu o pego. Analiso por um

instante. Não há assinatura ou qualquer outra coisa, então só me resta abri-lo para descobrir; tiro o papelzinho e leio.

162

*"Professora Clara, muito obrigado por nos ajudar ontem na delegacia e, principalmente, muito obrigado por demonstrar seu apoio! Apesar de parecer algo bobo, realmente ficamos felizes por saber que podemos contar com a sua ajuda, mesmo que não seja a responsável por nossa classe.*

*As flores são um agradecimento. Esperamos que goste.*

*Ass.: Austin Yule e Lowell Carter."*

Encantada - e aliviada - com a demonstração de carinho dos meus alunos desmiolados e "foras da lei" nas horas vagas, sorrio e toco alguns pétalas, só para sentir a suavidade. Nunca fui de gostar muito de flores, mas estas são realmente especiais. Tenho que lembrar de agradecê-los depois.

Devolvo o papelzinho ao envelope e então o guardo dentro da bolsa. Jackson, ainda ao meu lado, continua observando-me e é nítida a curiosidade em seu rosto.

Apesar de não dever satisfações e estar levemente incomodada com essa intromissão repentina, digo:

– Austin Yule e Lowell Carter, do Terceiro B, que enviaram.

– E porque fizeram isso?

Conto o que aconteceu na noite passada, omitindo certas partes, e ele fala:

– Esses três em uma briga? Só poderia ser um mal entendido mesmo.

– Pois é. O pior é que os pais do garoto ainda tiveram a cara de pau de pedir indenização, acredita?! E culparam o pobre Austin por começar a briga.

– Ainda bem que você foi até lá para ajudá-los.

– Sim, sim.

163

Continuamos conversando, mas o segundo sinal toca e nos desperta para o um possível atraso.

Separo as folhas o mais rápido que consigo, enfio nas pastas e saio acompanhada do loiro que irá para o andar dos terceiros anos, enquanto eu ficarei no andar dos segundos.

Cada qual toma seu rumo assim que nos despedimos perto das escadas e eu entro rapidamente na sala do Segundo C, cumprimentando a todos.

A aula passa normalmente entre leituras e exercícios, e é dessa forma que metade do dia se vai.

Antes que eu perceba, o sinal do intervalo toca e estou livre para um copo de café.

Ainda que a manhã tenha sido cheia, as imagens da noite e também desta manhã que passei com John vagaram por meus pensamentos.

Por mais que tenhamos concordado em fingir que nada aconteceu e eu saiba muito bem como ser impessoal quando quero, as lembranças perambulam dentro da minha cabeça e tenho certeza de que ficarão mais fortes quando nos encontrarmos na próxima aula.

Como será que ele vai reagir? Bom, levando em consideração que ele sabe ser indiferente bem como eu sei ser impessoal, não duvido que estará me esperando com a sua típica expressão apática. Pronto para colocar nossa encenação em prática.

Saio da sala sem preocupações e desço as escadas para o refeitório, em busca do meu tão sonhado copo de café. Vou direto para a cantina exclusiva dos professores e peço um espresso, que é entregue em poucos segundos.

Sento em uma das mesas para tomar calmamente a bebida e meu olhar vaga entre os alunos, não muito longe, conversando e comendo seus lanches.

Olhando-os assim, rindo e fazendo brincadeiras, fica claro que ainda são como crianças. Apesar dos corpos desenvolvidos e a falsa maturidade que aparentam, são apenas adolescentes começando a descobrir a vida e isso, mesmo que eu queria fechar os olhos para não enxergar, vale também para o Berryann.

Sou daquelas que acredita que idade (desde que dentro da lei, óbvio), classe social e etnia não

são empecilhos, mas nesse caso, já não tenho tanta certeza. São quase dez anos de diferença entre nós e ele tem tanta coisa para viver, tantas pessoas para conhecer...

164

– Pelo amor de Deus, Clara. Não é como se você fosse casar com o menino.

Repreendo a mim mesma e, como de costume, dou tapinhas nas bochechas para voltar a realidade. John e eu não temos nada. Mesmo que não tenha fica claro, é sexo e apenas sexo. Se eu concordei com essa loucura, foi justamente por isso.

Seria muita burrice e ingenuidade a minha pensar que essa atração vá sair do controle. Afinal, além de sermos professora e aluno, somos duas pessoas incapazes de manter um relacionamento. Somos diferentes demais. Não há nada que possa sair dessa nossa brincadeira à não ser encontros casuais e nós dois em sua cama.

*Somos diferentes demais...*

O sinal toca e eu suspiro. A próxima aula é justamente no Terceiro A, ou seja, na sala dele. Espero uns minutinhos para levantar e jogar o copo no lixo. Percebo que todos os alunos já subiram para as salas e só me resta fazer o mesmo.

Ajeito as pastas e a bolsa, e tomo o meu rumo para o terceiro andar. Cumprimento um ou outro professor que encontro nas escadas e logo estou no corredor.

Paro diante a porta do Terceiro A e, como sempre, escuto as vozes dos alunos em suas conversas. Respiro fundo uma, duas, três vezes. Visto a máscara da indiferença e entro da mesma forma que faço todos os dias.

Ao colocar o pé para dentro, automaticamente meus olhos encontram o garoto sentado na penúltima mesa da fileira do meio, exibindo seus dentes de coelhinho para os amigos que também sorriem, e eu vacilo como nunca vacilei na vida antes.

Mas, que porra está acontecendo comigo?

Afasto essa sensação estranha e caminho até a mesa para deixar o material e então cumprimentar

os alunos, porém, assim que o faço e outra vez meus olhos recaem sobre o garoto de cabelos castanhos, franzo o cenho ao perceber que tanto ele quanto seus amigos olham disfarçadamente para mim e sorriem. Instantaneamente, meu alerta pisca. Algo parece errado e não estou gostando nada disso.

165

Tento não dar importância e volto aos meus afazeres. Pego o livro e as folhas que imprimi com algumas questões e peço a Jimmy que distribua para o restante da classe. Viro-me para escrever o nome do capítulo na lousa e sinto o peso de vários olhares sobre as minhas costas, o que seria normal se não estivesse me incomodando tanto.

Vislumbro novamente os garotos no fundo da sala e lá estão, olhando disfarçadamente e sorrindo. Minha paciência começa a esvaír. Se esse garoto fez o que acho que fez, ele pode ter certeza de que cabeças vão rolar...

E a dele será a primeira, sem sombra de dúvida.

Fecho a cara e começo a aula. Ainda que eu esteja realmente com raiva, não deixo de retribuir os olhares sorrateiros que John me dá e não perco a oportunidade de mostrar que não estou nem um pouco feliz, embora as minhas bochechas vermelhas estejam fazendo isso por mim.

Depois de lermos alguns trechos e discutirmos os significados, peço que respondam as questões das folhas e aproveito para sentar e corrigir as atividades da outra turma. Minha cabeça está a mil. Se esse pirralho realmente teve a coragem de abrir a boca para contar aos amigos que dormimos juntos e agora está tirando com a minha cara, não me responsabilizo pelo o que vou fazer com ele. Não mesmo!

Praticamente torturando a caneta que seguro, me forço a focar nas questões que preciso corrigir, mas, ao erguer o olhar e cruzar com o seu e então notar aquele sorrisinho travesso aparecer, sou obrigada a segurar o impulso para não tacar o apagador em sua testa.

*Filho da mãe!*

Esse garoto fez merda. Eu sei que fez.

Respiro fundo o quanto sou capaz e batidas na porta chamam a minha atenção. Peço para que garota sentada ali próximo abra e Jackson surge, arrancando alguns suspiros indevidos das alunas.

– O que foi? – pergunto ao levantar.

– Poderia me emprestar o apagador? O do Terceiro C está sujo e manchando a lousa inteira.

166

– Tudo bem. – viro e pego-o sobre a mesa – Aqui está.

– Obrigado! Daqui a pouco eu devolvo, ok?!

– Não se preocupe. – sorrio – Não vou usá-lo por agora.

Jackson e eu trocamos mais algumas palavras e então o acompanho até a porta.

Os alunos retornam aos afazeres e eu as correções. Sento-me, pego a caneta e mudo de folha, porém, antes que eu possa me concentrar, sinto o celular vibrar no bolso da saia e o pego. É uma mensagem.

De: Coelho Boy

Para: Clara

"Esse cara ainda acredita que tem chance com você?"

Desacreditada, encaro o visor do celular e logo faço o mesmo com o garoto que me fita com tanta intensidade. Como os rivais que voltamos a ser, nos confrontamos por uns segundos e não demoro a dar-lhe uma resposta.

De: Clara

Para: Coelho Boy

"Talvez ele tenha mais chances do que você!"

Aperto o botão enviar, bloqueio o aparelho e coloco no bolso. Pego a caneta para corrigir as atividades, mas o celular vibra outra vez. Suspiro.

167

De: Coelho Boy

Para: Clara

"Não foi com ele que você transou ontem."

Arregalo os olhos e sou incapaz de acreditar na tamanha cara de pau desse moleque. Além de contar para os amigos e fazê-los rir de mim, ainda tem coragem de esfregar isso na minha cara?!

Mas, que cretino!

Encaro-o como se fosse lhe jogar facas e trato de responder.

De: Clara

Para: Coelho Boy

"Mas, pode ser com ele que eu transe hoje"

Aperto novamente o enviar e fico atenta para ver sua reação. Seu rosto é um poema. Seguro a gargalhada. Vê-lo desconcertado é hilariante.

Continuo observando e não há outra reação, então, para encerrar o que nem deveria ter começado, mando outra mensagem.

De: Clara

Para: Coelho Boy

"A propósito, espero que seus amiguinhos não abram o bico!"

168

Os segundos se vão e nada de resposta. Pelo jeito, acabei com a sua vontade de retrucar. Ótimo!

Não estou com paciência de qualquer maneira. Guardo o celular e retomo as correções que sobraram. Mas nem meio segundo se passa e ele vibra.

Isso já está começando a encher o saco.

De: Coelho Boy

Para: Clara

"Primeiro, eu não contei nada para os meus amigos. Não sei de onde tirou essa ideia. Se foi pelo fato de

estarmos rindo, foi por outro motivo e não este.

Pense. Se eu contar e isso cair nos ouvidos da diretora, você não será a única que ficará mal. Eu vou perder

minha bolsa e você o emprego. Achou mesmo que eu seria idiota o suficiente para fazer isso?"

Encaro o garoto, que mantém a expressão séria e dou conta de que tem razão. Se esse assunto cair no conhecimento de alguém, eu não seria a única afetada, ele também pagaria e a probabilidade de ser com a bolsa que lutou para conseguir é muito grande.

Agora desconcertada, eu o observo, pensando em algo para responder. Porém, o aparelho vibra de novo. Mais uma mensagem sua.

De: Coelho Boy

Para: Clara

"E segundo, eu sei que não posso me intrometer na sua vida...

Assim como sei que você não pode se intrometer na minha"

Olho, olho e olho. Como é que é?

169

Vislumbro o moleque sentado na penúltima mesa da fileira do meio, com o semblante ainda sério, e percebo que já não segura mais o celular escondido. Ele, deliberadamente, deu a conversa por encerrada?! Não acredito nisso!

Enfio o celular no bolso da saia e o sinal do fim da aula toca. Peço para Jimmy recolher as folhas de atividades enquanto arrumo o material para a aula no Terceiro D. Não volto a olhar para John. Me nego.

Se ele encerrou a conversa e deixou claro que não pode se intrometer na minha vida como não posso me intrometer na sua, maravilha, que fiquemos resolvidos assim. Dessa maneira, não confundimos as coisas.

Aqui na escola e em qualquer outro lugar que não seja o seu quarto, somos professora e aluno, dois estranhos e sem vínculo nem um.

Cada um que siga a sua vida do jeito que bem entender!

Saio da sala e vou para a próxima. Mesmo irritada, busco desempenhar bem o meu trabalho e assim as últimas aulas se vão. O sinal do final do período toca e aquela muvuca de sempre começa nos corredores.

Os alunos saem das classes em direção a saída do colégio e eu, juntamente com os outros professores, terminamos as burocracias diárias e também estamos dispensados para ir embora. Com uma dor de cabeça terrível e os braços cheios de trabalho, caminho para o estacionamento e logo estou diante o carro da minha amiga. Largo tudo no banco traseiro e não demoro a tomar o assento do motorista.

Querendo chegar em casa o mais depressa possível e torcendo para que Manuela não peça que eu vá buscá-la, dou a partida e saio, passando em frente ao ponto de ônibus onde John normalmente deveria estar e que agora não há sombra dele.

Dou de ombros e sigo o meu caminho. Não vou surtar por causa de um garoto que fica bravinho por nada.

170

Sigo pela avenida, batucando os dedos no volante ao som de Florence The Machine e tentando me livrar do estresse de mais um dia de trabalho. Eu mereço! Depois de tudo, é o mínimo que mereço.

Porém, meu esforço para tirar da cabeça aquele pirralho vai totalmente por água abaixo quando paro no semáforo fechado e vejo ele, exatamente John Berryann, aos beijos com uma garota que nunca vi mais antes, próximo à entrada do metrô.

Olho, olho e olho. E, inconscientemente, imagino que o volante é seu pescocinho e aperto com mais força do que tenho.

Eu sei. Eu sei que não posso me intrometer na sua vida como ele não pode se intrometer na minha, mas... Estranhamente, assim como sempre faz, estou sentindo uma vontade louca de sair

desse carro e ir marcar território.

171

## ***Capítulo 18***

A pessoa que disse aquela famosa frase: "tudo pode mudar da noite para o dia", não estava brincando e eu acabo de comprovar isso. Como o universo pode ser irônico, não é?! Em menos de vinte e quatro horas, passo de atraída por John Berryann para aquela que deseja arrancar até o seu último fio de cabelo.

*Ah, realmente, o universo é muito irônico...!*

Não que eu esperasse menos depois daquela mensagem "hostil" e repleta de autoafirmação.

Tampouco esperasse ter exclusividade em sua cama.

Mas para quem estava com ciúmes de um mero empréstimo de apagador até algum tempo atrás, o contra-ataque veio antes do que eu imaginava. E pior, mais certo e desagradável do que quero admitir.

Eu sei que não temos nada, que foi apenas uma noite e um acordo de sexo casual quando nós dois quiséssemos, e apenas isso. Mesmo aqueles olhares que trocávamos durante as aulas e nos corredores, cheios de interesse e de egoísmo quando nos víamos próximos à outros foram apenas frutos da atração que sentíamos e não é como se significassem ou valesse de alguma coisa.

Mas, apesar de tudo isso, vê-lo praticamente engolindo a garota à alguns metros me deixa com raiva. Muita raiva.

Quer dizer, não que eu tenha esse direito e menos ainda entenda porque esteja me sentindo tão incomodada dessa forma. Mas se o pirralho é cínico o suficiente para ficar irritadinho com a minha aproximação do seu professor de matemática, posso dar-me o luxo de estar assim também.

Bem como posso dar-lhe uma resposta à altura.

Afinal, se ele quer guerra, vou guerrear. E que vença o melhor.

O barulho alto de buzinas me desperta. Um pouco desnorteada, olho para cima e só então

percebo que o semáforo abriu e que estou trancando o trânsito.

Que maravilha!

172

Sem poder reclamar e ainda sobre os protestos dos outros motoristas, respiro fundo para me acalmar, engato a primeira e finalmente faço o carro andar.

Sem querer dar mais importância do que já estou dando e piorar a minha dor de cabeça, concentro-me na avenida e simplesmente finjo não reconhecer o casalzinho assim que passo próximo à eles.

Mas, como a boa masoquista e curiosa que sou, não me contenho e acabo olhando sorrateiramente através do retrovisor, tendo a imagem de John aos beijos e carícias com a tal garota, como se fosse a pessoa mais apaixonada de toda a Londres.

Patético!

Respiro fundo uma, duas, três e todas as vezes que acho necessário. Mantenho meu olhar na pista - talvez apertando o volante com mais força que o normal - e continuo o meu caminho para casa.

Vamos lá, eu não tenho motivos para estar desconfortável dessa forma, certo?! Sou adulta e entendo que é apenas por diversão, tal como entendo que John é livre para ficar com quem quiser.

Afinal de contas, como ele mesmo disse: não podemos nos intrometer na vida um do outro.

Sim, é isso. Exatamente isso.

Eu sou adulta e sei compreender a situação.

Eu sou adulta e sei controlar minhas emoções.

Eu...

Não. Eu não sei porcaria nenhuma! Muito menos ser compreensiva e controlar minhas emoções.

E John Berryann vai descobrir isso agora. Vou mostrar que o que ele tem de impulsivo e provocador, eu tenho em dobro.

Incapaz de segurar a megera que mora em mim, entro no primeiro retorno que vejo pela frente e

acelero o máximo que posso, torcendo para conseguir fazer a volta nos quarteirões antes que o causador da minha raiva resolva ir embora e ponha meu plano por água abaixo. Eu não posso e nem quero criar tumulto, mas fazê-lo passar vergonha... Aaaahh, isso eu posso.

173

Depois de três semáforos, caio no cruzamento de antes e, para a minha satisfação, eles continuam ali. Ostentando um sorriso maligno que daria medo até no Coringa, me aproximo de onde estão e dou uma buzina que assusta ambos e, através do vidro ainda fechado, posso ver que reconhece o carro. Sua expressão não nega e isso é justamente o que eu queria.

*É hora do show!*

Faço minha melhor cara de espanto para fingir ser uma coincidência, abaixo a janela, olho para os adolescentes ainda abraçados e digo:

– Ah, olá senhor Berryann!

O seu rosto é um poema. Seu desconcerto é sensacional.

Ele me olha, olha e olha. A garota faz o mesmo e percebo que está desconfortável com a minha presença. Pois bem, somos duas.

– Tudo bem? – pergunto com voz de inocente.

– Ah, tudo.

Sem tirar os olhos de mim e ainda constrangido, toma um pouco de distância da menina até então agarrada a si e dá alguns passos em minha direção. Diz:

– O que está fazendo aqui, professora Clara?

– Ah, nada. Estava indo para casa e te reconheci. Só parei para avisar que não esqueça do trabalho que passei ou ficará com nota baixa. E você não vai querer isso, certo?! Eu sei que não. O Coelho Boy balança a cabeça, tão embasbacado que chega a dar pena. Todos sabem que ele é o 'aluno de ouro' e nunca esqueceria de algo trivial como um trabalho, com essa menina talvez não seja diferente. Mas dar-lhe essa advertência e duvidar do seu status de aluno número um,

com certeza, é algo que lhe tira do sério.

Por fora, meu rosto é impassível, mas por dentro estou rindo feito uma hiena.

174

– A propósito, trocou de namorada de novo? Acho essa não é a mesma da semana passada, é?!

Sabe, senhor Berryann, não que eu tenha o direito de opinar como vive sua vida, mas acho que deveria parar com isso. É só um conselho.

Nós nos observamos por um instante. Sei que sua língua está coçando para dar uma boa resposta, mas por estarmos em público e eu ser sua professora, não pode.

*Ah, isso é espetacular!*

Tendo o domínio da situação e a visão de um John prestes a explodir de raiva, resolvo dar o nosso "imprevisto" encontro por encerrado, sem perder a oportunidade de provocar um pouco mais o coelhinho a minha frente.

– Bom, preciso ir. Tem uma pessoa me esperando, não posso atrasar.

Dou uma piscadinha sugestiva e o garoto falta rasgar o lábio de tanto que o morde. Se eu pudesse escutar seus pensamentos, sem dúvida ficaria horrorizada com todos os palavrões que deve estar dizendo agora.

Sem esperar qualquer resposta, faço uma pequena reverência, ligo o carro e lanço-me de volta a avenida. Olho para o retrovisor como fiz outrora e percebo que a sua atenção ainda está em mim. Minha euforia vai a mil.

Pobre coelhinho! Ele realmente não sabe com quem está lidando.

Satisfeita por ter mostrado do que sou capaz e cantarolando uma das músicas da cantora favorita de Manu, dirijo para casa relembrando a cara de tacho que o garoto fez, mas a ligação da minha amiga me obriga a deixar os pensamentos de lado e mudar o percurso e ir direto para o estúdio onde dá aula.

Não reclamo. Afinal, peguei seu carro e não tive a decência de voltar a tempo para que fosse

trabalhar.

Embora ela não merecesse, já que ficou mais preocupada com a droga do carro do que com sua própria amiga que não deu as caras a noite passada.

175

Estaciono em frente ao prédio onde trabalha e ela logo vem correndo. Saio do carro e jogo as chaves para que tome o volante, apesar de não parecer, Manuela é viciada em dirigir e ter ficado quase um dia inteiro sem guiar o seu querido Hyundai i15 verde deve ter sido uma tortura para ela.

Sento no lado do passageiro, ponho o cinto de segurança e espero que faça o mesmo. Trocamos um olhar cúmplice e Manu, conhecendo-me com a palma da mão, solta um risinho e fala:

– A senhora está bem alegrinha, hein?!

– Mais do que imagina.

– Isso tem algo a ver com o fato de não ter voltado para casa ontem?

Lembrar da noite que passei com John e do que presenciei à minutos atrás me faz fechar a cara.

Ainda que eu esteja feliz por tê-lo provocado, seria melhor se eu estivesse alegre pela foda incrível que tivéssemos e não por ter dado o troco.

– Não. – respondo, mais rude do que queria.

Minha amiga me observa por uns segundos, provavelmente intrigada com a minha mudança repentina de humor, mas dá de ombros. Ela sabe que bipolaridade é praticamente o meu nome do meio.

Tomamos o caminho para casa, envoltas num silêncio que não era para existir. De soslaio, olho para Manuela e reparo que faz o mesmo, esperando que eu conte o que aconteceu. Suspiro. Sei que não vou poder esconder isso por muito tempo e decido abrir logo o jogo.

Conto tudo o que ocorreu desde a noite passada. Da delegacia até como fui parar na cama daquele pirralho prepotente. Silenciosamente, Manu escuta.

Quando termino, constrangida demais para olhá-la diretamente, espero que diga algo só que o silêncio perdura mais do que esperava.

Um pouco sem jeito, olho de espreita para a minha amiga calada e é o bastante para fazê-la explodir em gargalhadas altas dentro do carro.

176

– Eu saaaaabiiiiiaaaaaaaaaaaaaa!!! – grita – Sabia que esse ódio todo era tensão sexual não resolvida.

Como uma doida, Manuela se esgoela de tanto rir e só o que eu tenho é vontade de dar-lhes uns bons tapas.

*Eu deveria ter ficado de boca fechada.*

– Ai, ai... Encheu o meu saco por causa do Sebastian e acabou fazendo o mesmo. Quanta ironia!

– Pois é... – suspiro.

– Clara, a certinha, deu pro aluninho de dezoito anos e ainda repetiu a dose. Quem diria hein?!

Eu disse que os novinhos são os melhores.

– 'Tá. Já entendi. Paguei pela minha boca, é isso que queria ouvir?!

Passo o restante do caminho ouvindo Manuela caçoar e não há trégua nem quando saímos do carro para entrar em casa.

Mais irritada do que antes, largo os sapatos de qualquer maneira, joga os materiais sobre a mesa e pego uma garrafa de cerveja na geladeira, só assim para me acalmar e aguentar o falatório da minha amiga.

Encostada no balcão da cozinha, escuto Manu falar pelos cotovelos enquanto bebo, e só de alguns minutos de monólogo que se dá conta de que sequer abri a boca.

– Olha, eu sei que ter transando com o seu aluno foi contra os seus "princípios", mas também não precisa ficar com essa cara de que cometeu um crime.

Solto um suspiro e viro o último gole da cerveja. Ela continua:

– Aconteceu mais alguma coisa? Quer dizer, está óbvio que algo te incomoda.

Encaro minha amiga e mais um suspiro se vai. Sei que manter a boca fechada seria a atitude mais lógica depois de tanta zuação, porém, sinto-me tão incomodada que preciso falar.

177

– Eu o vi aos beijos com uma garota enquanto voltava para casa, antes de ir encontrá-la. – deixo a garrafa na pia e pego outra. Abro – Não sei explicar, mas fiquei incomodada. Então, encostei o carro e parei para falar com os dois. Na verdade, parei para deixá-lo sem graça na frente da menina... E bem... Funcionou.

Manuela fica quieta, apenas olhando e eu dou um gole no líquido. Tal como aconteceu no carro, um silêncio estranho nos envolve, até ela quebrá-lo:

– Clara, por acaso... Você está com ciúmes?

– O quê?! – arregalo os olhos – Ciúmes? Eu?

– Exato! Ciúmes. Você.

– Por que raios eu estaria com ciúmes daquele garoto?

– Boa pergunta. Porque você estaria com ciúmes dele?

– Pare de dizer besteiras, Manuela! Não é nada do que está pensando.

– E o que eu estou pensando? Huh?

– Te conheço, sua coisa. Você está querendo dar a entender que eu... E-eu...

– Você...?

– Já disse que não é o que está pensando.

– Tudo bem, mas você não respondeu o que eu estou pensando.

– Pode parar, 'tá legal?! – respiro fundo, tentando manter a calma – Não estou com ciúmes dele.

Só fiquei puta porque, da noite para o dia, o moleque simplesmente foi atrás de outra e só porque discutimos por mensagens.

– E desde quando se importa com esse tipo de coisa? Você mesma disse que resolveram ter algo

casual. Se é casual, significa que não tem envolvimento, conseqüentemente não há direito a cobranças e outras coisas. Ou estou errada?

178

Fico calada. Ela não precisa dizer, porque sei muito bem disso. Se é casual, não há direito a cobranças e muito menos envolvimento que não seja sexo. Ainda assim, não consigo conter essa sensação desconfortável que insiste em remexer meu peito.

– Clara, apesar de não querer enxergar, acho que você...

– Deixa de papo furado, Manuela. – interrompo – Pare de supor o que não existe. Como eu mesma disse, é casual e nada além disso. Fui idiota por ficar incomodada com o que vi, mas isso não vai mais acontecer. Que John Berryann fique com quem ele quiser, da mesma forma que eu vou ficar com quem eu quiser. Não podemos nos intrometer na vida um do outro? Pois bem. Sem dar-lhe chance para resposta e com as bochechas ardendo de nervoso, pego a garrafa de cerveja e vou para o quarto, onde me tranco. Sento na beirada da cama, viro mais um gole e respiro fundo.

Manuela está enganada. Se fiquei irritada, foi só pela cara de pau daquele garoto, que uma hora insinua ciúmes, praticamente marcando na minha testa que ninguém deve se aproximar, e depois pega outra como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Ah, isso é muita palhaçada, e eu não sou obrigada.

Eu não vou mais ficar zangada. Dane-se! Se é assim que as coisas seguirão, farei questão de deixar claro que sei aproveitar tanto quanto ele. Se é entre provocações que jogaremos, que assim seja, eu entrarei no seu jogo.

E que vença o melhor.

179

## ***Capítulo 19***

## Por Manuela

Com a mesma ansiedade que tenho sentido desde que começamos com isso, olho o horário no celular e percebo que está quase na hora de ele chegar.

Termino de arrumar os cabelos do jeito que - apesar de não dizer - sei que gosta e visto o pijama, só para não levantar suspeitas caso precise sair do quarto, o que eu não pretendo fazer no tempo em que estiver aqui e, bem, sei que ele também não permitirá.

Olho para a tv ligada em um filme qualquer, sento na cama e espero. Verifico novamente o celular e suspiro. Não sei dizer quando aconteceu, mas os minutos parecem mais longos à cada vez que repetimos isso.

Talvez seja apenas a ansiedade ou a sensação alvoroçada do proibido. É, talvez seja. Porém, já estou tão viciada que não me importaria de esperar os mais prolongados minutos só para desfrutar do que virá depois.

*Ah, vale tanto a pena que eu realmente não me importaria.*

Nem cinco minutos se vão e sorrio ao ouvir ruídos do lado de fora. É ele! Levanto de supetão e vou apressada para a janela, quase tropeçando no tapete. Abro e instantaneamente deparo com aquelas covinhas bem marcadas pelo sorriso que me balança tanto quanto os beijos.

– Olá!

– Olá, Sebby.

Dou espaço para que entre e ele o faz, um pouco desengonçado. Quem o vê da rua, escalando uma janela às onze da noite, provavelmente acha que está invadindo a casa.

O que me leva a pensar que qualquer dia essa brincadeira nos levará à delegacia por conta de um mal-entendido. Até imagino como a Clara reagiria se tivesse que tirar o aluno e a amiga da cadeia. Seria engraçado.

– Se a professora... Quer dizer, se a Clara já sabe que estamos nos encontrando aqui no seu quarto, por que ainda tenho que entrar pela janela? – ele pergunta.

– Porque gosto da sensação de vê-lo entrar pela janela. – me aproximo e enlaço seu pescoço – Parece tão... Errado, não acha?! É excitante!

Sebastian solta uma risada baixa e concorda. Agarra-me pela cintura do jeito que adoro e me puxa para si, meus seios esbarram em seu peito e instantemente meus bicos ficam rígidos com seu contato, não só pelo tesão, mas por não estar usando sutiã também.

Seus lábios carnudos vem de encontro aos meus, mas para a centímetros de distância, o suficiente para que nossas respirações se cruzem, numa provocação que me deixa pegando fogo.

– Então, você gosta quando entro pela janela?

– Gosto muito.

– E o quão excitante isso é?

– Excitante o suficiente pra eu querer arrancar sua roupa agora e jogá-lo na cama.

– Huum... – seus dedos se afundam em minha carne e sou incapaz de não gemer. Ele sorri – O mesmo vale para mim.

– Então, por que não unimos o útil ao agradável?

Sem dizer qualquer outra coisa, Sebastian quebra o espaço entre nós e me beija. Sua língua ávida invade a minha boca e com muito gosto eu o acolho.

Mergulho os dedos em suas madeixas arroxeadas e desfruto de tudo o que me dá, assim como do sabor maravilhoso de seus lábios e a forma como suas palmas deslizam despudoradas por minhas curvas, até chegar as minhas nádegas, onde dá um apertão bruto que me faz suspirar deleitosa.

– Ela está em casa hoje? – pergunta ao se afastar.

– Sim, mas já deve estar dormindo ou com os fones de ouvido, amaldiçoando o seu amigo John em pensamento.

– Não consigo entender esses dois. – ri soprado – É óbvio que estão loucos um pelo o outro e mesmo assim...

– São orgulhosos demais para admitir isso.

– Não seria melhor dar o braço a torcer e fazer como nós dois?

– Ah, é?! E o que nós dois fazemos, senhor Sebastian Wylie?

– Aproveitamos do prazer juntos. – morde o lábio e sorri – Não é melhor desse jeito?

– É mil vezes melhor! Assim sendo, vamos parar de falar nesses dois cabeças-duras e vamos logo ao que interessa, porque estou impaciente e quero seu pau dentro de mim. Eles que se resolvam...

– Você é muito apressadinha, sabia?!

– Sei. E também sei que está doido pra se enterrar em mim e bem fundo, não é?!

– Não faz ideia!

Com facilidade, Sebbby me pega no colo e caminha até a cama. Me põe deitada e sem perder tempo, livra-se do casaco e camisa que usa, largando ambos no chão. Seu corpo cobre o meu e nossas bocas outra vez se encontram.

Abro as pernas para que se encaixe e quase vou aos céus quando seu pênis deliciosamente duro fricciona na minha fenda ainda coberta, fazendo minha calcinha ficar mais molhada do que antes.

*Ai caramba... Esse garoto me faz perder a cabeça!*

– Queria ouvir você gritar.

Ele sussurra, ondulando os quadris, se apertando mais e mais entre as minhas carnes. Sua voz rouca me arrepia dos pés à cabeça e seus movimentos malditamente gostosos deixam-me tonta de tanto tesão.

– Mas como a profes... A Clara está aí do lado e eu também não tenho muito tempo, fico satisfeito em gozar com você.

– Não se preocupe. Logo vou realizar sua fantasia.

– Huh... Gostei disso. E posso saber como?

- Por enquanto, apenas me coma, Sebby. Depois falamos disso.

Dando-me um sorriso que deixa suas covinhas bonitas a mostra, ele consente e deposita um selar em meus lábios, antes de levantar e terminar de tirar as roupas, revelando seu membro rígido e pronto para mim. Somente para mim. E que me dá água na boca.

Suas mãos alcançam a barra da blusa do meu pijama e me ergo para que possa tirá-la, e logo meus seios estão expostos para si, os bicos tão duros quanto sua ereção.

Ele não se contém e enfia um dentro da boca e eu ofego, delirando com a sensação da sua língua quente e molhada no meu mamilo sensíveis. Ah, uma delícia!

Distribuindo lambidas em meus mamilos, desce sua mão livre lentamente, enfia por dentro do cócs do short de dormir e explora o meu sexo com seus dedos longos.

Afasta meus lábios vaginais e espalha meu líquido para cima e para baixo, deixando me ainda mais melada. Seu indicador faz círculos em volta do meu clitóris inchado e eu tremo. Meu contorço em pura excitação. Desejando mais do que nunca seu pau me penetrando com força.

– Se eu pudesse, passaria a noite toda ouvindo você gemer assim, manhosinha pra mim...

– Se eu pudesse, passaria a noite toda gemendo assim pra você.

– Já te disse que me deixa louco?!

– Já e você me deixa da mesma forma. Meu garotinho abusado.

– Não sou nenhum garotinho.

Empurro-o delicadamente pelos ombros e tiro eu mesma o short, ficando completamente nua.

Pego a camisinha que larguei estrategicamente ao lado da cama e afasto mais os joelhos. Então, com a minha melhor expressão descarada, digo:

– Me prove...!

Apesar de não ser a primeira vez que o provooco dessa maneira, vejo seu olhar ficar diferente, repleto de luxúria e desafio, e minha vagina pulsa em antecipação.

Ele está a ponto de bala.

Sebastian pega o preservativo, desenrola sobre a sua dureza e em segundos está em cima de mim.

Agarra meus pulsos e os prende ao lado da minha cabeça, demonstrando toda sua dominação.

Não me importo, gosto desse seu lado, assim como gosto de me submeter a ele. E somente a ele.

Num empurrão seco, mete-se em mim e por muito pouco não consigo conter um grito. Ele observa e sorri, sei que reparou e está disposto a me instigar até que eu o faça, como o bom cretino que é.

– Lembre-se que a Clara está no quarto ao lado e não podemos fazer barulho.

Dito isso e suas investidas começam, lentas e profundas. Sebastian sai quase que completamente e volta com tudo, indo o mais fundo que consegue e só o que sou capaz é morder o lábio para afogar os gritos em minha garganta, já que sequer posso usar as mãos para descontar todo o tesão marcando suas costas com as minhas unhas.

Uma, duas, três....

Sete, oito, nove...

Seus movimentos se repetem e a cada segundo fica mais difícil segurar. Seu olhar, seus beijo em minha pele, a forma como remexe os quadris e impõe seu controle segurando firme meus pulsos, tudo me leva a um nível de excitação que jamais experimentei antes.

– Está se saindo bem. Mas acho que prefiro ouvi-la fazer barulho.

– Você não se atreveria...

– Sou seu garotinho abusado, ou esqueceu?

E com um sorriso sacana que me faz revirar os olhos, segura minha cintura, me ergue e começa a bombear sem pudor algum.

Rápido e intenso. Entra e sai com tanta ânsia que leva todo o meu esforço por água abaixo e um grito escapa de meus lábios quando acerta em cheio o meu ponto de prazer.

Ofego, ofego e ofego.

Finco as unhas nos músculos firmes de seus braços e permito que meus gritos saiam livremente.

Estou com a mente e o corpo mergulhados em prazer, que nada importa, nem mesmo a minha amiga que talvez esteja escutando absolutamente tudo.

– Eu sei que você disse que logo realizaria minha fantasia, mas... Ah, porra... Eu queria muito te ouvir assim.

– Você é um cretino, Sebastian Wylie.

– E você é minha perversão.

Sua boca procura a minha e eu não pestanejo em cedê-la. Nossas línguas se enroscam sensualmente enquanto o som erótico de nossas pélvis se encontrando ressoa pelo quarto, junto com a cabeceira da cama batendo na parede.

De quatro, de lado e em todas as posições que nos permitimos sentir prazer, transamos feito loucos e comigo em seu colo, cavalcando com toda a vontade, Sebastian dá um solavanco que leva nós dois a um orgasmo delicioso.

Ofegantes, ficamos uns segundos abraçados para nos acalmar e logo estamos esparramados sobre os lençóis amarrotados e úmidos de suor da minha cama, mas não ligamos.

Manhosa como só eu depois do sexo, procuro seu afago e sou recebida calorosamente por seus braços, que me envolvem com carinho. Deito a cabeça sobre o seu peito e não demora para que seus dedos estejam acariciando os meus cabelos, como sempre faz todas as vezes que invade o meu quarto pela janela.

Acho que é por isso que estou ficando viciada nele.

Ah, eu quero enganar à quem? Estou totalmente viciada nele!

– Será que ela ouviu? – indaga.

– Tenho quase certeza que sim, mas não se preocupe, depois me resolvo com ela. Além disso, tenho quase certeza de que quando a Clara se resolver com o John, serei obrigada a ouvir alguns gritos também.

Rimos e eu me aconchego mais em seu corpo, quase ficando por cima de tão agarrada que estou.

Bom, não posso evitar.

Temos pouco tempo, porque ele sempre precisa voltar para casa antes das duas, que é o horário que seu pai - que é médico - costuma voltar do plantão.

Eu não deveria concordar com essa maluquice dele sair de casa tão tarde, mas ultimamente estou agindo como uma verdadeira adolescente apaixonada e não posso negar que fico chateada nos dias que ele não vem.

*Ai caramba... Ele realmente me faz perder a cabeça, e não é só no sexo.*

– Sei que isso não tem nada a ver conosco, de certa maneira, e também não seja o melhor momento, mas esse assunto realmente está me incomodando.

– E o que é?

– O que acha desse caso entre o John e a Clara?

– Em qual sentido?

– Bem, eu sei que eles são bem diferentes de nós e parecem não querer admitir que “gostam” um do outro, e...

– Não precisa fazer aspás, Sebby, porque eu tenho quase certeza disso. Pelo menos, do lado da minha amiga.

– Pois eu também tenho em relação ao John. Ele anda estranho. Digo, desde que esse novo voto de silêncio começou entre eles e sabe-se lá por qual novo motivo. Tanto ele quanto ela estão estranhos, como se... Estivessem sentindo falta. Mas são orgulhosos demais pra admitir até isso.

– Seria bem mais fácil se fizessem como nós, não é?! – rio e ele concorda – Mas, tenho que

concordar contigo. Conheço minha amiga e sei que ela é dura na queda e...

186

– Dura aonde?

– Dura na queda. Significa que é difícil de lidar.

– Aaahh...

Solto uma risadinha. As vezes esqueço que os ingleses não conhecem algumas expressões e, bem, aqui está a prova.

– Bom, voltando. Clara é uma pessoa muito orgulhosa e pelo o que conta do seu amigo, ele também.

– Mas, se você disse que ela gosta dele, da mesma forma que eu acredito que ele goste. Então, por que esses dois teimam tanto em continuarem afastados?

Permaneço calada por uns segundos, pensativa, mas antes que meu silêncio possa insinuar algo que não estou disposta a explicar, digo:

– Sinceramente, eu não faço ideia. Mas eles são adultos, Sebby, uma hora ou outra terão que se entender. Se realmente estão gostando um do outro, isso vai acontecer.

Ele concorda e dá o assunto por encerrado ao notar que não falo mais nada. Agradeço, pois, além de querer curtir o tempinho que nos resta juntos até ele ir embora, também não queria estender e acabar falando demais.

No entanto, ainda que tenhamos encerrado, os pensamentos continuam perambulando dentro da minha cabeça.

Minha amiga pode até negar, mas sei que desde que aquilo aconteceu, ela não se permite apaixonar por ninguém.

Embora três anos tenham passado, entre casos de uma noite e tentativas fracassadas de relacionamento, eu a conheço bem o suficiente para saber que aquilo ainda lhe perturba. Tanto que não é à toa que esteja tão confusa com esse envolvimento com o tal aluno prodígio do

Terceiro A.

187

Não tem nada a ver com ética professora e aluno, a diferença de idade ou qualquer outra coisa, tem a ver com ela mesma e todos os receios que ainda guarda dentro de si.

Dá para perceber que essa relação está saindo do seu controle e, ainda que resista, o garoto está conseguindo quebrar suas barreiras.

Em outras palavras, aquele garoto de dezoito anos está fazendo algo que nenhum outro homem foi capaz em todo esse tempo:

*John Berryann está chegando em seu coração.*

188

***Capítulo 20***

## Por John

Mais uma vez, meus olhos a seguem pelo corredor.

Sua postura impessoal e seus passos firmes sobre os saltos agarram a minha atenção com tanta força que, ainda que eu mantenha a indiferença como tenho feito à dias, me vejo preso a sua figura da mesma forma como um dependente se vê preso ao motivo do seu vício.

*Duas semanas.*

Há quase duas semanas que estamos nisso. Sem olhares, sem sorrisos provocativos ou nossos pequenos conflitos de ego dentro da sala de aula.

Assim como fizemos antes de nos deixarmos levar e acabarmos na minha cama, estamos mutuamente ignorando um ao outro e agindo como se nada tivesse acontecido, com a exceção de que não estamos fazendo isso por conta do nosso acordo. Muito pelo contrário. Agora é por teimosia. Simples e pura.

Não que isso seja uma novidade. Na verdade, eu deveria estar acostumado. Ou melhor, não dar a mínima. Afinal, combinamos que seria apenas sexo e nada além disso.

Se fico ou não com outras garotas, não é algo que realmente lhe diga respeito, pois como eu disse, ela não pode se intrometer na minha vida e o mesmo vale para mim.

Somos somente duas pessoas que querem saciar o desejo entre quatro paredes e ponto. Fora delas, a situação é completamente diferente.

Bem, ao menos a minha intenção era acreditar nessa ideia, mas não é o que está acontecendo.

Ainda que eu lute contra, a cada dia que passa sinto-me mais e mais incomodado, e nem sei o porquê.

Desde aquele dia, quando fui flagrado aos beijos com outra, as coisas andam muito estranhas dentro da minha cabeça. Para ser sincero, antes disso. Aquela mesma sensação estranha de

tempos atrás vem me corroendo de novo e parece ter ficado muito mais forte depois que finalmente consegui tê-la em meus braços.

No início, eu pensei em dar-lhe uma explicação. Afinal de contas, fiz o que fiz por ter ficado com raiva e para mostrar que poderia muito bem estar com outras pessoas, que uma noite não significava absolutamente nada.

Mas entrar no seu joguinho do silêncio foi mais fácil do que passar por cima do meu orgulho. Só o que eu não imaginava era que aguentar seu descaso se tornaria tão difícil. E tão angustiante. Quando a vejo nos corredores ou entrar na classe e fingir que eu sequer existo, que sou apenas mais um entre seus alunos, um embrulho incomum me acerta o estômago. O que só piora quando ela está com o babaca do professor de matemática, distribuindo os sorrisos e olhares cheios de significado que antes eram para mim.

*Me deixa louco!*

– Se a sua intenção é disfarçar, desculpe dizer, mas você não está conseguindo.

Saio dos devaneios e dou de cara com Jimmy, que se põe ao meu lado.

– Já está na hora de voltar? – desconverso.

– Não, ainda falta alguns minutos.

Solto um suspiro e consinto. Pego o celular no bolso da calça para me distrair, mas, inconscientemente, meu olhar acaba recaindo sobre a conversa alheia perto das escadas. Mais um suspiro escapa, junto com uma risada sem humor.

– Ficaré nessa até quando? – pergunta – Já perdi as contas de quantas vezes te peguei olhando para ela, e pior, querendo arrancar a cabeça do professor Jackson sempre que os encontra juntos. Tipo, como nesse exato momento.

Respiro fundo e me apoio no batente da janela, desviando a atenção para qualquer coisa que não seja aqueles dois e o amigo enxerido ao meu lado.

– Não sei do que está falando. – digo.

– Ah, por favor. Não se faça de besta! Está tão na cara que até o mais idiota pode ver.

Encaro-o e, pela centésima vez, respiro fundo.

Bendita hora em que fui contar para ele.

– Escuta, Minnie, nós...

– Nós não temos nada e blá blá blá. – revira os olhos – Troca o disco, Johnie, porque esse discurso já está batido. Batido e visivelmente mentiroso.

Impaciente, sou eu quem revira os olhos e bufa.

– Sério, eu deveria ter ficado com a minha boca calada. Por que eu sei que você vai encher o meu saco com isso, não é?!

– Sou seu melhor amigo, esqueceu?! Ainda que não contasse, eu iria notar.

– Você mesmo disse que está tão na cara que até o mais idiota pode ver.

– Ooohhh...

Sorrio com sua falsa indignação e dou de ombros. Ele continua:

– E outra, eu não estou enchendo o seu saco. Só estou querendo fazê-lo enxergar o óbvio.

– Enxergar o óbvio? Como assim?

– Você gosta dela, Johnie.

– Eu o quê? – arregalo os olhos.

– Você gosta da professora Clara.

– Pelo amor, Jimmy! Eu, gostando da professora Clara?!

– Não, eu que estou gostando. – debocha – Lógico que é você. Se não, como explica todo esse ciúme e essa cara de "peixe morto" desde que se desentenderam? Quando ela passa com o professor Jackson... Ou melhor, quando ela passa com qualquer homem, você só falta soltar raios pelos olhos.

– Eu acho que você tem algum problema, Minnie. – rio soprado.

– Olha, quem tem um problema aqui não sou eu.

Ele faz um gesto com a cabeça em direção as escadas, fazendo-me erguer os olhos sorrateiramente e então ver Jackson deslizar a mão pelo braço de Clara, com mais intenções do que deveria.

Aquela sensação revira meu estômago e assim que a vejo sorrir, toda sem jeito, meu sangue ferve e sou obrigado a apertar as mãos em punho para não dar o primeiro passo e causar mais do que uma discussão boba entre professores e aluno.

*Merda, por que ela está sorrindo assim? E por que isso me incomoda tanto?*

Continuo observando-os conversar e, talvez sentindo que meus olhos estão sobre si, Clara vira um pouco o rosto e nos encaramos, como à dias não fazemos. Tenho vontade de ir até onde está, puxá-la para qualquer canto e beijar-lhe a boca da mesma maneira que venho desejando desde que a primeira vez que provei de seu sabor.

Mas assim que ela desvia o olhar e devolve a atenção para o babaca ao seu lado, solto um suspiro e caio na real.

Eu estou ficando maluco.

– Entende agora? – Jimmy fala e só assim para que eu perceba que ainda está ao meu lado – Se você não tomar uma atitude logo, vai...

– Eu não gosto dela, 'tá legal?! – interrompo-o, passando os dedos entre os cabelos nervosamente

– Será que dá para entender?!

– Não? Tem certeza?

– Tenho!

– Por que você é tão teimoso?

192

Com a pouca paciência que me resta, respiro fundo o quanto posso e nem dou tempo para que

meu amigo prossiga com seus sermões, apenas me ponho a caminhar de volta para a sala de aula e agradeço ao universo logo que lembro que não temos aula com nenhum daquele dois.

O restante do dia passa normalmente. Assim que o período termina, Andy e eu vamos para a sala do clube. Por sorte - ou azar - não encontro Clara nos corredores e isso me deixa um tanto aliviado, pois assim não tenho que me preocupar com sentimentos esquisitos rondando o meu peito.

Pouco depois das cinco, somos liberados para ir embora. Como de costume, Tae me dá uma carona até metade do caminho e logo parte para mais uma de suas aulas extracurriculares, enquanto eu corro contra o tempo para pegar o ônibus no horário e conseguir chegar em casa à fim de me arrumar antes de ir para o trabalho.

Vinte minutos se vão e entro em casa, largando a mochila ao lado da porta, assim como os tênis. Vou para a cozinha, coloco água para ferver e pego um pote de macarrão instantâneo no armário, o qual deixo sobre o balcão e só então trato de começar a tirar o uniforme.

Caminho para o quarto enquanto desabotoo a camisa e ao ver a cama, as lembranças da noite em que Clara esteve aqui vem à tona, arrancando-me um suspiro pesado. Paro o que estou fazendo e encaro os lençóis por um instante.

Os mesmos lençóis em que nossos corpos estiveram entrelaçados e provaram de um prazer tão único, tão intenso, que até agora eu posso sentir a sensação quente da sua pele contra a minha.

*Irresistível...*

Permito-me olha mais um pouco, mas não demoro a afastar os pensamentos e voltar ao que estava fazendo. Separo uma roupa confortável para vestir depois do banho, coloco apenas uma bermuda só para não ficar de cueca e corro outra vez para a cozinha quando ouço o apito da chaleira indicando que a água já ferveu.

Com o pote de macarrão em mãos, sento no sofá e aproveito para checar meu celular. Vejo uma mensagem de Scarlett e suspiro. Apesar de eu ter deixado claro que não deveríamos mais nos

envolver, nem mesmo como amigos de foda, ela insiste em continuar me procurando e isto está começando a encher a minha paciência.

Por isso, decido ignorar. Se eu der atenção, com certeza será mais difícil tirá-la do meu pé, e convenhamos que já tenho problemas demais relacionados à uma mulher.

Termino de devorar a comida e descanso por alguns minutos antes de levantar e ir para o banheiro. Tomo uma ducha rápida e visto a roupa que separei, no caso, uma calça escura e o jaquetão vermelho por cima da camisa social. Penteio os cabelos, como sempre a contra gosto, e coloco o gorro para que o vento não os desmanche.

Desço as escadas com a bicicleta que consegui comprar à uma semana atrás com o dinheiro que juntei. Não é tão confortável como um carro ou uma moto, ainda mais usando sapato e calça social, mas atende as minhas necessidades e é isso o que importa.

Ajeito os fones de ouvido e ponho-me a pedalar, rumo a avenida principal. São apenas alguns quarteirões até onde eu trabalho, por isso o percurso é bastante rápido, tanto que mal ouço metade da minha playlist e já estou diante a entrada luminosa do karaokê.

Deixo a bicicleta estacionada na parte de trás do prédio, junto com a dos outros funcionários, entro cumprimentando à todos e vou direto para o vestiário.

Penduro o jaquetão e o gorro dentro do armário e visto o colete preto, logo depois a gravata e então amarro o avental ao redor da cintura. Dou um jeito nos cabelos e estou pronto para mais um dia. Ou melhor, mais uma noite.

Ser garçom aqui não é difícil. Na realidade, acho que este é o trabalho mais fácil que tive desde que cheguei a Londres, pois tudo o que faço é servir as salas quando pedem petiscos e bebidas, e limpar a bagunça que deixam para trás.

Ainda que eu tenha que sair sempre depois da meia-noite e isso me foda todas as manhãs, graças ao sono que não consigo repor, eles pagam bem e eu tenho duas folgas por semana.

Em outras palavras, não tenho do que reclamar e estou feliz dessa forma.

Pelo menos até conseguir realizar o meu sonho.

194

– Olá, Johnie! – Carlos aparece e me cumprimenta – Pegamos o mesmo turno de novo?

– Ah, e aí cara! Pois é, juntos de novo.

– Chegou agora?

– Sim. – sorrio, fechando o armário – A noite está corrida hoje?

– Um pouco. Por enquanto está ok. Mas a Agatha disse que há uma reserva para a sala principal mais tarde.

– Huh, entendi. Pelo jeito, bastante gente.

– Nada que se compare a um final de semana, pode ter certeza.

– Quem aguenta um final de semana, aguenta tudo.

Saímos do vestiário e vamos para nossas funções.

Depois de limpar o chão, organizar os equipamentos nas salas e entre outros afazeres, vou para a cozinha ajudar a lavar os pratos e logo Agatha, a gerente, avisa que o pessoal da sala principal chegou e deixa Carlos e eu encarregados de servi-los durante o tempo em que estiverem aqui.

– Vai preparando as pernas. – meu colega murmura, fazendo-me rir.

– Estou preparado.

– Vou servir as comidas e você as bebidas, pode ser?

– Por mim, tudo bem.

Ficamos a postos e o interfone da sala principal não demora a tocar. A garota responsável anota os pedidos e nos entrega. Carlos vai para a cozinha e eu vou atrás das bebidas. Preparo os drinks, pego as garrafas de cerveja, ajeito tudo na bandeja e me direciono ao corredor, direto para a maior sala do andar.

Paro diante a porta dupla, equilibrando a bandeja em uma das mãos para apertar a campainha da

sala e entregar os pedidos, mas sou surpreendido quando a porta abre de supetão e aquele par de olhos escuros cruzam com os meus de imediato.

195

– John?!

Inesperadamente, meu coração dispara. Observo-a parada a minha frente, com os cabelos soltos e a boca enfeitada por um batom rosa, e engulo seco.

Foram poucas as vezes em que a vi assim, mas todas foram marcantes o suficiente para que eu não esquecesse.

– O que está fazendo aqui? – indago, sem conseguir me conter.

– Eu que pergunto. O que está fazendo aqui? Está me seguindo, é?!

– Eu trabalho aqui.

– O que?

Abro os braços e mostro o meu uniforme, apesar da bandeja em minha mão ser mais do que uma prova. Ela o analisa por uns segundos, um pouco mais do que o necessário, e volta a olhar para mim.

– Eu não sabia que trabalhava. – diz, com a voz amena.

– Pois é. – suspiro – Na verdade, você não sabe de muitas coisas.

Solto sem querer e logo percebo que acabei de levar qualquer oportunidade de uma conciliação por água abaixo ao vê-la cruzar os braços e sua expressão ficar arisca.

Praguejo.

– Você... Ah, quem está aí? – pergunto, tentando quebrar o clima ruim – Por tantos pedidos, acredito que muitas pessoas. Seus amigos?

– Todos os professores e a diretora Charlotte. – responde e só falto suar frio – Resolveram fazer um happy hour depois da reunião e, bom, aqui estamos.

– É sério? Estão todos aí dentro?

– Sim. Por quê?

196

– Merdaaaaa...! – sussurro.

– O que foi?

– Ninguém sabe que eu trabalho.

– Como assim?

– Eu falei para os professores que eu recebo uma mesada dos meus pais.

– Hã? – franze o cenho e me encara – Você está mentindo para todo o corpo docente, John Berryann? É isso mesmo?

Não respondo, apenas suspiro e consinto. Ela respira fundo, irritada, e então fala:

– Vamos. Pode começar a se explicar.

Explico rapidamente a minha situação, omitindo o que por enquanto não vem ao caso. Termino e espero que diga algo, mas só o que ela faz é estender os braços, os quais observo sem entender.

– Me dê. – ela pronuncia, por fim.

– O que?

– Me dê a bandeja.

– Mas...

– Você quer entrar nessa sala e ficar sem emprego? Ou pior, passar o restante do semestre ouvindo reclamações e sermões todos os dias?

– Não.

– Então, me dê a bandeja. Invente uma desculpa e tente trocar com alguém para que venha no seu lugar, entendeu?!

Balanço a cabeça como um boneco e lhe dou a bandeja.

– Ah! E procure ficar o mais escondido possível para não encontrar nenhum dos professores ou a diretora nos corredores.

Outra vez, apenas balanço a cabeça. Clara dá um sorrisinho pequeno, sem mostrar os dentes, e vira para entrar na sala novamente. Porém, antes que o faça e minha coragem momentânea se esvaia, seguro em seus ombros e ficamos frente a frente.

– Obrigado, professora.

Meus olhos vão direto para os seus lábios rosados e uma vontade quase insana de tomá-los grita em mim.

Apesar de saber que posso tomar um chute ou qualquer outra coisa, me inclino, disposto a saciar esse desejo, mas ela dá um passo para trás e esquiva do meu contato.

Nós nos encaramos por um instante e, diferente do primeiro, outro sorriso brinca em seus lábios.

Um sorriso zombeteiro.

– Vai sonhando...!

Sussurra e entra na sala, sem ao menos dar tempo para que eu possa assimilar sua pequena provocação. Encaro a porta agora fechada e sou incapaz de não sorrir.

Essa teimosia dela ainda vai me deixar louco.

Assim como a minha teimosia em insistir que meu coração não bate por ela.

## ***Capítulo 21***

Eu não queria vir. Minha única intenção depois da reunião era voltar para casa e passar o restante da noite assistindo séries que, mais uma vez, deixei acumular por causa do trabalho.

Porém, como nada acontecesse do jeito que eu quero, a diretora teve a grande ideia de fazer um happy hour de última hora em um karaokê, por sabe-se lá qual razão.

Pensei seriamente em recusar, inventar uma desculpa qualquer e dar o fora, mas se ela já não vai muito com a minha cara, imagina se eu rejeitasse...

Então, aqui estou eu.

Jackson, sentado ao meu lado, olha a lista de músicas à procura de alguma que possamos cantar juntos e, vez ou outra, pergunta a minha opinião.

Eu, como a boa indecisa que sou, apenas digo que pode escolher a que achar mais interessante e volto a vasculhar o cardápio atrás de uma bebida que me faça perder a vergonha de cantar na frente de todos, já que esse não é o meu forte.

– Você gosta de Lady Gaga? – pergunta.

– Lady Gaga? Ah, um pouco.

– Podemos cantar essa?

Aponta para 'Poker Face' no tablet e inconscientemente eu suspiro. Acho que vou precisar mais do que um drink para conseguir cantar isso na frente de todos.

Decidimos que essa será a música e passamos o tablet para os outros. Durante minutos, ficamos entre resolver as músicas e bebidas, e logo o professor de literatura coreana faz os nossos pedidos, os quais esperamos enquanto conversamos.

– Preciso ir ao banheiro. – digo – Alguém sabe onde é?

– Acredito que seja no final do corredor. – a professora de filosofia diz.

199

– Obrigada.

Peço licença, mesmo que todos estejam distraídos em suas conversas, e vou para a porta. No entanto, minha ida ao banheiro é totalmente interrompida assim que abro e inesperadamente deparo com quem eu menos esperaria em um lugar como este.

*Oh, céus! Londres não pode ser tão pequena assim.*

– John?!

Encaro-o, sem de fato acreditar que está parado bem minha frente. Seus olhos escuros cravam-se aos meus e um frio na barriga me acerta de repente.

– O que está fazendo aqui? – questiona, tão surpreso quanto eu.

– Eu que pergunto. O que está fazendo aqui? Está me seguindo, é?!

– Eu trabalho aqui.

– O que?

Ele abre os braços e posso ver seu uniforme de garçom. Analiso-o por uns segundos e, ainda que não seja o que realmente importa, não posso negar que fica muito bonito vestido dessa maneira.

Bonito e extremamente sexy.

– Eu não sabia que trabalhava. – comento, sentindo-me um pouco sem jeito.

– Pois é. – suspira – Na verdade, você não sabe de muitas coisas.

Sua declaração cheia de ironia me faz cruzar os braços e voltar a postura fria de antes. Eu aqui, tentando ser legal, e ele responde assim? Bom, se tínhamos qualquer possibilidade de ter uma conversa normal, ela acaba de ir por água abaixo.

Ficamos em silêncio por um instante, mas ele trata de quebrá-lo.

– Você... Ah, quem está aí? Por tantos pedidos, acredito que muitas pessoas. Seus amigos?

– Todos os professores e a diretora Charlotte. – respondo e vejo-o empalidecer. Estranho –

Resolveram fazer um happy hour depois da reunião e, bom, aqui estamos.

200

– É sério? Estão todos aí dentro?

– Sim. Por quê?

– Merdaaaaa...!

– O que foi?

– Ninguém sabe que eu trabalho.

– Como assim?

– Eu falei para os professores que eu recebo uma mesada dos meus pais.

– Hã? – franzo o cenho e o encaro – Você está mentindo para todo o corpo docente, John

Berryann? É isso mesmo?

Ele não responde, apenas suspira e consente. Esse moleque idiota!

Respiro fundo o máximo que posso e falo:

– Vamos. Pode começar a se explicar.

John começa a falar e me limito a escutá-lo, e súbito entendo o porquê de ter dito que eu não sei de muitas coisas. Ele termina e eu somente o observo, sem saber exatamente o que dizer.

Meu Deus, como esse garoto consegue viver com tantos segredos e ainda agir como se sua vida fosse um mar de rosas?

– Me dê. – digo.

– O que?

– Me dê a bandeja.

– Mas...

– Você quer entrar nessa sala e ficar sem emprego? Ou pior, passar o restante do semestre ouvindo reclamações e sermões todos os dias?

201

– Não.

– Então, me dê a bandeja. Invente uma desculpa e tente trocar com alguém para que venha no seu lugar, entendeu?!

Balança a cabeça e entrega-me a bandeja. Bom, eu não posso fazer muito sobre a sua situação, mas pelo menos posso ajudá-lo a acobertar para que ninguém descubra. Independente de eu estar fula da vida, não posso ser indiferente à isso.

– Ah! E procure ficar o mais escondido possível para não encontrar nenhum dos professores ou a diretora nos corredores.

Mais uma vez, ele apenas balança a cabeça como um bonequinho e sou incapaz de não rir.

Mesmo com todo esse tamanho, John ainda é um garotinho perdido.

Viro-me para entrar na sala e levar os pedidos, mas antes que eu o faça, sinto suas mãos

segurando em meus ombros e ficamos frente a frente.

– Obrigado, professora. – murmura.

Vislumbro seus olhos escuros e percebo que sua atenção desce para a minha boca. Meu coração acelera. Instintivamente, fito seus lábios e o desejo de tê-los sobre os meus cresce desenfreado.

Porém, assim que vejo-o se inclinar para fazer exatamente o que penso, dou um passo para trás e esquivo de seu contato.

– Vai sonhando...! – sussurro, com um sorriso no rosto.

Sem dar-lhe tempo para ao menos responder, entro na sala e deixo-o plantado do lado de fora.

Ele acha mesmo que vai conseguir tão facilmente o que quer? Mas nem ferrando! Se beijar aquela menina foi fácil, comigo a coisa é diferente.

– O que faz com essa bandeja? – Jackson pergunta, se aproximando.

– Ah! Eu fui no banheiro e encontrei o garçom, como ele estava apressado para pegar o restante dos pedidos, me prontifiquei a ajudá-lo.

202

Meu colega de trabalho sorri e põe a bandeja sobre a mesa de centro. Os demais professores pegam seus drinks e a sessão de cantoria começa.

Sento ao lado de Jackson, pego minha bebida e tento tirar o encontro que tive com John à minutos atrás. Meu coração ainda bate feito um louco só de lembrar que quase nos beijamos e, sinceramente, isso é tudo o que eu não preciso agora.

Entre goles e risadas, minha vez de cantar chega. Levanto junto com Jackson e ficamos diante a tv, os gritos e aplausos dos outros professores nos animam e logo a melodia de Poker Face começa.

Mesmo queimando de vergonha, me disponho a fazer o melhor dueto com meu colega de trabalho, mas praticamente não consigo cantar uma estrofe inteira, porque Jackson não para de fazer graça imitando a Lady Gaga e só o que sei fazer é rir de suas baboseiras.

O tempo passa e sinto-me mais solta. Tomo mais alguns drinks e fico mais cantante do que um ídolo pop. Faço dueto com todo mundo, até com a diretora Charlotte, que parece mais simpática aqui do que dentro do colégio.

– Acho que preciso ir no banheiro. – solto, caindo ao lado de Jackson no sofá de couro. Olho ao redor e minha vista embaçada é a prova de que estou ficando alterada.

– De novo?

Observo-o sem entender, mas logo me cai a ficha que acabei não indo mais cedo graças à aquele moleque do John.

E falando em John, ele não apareceu desde que nos esbarramos na porta, o que significa que conseguiu trocar com alguém.

Ótimo. Assim ele não é descoberto, não perde o emprego e não me enche a paciência.

– Pois é. – dou de ombros – Tenho a bexiga fraca, sabe?!

Ele dá uma risada e diz:

– Eu também preciso ir. Vamos juntos?

203

Consinto e nos levantamos, sob os olhares de alguns professores. Saímos da sala e caminhamos lado a lado no corredor, em direção aos banheiros. Tento me manter direita, mas acabo bambeando mais do que devo, tendo os braços de Jackson como apoio vez ou outra.

Sorrio com todo o seu cavalheirismo e o agradeço, para logo entro no banheiro. Seria tão mais simples se eu pudesse retribuir seus sentimentos ao invés de ficar aficionada num moleque que sequer saiu das fraldas direito e ainda por cima se acha o rei do mundo.

Faço o que tenho que fazer e não demoro a sair do banheiro, encontrando Jackson encostado na parede. Paro a sua frente e o observo, dizendo silenciosamente que devemos voltar para a sala.

Contudo, ele não se move, somente corresponde o meu olhar e pega singelamente em minha mão, levando-me para si.

– Eu posso te beijar? – pergunta num sussurro.

Eu o observo, um pouco espantada com sua ousadia repentina, mas, acima de tudo, pensando se devo ou não deixá-lo fazer o que pede.

Trocamos olhares por uns segundos, e ciente de que tenho todo o direito, colo meus lábios nos seus e sinto que agarra minha cintura com certa força. Sua língua encontra a minha com gentileza e o sabor do álcool dá um toque sensual ao nosso beijo.

Envolvo seu pescoço em um abraço e me aproximo mais, para que desfrute o que quer de mim. De um lado para o outro, sua boca explora a minha, enquanto suas palmas descem devagar até acima do meu bumbum e me apertam contra si.

Sinto seu membro dar algumas fisgadas e então percebo que estamos indo longe demais. Um sentimento estranho se apossa do meu peito e acabo me afastando. Nos encaramos um tanto ofegantes e, entendendo que a situação passou dos limites, Jackson sorri fraco e acaricia minha bochecha.

– Vamos voltar? – indaga.

Consinto e retornamos calados para a sala.

204

As horas se passam e não tocamos no assunto beijo. Na verdade, agimos normalmente e acima de suspeitas, e curtimos a diversão com nossos colegas de trabalho.

Perto da uma da manhã, decidimos ir embora. Nos dividimos em pequenos grupos para compartilhar os carros e, como presumi, acabo pegando carona no carro de Jackson com outros três professores.

Os deixamos na estação de metrô mais próxima e rumamos para a minha casa. O caminho é silencioso. Fico observando a paisagem através da janela e relembrando o beijo que demos perto dos banheiros, porém, mais do que isso, tento entender a sensação incomoda que preencheu meu peito enquanto eu o beijava.

Por que me senti assim?

– Chegamos. – sua voz chama a minha atenção.

– Ah! – sorrio sem graça – Obrigada, mais uma vez.

Como já aconteceu outras vezes, não saio do carro e ficamos calados. Por minutos, permanecemos assim, até que meu colega se pronuncia de repente.

– É impressão minha ou aquele é o Sebastian Wylie pulando a janela da sua casa?

Olho na direção que aponta e vejo o garoto sair disparado, virando a esquina mais rápido que o The Flash e desaparecendo. Solto um suspiro e xingo minha amiga de todos os nomes possíveis dentro da minha cabeça.

Essa brincadeirinha deles ainda vai causar algum problema.

– Longa história... – respondo, bufando.

– Ah, certo.

O silêncio volta a nos rondar, mas não demora para ser quebrado.

– Acho que te devo desculpas. Eu não deveria...

205

– Jackson, pare. – interrompo – Você sabe que eu quis, então, não precisa pedir desculpas. A questão é que... Você sabe... Não quero lhe dar falsas esperanças. Foi apenas um beijo.

Entende?!

– Sim, eu sei. – sorri fraco – Não é como se eu esperasse algo à mais disso.

- Mas é o que parece e por isso eu...

– Não se preocupe, Clara. Sou adulto e entendo as coisas. – solta uma risadinha – Apesar de eu querer, não vou forçá-la a nada. Além disso, um beijo ou outro não é motivo para alarde, certo?!

Encaro-o e solto um suspiro. Por fim, digo:

– Tem razão.

– Bom, já que estamos entendidos, acho melhor você entrar. Está tarde e amanhã acordamos

cedo.

– Está bem.

Despeço-me e finalmente saio do carro. Jackson acena e então parte.

Respiro fundo e giro nos calcanhares para entrar em casa. Largos os sapatos ao lado da porta e me arrasto para o quarto. Me jogo na cama, sem dar importância para as roupas que ainda cheiram a álcool, fecho os olhos e não demoro a adormecer.

[...]

Passo a manhã inteira entre dar aulas e remoer o sentimento estranho que me assolou depois do beijo com Jackson, assim como as lembranças da conversa que tive com John Berryann. Como se não bastasse a ressaca, minha cabeça está cheia de pensamentos desnecessários, os quais teimam em tirar o meu sossego.

Meu amigo de trabalho, como esperado, está agindo normalmente desde que nos encontramos na sala dos professores e sequer cita o que aconteceu ontem.

Pelo jeito, ele realmente entende que não significou nada e prefere manter nossa amizade ao invés de criar uma indisposição entre nós. E eu o agradeço por isso.

206

Quanto a John, nem ao menos nos esbarramos hoje, o que vai mudar logo mais, já que a última aula do dia é na sala do Terceiro A.

– Por hoje é só. Façam os exercícios das páginas cento e oito e cento e nove para a próxima aula, ok?! – oriento, fechando o livro.

Os alunos assentem e o tumulto de final de aula se forma assim que o sinal toca. Organizo os materiais e saio da classe, rumo ao Terceiro A. Reúno todo o ar que consigo e entro, dando de cara com a bagunça de sempre.

Meus olhos vagueiam entre as mesas e para exatamente na penúltima da fileira do meio, onde encontro-o sentado, com a atenção - milagrosamente - voltada para mim.

Sustento seu olhar por um instante, buscando decifrar o que há por trás de sua expressão apática, mas trato de voltar à tona e dar início a aula antes que fique óbvio demais que quero saber o que pensa.

Da mesma maneira que vem acontecendo, a aula corre sem qualquer problema e sem qualquer interrupção de Berryann.

No começo, os alunos acharam incomum a falta dos nossos debates, mas aos poucos foram se conformando e agora comportam-se como se fosse algo normal. Na verdade, acho que cansaram desse bate e volta que é a nossa "relação" e apenas largaram mão.

O sinal do fim do período toca e, inexplicavelmente, sinto-me frustrada. Dou as últimas orientações aos alunos e eles logo saem para ir embora, o que inclui John e seu grupinho de amigos. Ele sequer olha para mim.

Deixo um suspiro irritado escapar e guardo os materiais nas pastas, saindo em direção a sala dos professores nem meio minuto depois, amaldiçoando tudo e todos.

Tal como faço todos os dias depois das aulas, sento na minha mesa e checo os diários. Aproveito para corrigir alguns exercícios e revisar conteúdo. Tudo para que aquele pirralho idiota não domine minha cabeça, embora não saia dela.

207

Olho para o relógio na parede e são quatro horas. Despreguiço e decido ir atrás de café na cantina dos professores, ainda tenho mais alguns papéis para revisar e, já que me dispus a fazer, vou até o fim.

Caminho sem pressa pelo corredor vazio, em busca do meu tão sonhado café quentinho, isso até um puxão interromper meus passos e tudo ficar escuro de repente.

Sinto meu corpo se chocando contra algo e a primeira reação que tenho é gritar, mas mal tenho tempo de abrir a boca e uma mão a cobre, impedindo que eu o faça.

Atordoada, ergo os olhos procurando entender o que acontece e mesmo com a pouca luz, consigo

distinguir perfeitamente o rosto de John próximo ao meu e a confusão de segundos atrás dá lugar instantaneamente à raiva.

Afasto sua mão com um safanão e o fuzilo com o meu melhor olhar assassino.

Mas quem esse pirralho pensa que é para fazer isso comigo?

– Qual é o seu problema? – rosno.

– Sshhhh... – põe o indicador sobre meus lábios, calando-me – Quer que nos ouçam?

Novamente afasto sua mão e o encaro, desacreditada com tamanha cara de pau e segurando a vontade de dar-lhe um chute. Ele continua:

– Não seria muito agradável se encontrassem uma professora e um aluno trancados no armário do zelador, não é?!

– Basta sair da minha frente e isso não vai acontecer. Simples.

Ele não mexe um musculo, apenas sorri e continua perto o suficiente para que sua respiração sopra suavemente contra os meus cabelos e eu possa sentir o seu calor, o que, inevitavelmente, me faz reprimir um suspiro.

Suas orbes escuras não desviam das minhas e, ainda que eu tente ficar impassível, toda essa proximidade está mexendo comigo mais do que deveria, assim como na noite passada. O que me leva a pensar que talvez eu tenha mantido distância justamente por saber que, no momento em

208

que estivéssemos perto um do outro, acabaria sucumbindo ao desejo que sufoquei durante esses últimos dias.

Eu tenho raiva. Raiva por saber que embora esteja explícito que esse envolvimento não vai me levar à lugar algum, eu ainda sou tola o bastante para querê-lo tanto, à ponto de desejar que o mundo se exploda e sentir-me mal por beijar outro homem.

Porém, mesmo que todo o meu corpo grite pelo seu, não vou dar o gostinho de tomar a iniciativa.

Afinal, de certa forma, tudo começou por sua causa.

Então, se ele realmente quer resolver as coisas assim como demonstrou ontem e demonstra agora - apesar de um pouco esquisito -, que dê o primeiro passo.

Se John Berryann me deseja tanto quanto eu o desejo, que desça do seu pedestal de 'aluno de ouro' e me prove isso.

– O que você quer, afinal? – pergunto – Se tinha algo para dizer, poderia ter feito isso na classe e não me "sequestrar" para o armário do zelador. Ou melhor, por que você quer falar comigo? Ele permanece calado e, em uma atitude repentina, desliza os dedos entre as mechas do meu cabelos e ajeita alguns fios atrás da minha orelha. E diz:

– Primeiro, quero pedir desculpas.

Arregalo os olhos rapidamente. Ok, eu não esperava por isso.

John dá mais um passo e estamos à centímetros de distância. Seus dedos contornam minha bochecha e fazem um carinho suave, mantendo meu rosto erguido e nossos olhos conectados. Eu não o afasto.

Não quero admitir, mas preciso desse contato, e tal ato parece agradá-lo, já que um sorrisinho surge em seus lábios.

– Ainda que tenhamos concordado em agir como se nada tivesse acontecido. – ele continua –

Não foi legal o que eu fiz. Admito que agi por impulso, porque fiquei nervoso com as suas mensagens aquele dia e... Bem... Eu queria provar que também poderia estar com outras garotas, assim como você poderia estar com... Ah, você sabe.

209

Espantada com suas palavras, apenas balanço a cabeça, concordando. Nunca me passo pela cabeça que ele realmente chegaria ao ponto de engolir seu orgulho e tomar a iniciativa e, principalmente, pedir desculpas. De fato, foi surpreendente.

Observo-o por um instante. Seus olhos escuros, os quais rondaram a minha mente ao longo dessas duas semanas, vislumbram-me com intensidade.

– E segundo? – indago.

– O que?

– Primeiro, você pediu desculpas. E agora? Se teve um primeiro, terá um segundo. Certo?!

Ele sorri, deixando seus dentes de coelho à mostra, e consente. Sua outra mão pousa em meu rosto e minha respiração acelera de imediato.

Se antes estávamos próximos, agora estamos praticamente grudados, tanto que sinto seu peito pressionando contra os meus seios e seu quadril esfregando no meu.

– E segundo... – sussurra – Eu vou tirar o gosto daquele cara da sua boca.

Arregalo os olhos e por impulso tento ir para trás, mas suas mãos me impedem. Como raios ele sabe que beijei o Jackson?

Encaro-o, tentando encontrar uma resposta que seja, e como se lesse os meus pensamentos, fala:

– Acha que eu não vi? Você o estava beijando no meu ambiente de trabalho. Parece que fez isso só para me provocar. E sabe de uma coisa, professora?! Você conseguiu, porque eu não gostei nem um pouco.

– Estamos quites, não é?! – retruco – Por que eu também vi você beijando aquela garota e não gostei nem um pouco.

Mais uma vez ele sorri, exibindo seus dentes de coelho descarado. Suas mãos guiam meu rosto para próximo do seu, roçando nossas bocas.

– Então, tire o gosto dela e deixe o seu.

210

Seu pedido sedutor é mais do que suficiente para que eu mande tudo para o alto, agarre o colarinho da camisa do seu uniforme e meta a língua dentro da sua boca.

*Que se dane!* Eu o quero da mesma forma que ele me quer e não posso mais fugir disso.

Seu corpo pressiona contra o meu, prendendo-me entre si e o que parece ser uma estante atrás de mim. Suas mãos guiam nossos movimentos e as minhas acariciam os fios ralos de sua nuca.

Nosso beijo é selvagem. Quente, intenso.

Os pequenos estalos que nossas bocas fazem é excitante, assim como os suspiros que bebemos vez ou outra, por sermos incapazes de segurar.

Apesar de ser errado estarmos aos amassos dentro do armário do zelador, o perigo de sermos pegos parece deixar tudo mais gostoso.

Minha mente nubla em sensações e só o que faço é aproveitar dos lábios do garoto que ocupou minha cabeça ao longo dessas semanas e os quais eu estava louca para sentir novamente.

Ofegante, puxo seus cabelos de leve e o afasto. A imagem do seu rosto ruborizado e os lábios inchados é tentadora. Suas pupilas dilatadas e respiração rápida provam que está tão excitado quanto eu. Mas, embora eu queira muito levar isso para algo à mais, tenho consciência de que esse não é o momento e nem o lugar.

– Já é o suficiente, não é, Johnie?!

– Não!

Sem dar brecha para qualquer coisa, enfia a língua de volta em minha boca e arranca-me o ar num beijo possessivo. Suas mãos vagueiam por minhas curvas e encaixa uma de minhas pernas em sua cintura, deixando-me aberta o bastante para sentir seu pau duro, friccionando sobre a minha calcinha molhada.

Gemo, louca de tesão. Ele ondula os quadris e se aperta no centro do meu desejo, enquanto desfruta da minha boca com mais fome do que antes. Minhas mãos desvendam sua pele quente por debaixo da camisa e, uma e outra vez, deslizo as unhas pelas elevações do seu abdômen definido e me embebedo com seus suspiros.

211

*Oh, céus... Isso é tão bom!*

– Professora, vire de costas para mim. – murmura.

Tremo toda com sua voz rouca ao pé do ouvido. Sem qualquer resquício do bom senso que até

alguns minutos atrás ainda tinha, faço o que pede e me apoio na estante, ficando com o traseiro empinado graças aos saltos.

Sinto suas mãos acariciando minhas coxas e subirem a barra da saia que uso, até estar embolada na altura da minha cintura.

Ouçõ o barulho do zíper da sua calça e minha ansiedade vai à mil. Mordo o lábio quando sua mão aperta a carne da minha bunda com força e não consigo segurar um gemido ao sentir seus dedos afastarem minha calcinha para o lado, expondo minha umidade, desejosa por recebê-lo.

– Você está tão molhada. – sussurra, escorregando os dedos em minha fenda, espalhando meu líquido – Ah, você é deliciosa, sabia?!

– Johnie...

Sua glande inchada toma o lugar de seus dedos, deslizando para cima e para baixo, numa provocação malditamente gostosa. Acalorada, empino mais à procura do seu contato, e faço seu pênis entrar em mim, arrancando gemidos de nós dois.

John agarra meus pulsos e os prende contra a estante, deixando-me a sua mercê. Mete o restante de sua dureza, chegando no mais profundo do meu prazer e não demora a começar suas investidas brutas, afundando-se mais e mais em mim.

Fecho os olhos e deixo-me levar, tentando fazer o mínimo de barulho possível, apesar de suas estocadas exigirem meus gemidos mais altos.

A sensação do seu peito em minhas costas, da pressão de seus quadris em minhas nádegas à cada vez que entra e sai, do toque possessivo em meus pulsos.

Tudo é forte, violento e febril.

Ele me causa tantas sensações que eu sequer sei explicar.

212

– Sua bocetinha é tão quente, professora, e me abriga tão bem. Senti tanto a sua falta...

Suas palavras levam-me para a borda. Mordo o lábio com tanta força que não me admiraria

começar a sentir o gosto de sangue.

Estar em uma situação como essa, dentro do apertado armário do zelador, na escola que leciono e com o meu aluno é demais para que eu possa aguentar. Não que eu seja uma pessoa fetichista, mas, definitivamente, essa se tornou uma das minhas maiores fantasias.

– Mais rápido... Mais...

Peço e seus movimentos aceleram.

De novo, de novo e de novo, John me penetra com toda a sua potência e sinto meu baixo-ventre revirar em um orgasmo majestoso.

Abro a boca em busca de ar, torcendo mentalmente para que ninguém esteja escutando os suspiros que teimam em escapar, e não demoro a me derramar com seu pau fincado em mim.

Respiro fundo tentando me acalmar, mas mantenho-me firme, esperando que também atinja o seu ápice. Ele, estocando devagar, passa o dedo na minha vagina encharcada por meu gozo e noto que o leva até a boca e chupa.

– Seu sabor é maravilhoso! – sussurra.

Louca com o que acaba de fazer e querendo que sinta tanto prazer quanto eu, entrelaço nossos dedos e movo os quadris de encontro aos seus para aumentar a sensação do orgasmo que ainda corre por meu corpo e ajudá-lo a se libertar também.

Do jeito que consigo nesse espaço apertado, rebolo em sua grande e grossa ereção, tendo suas mãos firmes agarradas a minha cintura e comandando nossos movimentos, num encontro forte e vigoroso.

Para dentro e para fora... Para dentro e para fora...

Uma... Duas... Dez... Quinze vezes...

– Eu vou gozar.

213

Me afasto com seu aviso, ponho-me de joelhos e agarro seu membro tenso, enfiando na boca.

Começo a chupá-lo com vontade, engolindo o máximo que posso. Ergo o olhar e sua expressão é pura luxúria.

Suas veias engrossam a cada vez mais, denunciando que está próximo, por isso me empenho em dar-lhe o que quer e nem meio minuto se passa e ele aperta minha cabeça, fazendo com que seus jatos acertam minha garganta e um gemido reprimido chegue aos meus ouvidos.

John, tão ofegante quanto eu, ajuda-me a levantar e só então tomo uns segundos para me recompor. Ajeito a calcinha e depois a saia, enquanto observo o garoto a minha frente arrumar o pênis quase flácido dentro da boxer e logo fechar a calça, sem dar-se ao trabalho de endireitar a camisa.

Nos encaramos, sem saber ao certo como agir depois dessa aventura no armário do zelador. Mas, com seu sorrisinho de coelho travesso, me enlaça a cintura e deixa um selar demorado em meus lábios.

– Espero que o meu sabor esteja tão forte quanto o seu está em mim. – diz.

Solto uma risada baixa, pasma com a sua capacidade de mudar o rumo da situação com tanta facilidade, como se não estivéssemos nos odiando até uns minutos atrás. No entanto, dou o braço à torcer pela primeira vez e respondo por fim:

– Pode ter certeza que sim.

– Assim como eu espero que aquele cara não ouse mais encostar em você.

– A única pessoa que sai beijando boca alheia é você, senhor Berryann. Só estou no meu direito, certo?!

– Como você disse, professora, agora estamos quites. Ou seja...

– Desde quando você acha que pode bancar o possessivo comigo?

– Desde que percebi que você é a única que eu quero.

sair pela boca; John sorri e me dá mais um beijo.

– Vou sair primeiro. Espere um pouco e depois saia, ok?!

Me limito a balançar a cabeça e ele sai, largando-me sozinha no armário.guardo mais uns minutinhos e então saio, tomando cuidado para não ser vista. Por sorte o corredor está vazio, o que facilita para que não haja suspeitas.

Ainda quente com a loucura que cometi a minutos atrás no armário do zelador, troco o café por uma Coca-Cola bem gelada, com o intuito de refrescar um pouco que seja o meu corpo e volto para a sala dos professores.

Sento diante a mesa, bebericando o refrigerante e tentando - inutilmente - afastar as imagens do sexo incrível que desfrutei à minutos atrás, quando meu celular vibra sobre a mesa.

De: Coelho Boy

Para: Clara

"Não tenho armário de limpeza em casa, mas podemos terminar na minha cama.

O que acha?"

Solto uma gargalhada ao ler sua mensagem, o que chama a atenção dos outros professores, mas não consigo segurar. Definitivamente, estou me metendo em uma roubada.

215

## ***Capítulo 22***

Dou outro gole no café, esperando que a crise de risadas histéricas de Manuela acabe. Respiro fundo e, pela milésima vez em menos de um minuto, me pergunto porque ainda teimo em abrir a boca para contar-lhe as coisas, mesmo sabendo que reações como essa me esperam.

*Ah, se arrependimento matasse...*

– Você está se saindo melhor do que eu imaginava, Clara. – minha amiga continua rindo e eu apenas suspiro – Armário do zelador?! Wow!

– Do que você está falando, Manuela?! O Sebastian entra aqui pulando a janela do seu quarto.

Acha mesmo que o que eu fiz é estranho, comparado à isso?!

– Mas a louca aqui, sou eu, amiga. Você sempre foi a responsável e certinha.

Volto a bufar e bebo mais do café. Ela continua:

– Além disso, vale ressaltar que você ficou meses enchendo o meu saco, falando que detestava o garoto, reclamando de tudo o que ele fazia, e agora...

– 'Tá bom! Pode parar que eu já entendi, e...

– Ah, não! – interrompe – Preciso falar isso e de boca cheia.

Lanço meu olhar mais amedrontador, ainda que eu saiba que Manuela sequer dará atenção para isso, não quando está tão eufórica como agora.

– Você reclamava de tudo o que ele fazia e agora está aí, cheia de fogo porque o garoto sabe como te pegar de jeito.

– Manuela!

– Clara, toda animada com um aluninho delícia e cheio de hormônios do terceiro ano. Aí caramba, eu não acredito que vivi para ver isso...

216

Constrangida com a falta de vergonha na cara da pessoa que compartilha a casa comigo, viro o restante do café e replico antes que possa soltar mais uma pérola:

– Quer saber?! Eu não sou obrigada a ouvir suas besteiras.

Levanto, deixo a caneca na pia e sigo para o meu quarto. Ouço a risada escandalosa da minha amiga ao fundo e logo seus passos crescendo ao meu encalço.

Respiro fundo, sabendo que essa falação está longe do fim. Só eu mesma para pensar que havia a possibilidade de ela não me seguir ou, pelo menos, ficar quieta.

Abro a porta, fingindo que não tem uma louca na minha cola, e vou direto para o armário. Pego uma calça jeans e minha camiseta do The Strokes.

– Eu não sei por que fica tão brava com as coisas que eu digo. Só estou feliz por você, oras. –

Manuela joga-se sobre a cama e me observa.

– Feliz por mim? E posso saber o motivo e como essa gozação toda com a minha cara é a demonstração disso?

– Primeiro, eu estou feliz porque está se dando bem com o tal John. E segundo, você sabe que esse é o meu jeito de demonstrar que te apoio.

– Maneira estranha de demonstrar, não?!

Rio ao vê-la dar de ombros. Visto as peças que separei rapidamente e prendo os cabelos em um rabo de cavalo. Olho para a minha amiga largada no chão e falo:

– Manu, nós só temos um caso. Sexo por sexo, entende?! Não é como se fossemos um casal.

Então, pare com isso, ok?!

– Será mesmo?

– O que?

– Que é somente sexo por sexo?

– Como assim?

217

– Sabe, eu estive conversando com o Sebastian e nós...

– Você o quê? - elevo um pouco a voz e ela faz uma careta - Manuela!

– Eu estive conversando com o Sebastian e nós estamos muito bem. Obrigada. – abre um sorrisinho descarado – Era isso que eu iria dizer.

– Eu não acredito que você contou à ele que o John e eu estamos transando.

– Ah, pelo amor de Deus, Clara. – revira os olhos – Como se fosse possível o Sebby não desconfiar que vocês estão se amassando sem compromisso. Ele é um dos melhores amigos do garoto e é óbvio que iria saber.

– Mas eu pedi que...

– Não venha dar uma de vítima, porque você também não segurou a língua e contou para mim. –

retruca e fico sem ter o que dizer, afinal, está certa – O importante não é que ninguém saiba e sim que ninguém conte. E, por mim e o Sebastian, o segredo de vocês está guardado. Bom, acredito que com os outros meninos também.

– 'Tá, tá. Que seja. – suspiro – Eu só não quero que metade de Londres saiba.

– Relaxa, amiga. Como diziam os nossos sábios amigos: relaxa e goza.

Balanço a cabeça em negação e deixo o ar sair com força dos meus lábios. Antes fosse tão fácil assim, só relaxar e gozar. A questão é que, se alguém que não for de confiança descobrir e tal coisa chegar aos ouvidos da diretora, estamos acabados.

E ao contrário do fator de risco da nossa transa no armário, esse não é nem um pouco excitante.

É assustador, isso sim.

– Bom, já que tocou no assunto. – prossigo – Vocês conversaram. E?

– Chegamos à conclusão que vocês se gostam.

– Oi? Quem?

– John e você.

218

– Manuelaaaaa...

– E não adianta negar!

– Eu não gosto do John! – rebato.

– Mentirosa! Quanto ao garoto, ainda tenho minhas dúvidas, embora o Sebby diga que está na cara o que ele sente. Mas, quanto à senhorita? Ha! Amiga, você não engana ninguém, eu muito menos.

Respiro fundo uma e outra vez, e não respondo. Simplesmente por não saber o que dizer. Por isso, sem querer dar margem para que o falatório de Manuela continue e para que pense o que não deve, deixo tais pensamentos de lado, assim como a conversa e vou atrás do meu equipamento.

Apanho o capacete e as luvas, as quais coloco de imediato.

– Ué?! Vai andar hoje? – Manuela pergunta, provavelmente atenta ao que faço.

– Sim, vou. É final de semana e não tenho muito trabalho. Preciso aproveitar, já que no próximo sábado começam as aulas do programa diferenciado de estudo para os terceiros anos e, aí sim, eu estaria atolada até a cabeça.

– Ah, tá. Pensei que era uma desculpa para fugir de mim.

– Eu não queria dizer nada, mas já que descobriu...

– Ei!

Sorrio com a falsa expressão de indignação da minha amiga, fazendo-a também sorrir; guardo o celular no bolso com zíper da calça e algumas notas, caso eu precise.

– A propósito, ainda não me respondeu. Você gosta dele ou não?

– Honestamente, pense o que quiser.

Minha amiga bufa e dá-se por vencida. Sabe que não adianta insistir.

– Já decidiu se vai participar do campeonato? – pergunta, mudando de assunto.

219

– Sinceramente, eu ainda não sei.

– Acho que deveria participar.

– Estou fora de forma, Manu. Uma coisa são manobras, outra são saltos e uma pista de terra cheia de obstáculos.

– Você não ganhou aqueles prêmios na época em que estávamos na Espanha por nada. Sério, eu acho que deveria tentar. Você é boa, amiga.

– Bom, vou pensar.

Manuela consente e súbito dá um salto da cama. Ponho o capacete na cabeça e regulo as tiras para que não fique frouxo. Como não uso á semanas, melhor garantir.

Saio do quarto seguida por minha amiga e despeço-me, caminhando em seguida para a área dos

fundos, onde deixo guardada minha BMX cromada. Calço o par de Vans pretos e então carrego a bicicleta até o portão.

Coloco os fones de ouvido, aperto o play e saio pedalando rua à fora ao som de 'Bad Habit' da banda The Kooks.

*"Baby, got her head down*

*Baby, got her head down to the ground*

*Looking for a stranger*

*Looking for a stranger to love*

*You got to dot your I's and cross your t's*

*You gotta let go, come with me*

*Looking for a stranger*

*Looking for a stranger to love"*

220

Vou sem pressa pela ciclovia, curtindo a música e observando as pessoas na rua. Ainda é cedo, mas há uma movimentação relativamente grande para esta hora da manhã, ainda mais por ser um sábado. Porém, este é só mais um dos aspectos que me surpreenderam quando cheguei a Londres e que agora parece-me comum.

Pedalo por mais alguns minutos e logo estou na pista de skate que costumo vir para treinar e descobri por pura sorte, quando nem mesmo tinha comprado a nova BMX ou sequer cogitado a hipótese de voltar a praticar, já que tinha resolvido parar por conta do novo emprego e por ter vendido minha antiga bicicleta antes de mudar.

Entrei nas competições de BMX à anos atrás, aos dezoito, por simples diversão - e escondida dos meus pais, diga-se de passagem. No entanto, aos poucos fui evoluindo e as manobras já não me satisfaziam, foi quando me aventurei nas corridas.

Embora o estudo, o trabalho e outras questões tenham me levado a viajar e morar em diferentes

países, não desisti de disputar e foi na época em que morei na Espanha que ganhei alguns prêmios nos campeonatos.

Foi a fase em que cheguei mais perto de desistir de tudo e viver apenas competindo.

*Ah, bons tempos aqueles...*

Observo a área por um instante. Não há muita gente, o que é bom. Prendo a fivela do capacete, verifico se as luvas estão bem presas e dou uma volta para reconhecer o espaço e os obstáculos. Apesar de frequentar essa pista, não abro mão de fazer isso, para ter certeza de que tudo está bem. Embalada por 'Still Waiting' do Sum 41, faço uma curva para conseguir velocidade e fazer a primeira manobra. Pedalo o mais rápido que consigo, subo a rampa e salto o corrimão com um Rail Hop.

O pneu traseiro bate no asfalto um pouco errado, mas mantenho o equilíbrio e vou para o próximo obstáculo, uma escadaria. Dou um salto e giro o guidão, fazendo com que a roda da frente também gire no ar.

221

Entusiasmada com à tempos não fico, me dedico a saltar e manobrar a bicicleta por todo o espaço. Mando todos os movimentos que lembro e, antes que eu perceba, a pista que estava vazia agora está lotada de adolescentes e a maioria me observa. Não sei se acho isso bom ou ruim. Ofegante graças ao esforço, decido parar e descansar um pouco. Apesar de ser uma ótima maneira de acabar com o estresse, ficar pulando que nem uma louca é cansativo, principalmente por que não tenho praticado com tanta frequência como antigamente.

Compro uma garrafa de água em uma barraquinha, largo a bicicleta no chão e sento no banco próximo a pista. Dou um gole largo na água geladinha e mato a minha sede. Resgato o celular do bolso da calça e arregalo os olhos ao perceber que estou à mais de três horas nessa brincadeira. Não é à toa que sinto-me exausta.

Fico observando o pessoal fazer manobras enquanto bebo água, mas os meus pensamentos logo

vagam para longe e recaem sobre o garoto que os tem dominado nos últimos meses. A conversa que tive com Manuela também vem à cabeça e um suspiro longo e profundo me escapa.

Ainda que eu negue, estou ciente de que um sentimento maior por aquele garoto tem ocupado o meu coração, por mais que eu lute contra e queira provar a mim mesma que não passa de uma atração passageira e que logo desaparecerá.

A verdade é que John está enraizado em mim como nenhum outro esteve durante esses três anos e talvez mais forte do que posso imaginar.

– Professora Clara?

Desperto dos meus devaneios e ergo o rosto, deparando com Matthew parado bem a minha frente, com uma expressão curiosa e ao mesmo tempo intrigada.

– Oh! Olá, Matthew. Tudo bem?

– Sim. – sorri – O que está fazendo aqui? A propósito, me chame somente de Matt. Ninguém fala o meu nome inteiro por aqui.

Dou risada e consinto. Que mal há, não é?!

– Ok, Matt. Então, eu estava andando. – aponto para a bicicleta – E fazendo algumas manobras.

222

– Essa BMX é sua? – ele parece realmente espantado – Wow! Que incrível! Eu não podia imaginar que tinha um hobby assim.

Dou de ombros e sorrio. Ele não é o primeiro que fica impressionado ao descobrir que pratico esse tipo de esporte.

– E você, o que faz aqui? – questiono.

– Estava ensaiando com alguns amigos. Nos reunimos aqui todos os sábados para dançar e as vezes até descolamos uma grana com nossas apresentações.

– Sério? Que legal!

– Sim, sim. Uma pena que as aulas especiais começam no próximo sábado. Terei que ficar um

tempo sem vir aqui.

– Bom, pelo menos uma coisa eu já sei. Se, por algum acaso o senhor faltar, devo vir caçá-lo aqui.

Matt solta uma risada e acabo por rir junto.

– Está indo embora? – indago.

– Para falar a verdade, quero encontrar um lugar bom para comer. Depois de tanto dançar, estou morrendo de fome.

– Sinceramente, também estou morrendo de fome. – levanto e pego a bicicleta do chão – Conheço um ótimo restaurante aqui perto. Vamos, te convido para almoçar.

– Não se preocupe, professora. Eu...

– Pare com isso, Matt. – dou-lhe um peteleco – Vamos logo.

Visivelmente envergonhado, o garoto consente e caminhamos para fora da pista, em direção ao restaurante que fica à alguns metros daqui.

Não demoramos a chegar e nos acomodamos assim que estaciono a bicicleta próximo a porta do estabelecimento. Nos sentamos ao lado da vidraça e pedimos duas porções de hambúrgueres com

223

batata frita, que são servidas com uma rapidez que surpreende não só a mim, como ao meu aluno também.

Esquecendo que somos professora e aluno, Matt e eu conversamos animadamente sobre vários assuntos enquanto nos empanturramos de comida e sofremos com a picância do prato, que nos faz rir vez ou outra devido as caretas que soltamos.

Conto sobre a minha paixão por bicicletas BMX e o garoto só falta me reverenciar quando digo que participei de campeonatos e ganhei prêmios.

Ele, por sua vez, fala sobre a sua paixão pela dança e, tenho que admitir, é muito bonito ouvi-lo contar com tanto amor sobre as suas apresentações e o sonho de ser um grande coreógrafo.

– Ei, professora.

– O que?

– Tem um pouco de molho na sua bochecha.

– Onde? – passo a mão, tentando limpar e ele sorri.

– Aí não. Aqui. – aponta para a própria bochecha.

Tento limpar mais uma vez, sem sucesso.

– Posso? – pergunta, segurando um guardanapo.

Consinto e o garoto limpa o molho que não consegui. Mesmo que seja uma atitude normal e sem qualquer intenção, vejo o rosto do meu aluno ficar parcialmente corado e isso me faz rir. Nunca pensei que poderia ser tão tímido, levando em consideração que adora fazer uma gracinha junto com seu amigo Andrew na sala de aula.

– Obrigada! – agradeço.

Ele sorri, as bochechas um pouco coradas. Rio outra vez, fazendo-o rir também. Nós nos observamos por um instante e não me contenho em comentar.

– Desculpe, mas não pensei que fosse tão tímido.

224

– Pode parecer estranho, mas eu sou.

– Não se preocupe. Todos somos um pouco, não é?!

Matt consente e sorri.

Continuamos nossa conversa e meia hora depois, quando terminamos de tomar o sorvete que decidimos comprar como sobremesa, nos despedimos e tomamos caminhos diferentes.

Até que foi divertido passar a tarde com ele.

[...]

O final de semana, como sempre, termina mais rápido do que eu queria e mais um dia de trabalho começa. Chego ao colégio meia hora antes do sinal da primeira aula tocar e vou direto

para a sala dos professores.

Alguns alunos circulam pelos corredores, o que não é incomum já que muitos chegam cedo para fazer trabalhos ou fugir do trânsito.

Porém, alguns olhares estranhos e cochichos chamam a minha atenção e deixa-me levemente incomodada. Tento não dar importância e seguir o meu rumo, mas a cada passo que dou e aluno que encontro, mais a sensação de que algo está errado revira em meu peito.

Abro a porta da sala dos professores e, imediatamente, todos olham para mim. Sem exceções.

Um pouco constrangida por ser o centro das atenções e sequer saber o porquê, caminho para a minha mesa e deixo a bolsa. E antes que eu possa sentar, Jackson surge ao meu lado com uma expressão que não sei distinguir e diz:

– A diretora quer falar com você. Pediu que fosse a sala dela.

– Ah, tudo bem.

Não perco tempo e vou direto para a sala da chefia, sentindo um frio esquisito na barriga. Bato na porta duas vezes e escuto um "entre".

Uma vez dentro da sala, me aproximo da mesa onde Charlotte está sentada e ela ergue a cabeça para me encarar.

225

– O professor Jackson avisou que precisava falar comigo. Aconteceu alguma coisa? – pergunto.

Sem soltar uma palavra, a diretora abre a gaveta ao seu lado e retira algo. Ela estende o braço em minha direção num movimento brusco e me observa irritada.

– Professora Clara, você pode me explicar o que é isso?

Sem entender, pego o que aparenta ser uma foto de sua mão e quase caio para trás ao ver

Matthew e eu sorrindo dentro do restaurante que almoçamos juntos, enquanto ele toca o meu rosto.

Alarmada, arregalo os olhos e encaro a diretora, que continua com sua expressão nada amistosa

para mim. Não foi nada de mais, apenas um almoço, e tanto eu quanto ele sabemos disso.

Porém, explicar esse mal-entendido para a mulher que praticamente me fuzila com o olhar não será nada fácil.

226

### ***Capítulo 23***

O silêncio é absoluto.

A atmosfera é tão densa que pode ser cortada com uma faca.

Observo a foto por mais alguns segundos e suspiro. Não é à toa que os alunos tenham cochichado nos corredores e os professores me encarado daquela maneira.

Para qualquer um que veja e não saiba o que verdadeiramente aconteceu, essa imagem parece sugestiva. Sugestiva até demais.

Afinal, quem raios tirou essa porcaria de foto? E com qual finalidade? Se foi para causar um reboliço e me ferrar, consegui. Porque estou em uma situação, no mínimo, constrangedora e à um passo de ficar desempregada graças à um mal-entendido.

Quem diria que minha divertida tarde de sábado terminaria assim.

Respiro fundo, tentando processar o que acontece e dou mais uma olhada na bendita foto. Bom, poderia ser pior, não é?! Se ao invés de ser com Matthew num restaurante, fosse uma foto minha com John no armário do zelador, além de ficar sem emprego, com certeza eu estaria sendo encaminhada para uma delegacia nesse exato momento e talvez processada por abusar de um adolescente.

*Pois é. Poderia ser beeeeeem pior.*

– E então? O que tem a dizer? – Charlotte replica, cheia de cinismo.

Deixo o ar sair com força por não poder rebater o seu despeito já que é minha chefe e me limito a amaldiçoar mentalmente suas futuras gerações.

Consciente de que não tenho nada a esconder - pelo menos em relação a esse aluno - deixo a foto

sobre as pastas diante si e, tomando uma postura firme, digo:

– Eu não sei como essa foto chegou a senhora, diretora, e de fato não me interessa. O que eu tenho a dizer é que está enganada sobre o meu comportamento com o aluno Matthew Ulric.

227

Fomos apenas almoçar juntos, já que por coincidência nos encontramos onde ambos costumamos ir nos finais de semana. Bom, ele é meu aluno e sou a responsável por sua turma, que mal há?

– A questão, professora Clara, é que esta foto mostra mais do que um almoço entre responsável da turma e aluno. – aponta para o papel jogado.

– Embora parece algo comprometedor, diretora, digo com total convicção que não é o que parece. O Matthew só me ajudou porquê eu estava com a bochecha suja e ele se dispôs a me ajudar.

Talvez aqui na Inglaterra isso seja visto como algo além de uma boa ação, mas no meu país, é algo totalmente normal e sem qualquer intenção.

– Acontece, senhorita Clara, que você não está no seu país e precisa entender que seus costumes não são os mesmos que os nossos. Isso significa que, indiferente se houve alguma intenção ou não, essa atitude não é bem vista aqui.

Desacreditada com o tamanho do seu desrespeito e louca para responder como merece, observo-a por um instante e prefiro morder a língua do que soltar o que não devo. Afinal e infelizmente, ela ainda é minha chefe, e se eu não perder o emprego por conta dessa droga de foto, vou perder por ser desbocada.

Conto mentalmente até dez e mantenho a postura. Se ela acha que pode me intimidar por ser a diretora, está muito enganada. Eu sei que lhe devo respeito por, não apenas ser sua funcionária, como estar em seu país.

Contudo, a última coisa que deixarei é que passe dos limites, o que, sinceramente, ela está à um passo de fazer.

Com toda a minha cara de pau e talento para atriz que sequer sabia que tinha, me aproximo de

sua mesa. Eu preciso resolver essa situação e imediatamente, nem que seja bancando a santa do pau oco.

Sem tirar os olhos de mim, levanta e se põe na mesma altura que eu, e não me acanho a devolver seu olhar irritadiço.

– O que pretende insinuar com isso, diretora Charlotte? Que talvez eu tenha um caso com Matthew Ulric?

228

– É o que parece. Ou não?

– Pelo amor de Deus! Ele é meu aluno, ainda por cima um garoto que tem idade para ser o meu irmão mais novo.

Como se fosse a pessoa mais livre de pecados do mundo e ciente da minha falta de vergonha, permaneço com a expressão indignada e prossigo:

– Ele é uma criança perto de mim. Além disso, eu sei muito bem quais são os meus deveres como professora, assim como sei a ética da minha profissão e, com certeza, me envolver intimamente com um aluno está incluso nela.

Tomo fôlego e a encaro. Seu olhar mantém-se duro, impassível.

– Nunca lhe dei motivos para duvidar da minha índole, bem como da minha capacidade como professora. A senhora nunca teve uma reclamação minha e o nível das minhas turmas são altos. Então, diretora Charlotte, eu lhe peço que não haja dessa maneira e muito menos me acuse de algo que, sem sombra de dúvida, sou incapaz de fazer.

Rezando para que um raio não caia na minha cabeça por eu mentir tão descaradamente, paro de falar e o silêncio toma conta da sala. Ela me observa e não sei distinguir se isso é bom ou ruim, visto que seu semblante continua o amargo de sempre.

Ficamos desta forma por mais alguns minutos e, sentindo que não sairemos desse clima tão cedo caso eu não tome uma atitude, me apresso em dizer:

– Eu teria feito isso por qualquer aluno, diretora. Além do mais, Matthew é um bom garoto e só aceitou me acompanhar no almoço por gentileza, bem como só agiu daquela forma pelo mesmo motivo. Ele não tem que sofrer por um mal-entendido.

De fato, isso é verdade. Ele só aceitou porquê eu convidei e agora está pagando simplesmente por ser gentil. Definitivamente, não é justo.

A diretora me olha, olha e olha.

229

Sei que não estou na melhor das posições, ainda por cima porque estou mentindo na maior cara dura, mas esse comportamento cheio de arrogância da minha chefe está me tirando do sério, talvez mais do que essa confusão criada por algum imbecil que não tinha mais o que fazer.

– Se os pais do senhor Ulric se sentiram ofendidos, me prontifico para conversar com eles. Caso a senhora queira, eu posso...

– Não, tudo bem. – interrompe – Não creio que será necessário.

– Tem certeza?

– Tenho.

Ela solta um suspiro longo e, por fim, desvia o olhar. Pega a foto jogada sobre as pastas, dá uma olhada e guarda na gaveta da mesa, soltando outro suspiro.

Permaneço parada e calada, observando o que faz, mas não demora para sua atenção estar sobre mim e aquela sensação incomoda pairar no ar novamente.

– Eu acredito em você, professora Clara. – dita e me esforço para não deixar óbvia a minha surpresa – Sei que não faria algo como se envolver com um aluno.

Encaro-a atentamente, tentando demonstrar minha honestidade, mas sinto a culpa pesar em meus ombros como se fosse uma pedra.

*Ah, se ela soubesse...*

Se soubesse que o 'aluno de ouro' do Terceiro A me fodeu no armário do zelador e que, com ele

sim, eu tenho um caso, não estaria calma e muito menos dizendo que acredita em mim. No mínimo, estaria me expulsando daqui à ponta pés.

*Ah, se ela soubesse...*

– Eu só precisava de uma explicação, afinal, é realmente uma foto um tanto sugestiva e causou desconforto tanto nos alunos quanto nos professores.

230

– Entendo perfeitamente. – vislumbro meus dedos cruzados uns segundos, mas incapaz de segurar a curiosidade, pergunto – Mas, diga-me, como essa foto chegou até a senhora? E como os professores e alunos ficaram sabendo?

– Aparentemente, todos receberam por mensagem. Foi no sábado à noite.

Arregalo os olhos, pasma. Puta merda! Se todos receberam, significa que o responsável está dentro do colégio? Mas, por que alguém se disporia à fazer tal coisa?

Espera! Se todos, absolutamente todos receberam, quer dizer que...

– Não se preocupe, eu vou resolver a situação. – ela diz, provavelmente impulsionada por meu espanto – Quanto ao aluno Ulric, vou chamá-lo para conversar, só para orientá-lo de que não deve fazer esse tipo de coisa que comprometa sua imagem como aluno e a sua professora.

– Tudo bem, diretora. Muito obrigada!

Trocamos mais algumas palavras e não demora para ouvirmos o sinal tocar, anunciando o início das aulas.

– Bom, já que estamos resolvidas, vamos até a sala dos professores. Preciso falar com eles.

Consinto e tomamos o caminho para a sala dos professores. Não falamos, apenas seguimos uma ao lado da outra, enquanto os cochichos e olhares dos alunos ainda presentes nos corredores nos acompanham. O que me faz entender que não é apenas no Brasil que o pessoal gosta de uma fofoca.

Porém, ainda que seja – no mínimo – inconveniente, a única que coisa se passa na minha cabeça

é que certo coelhinho de olhos escuros deve estar com sete pedras nas mãos, pronto para me atacar, e tudo por causa desse mal-entendido.

Porque, como se já não bastasse quase ter perdido o emprego e ser obrigada a lidar com o falatório de todo o colégio e os olhares tortos dos professores até que a poeira baixe, terei que lidar com ego insolente do garoto e seu orgulho "ferido" e, com certeza, mais uma de nossas discussões colossais.

Era só que faltava mesmo.

231

Dentro da sala dos professores, sendo o centro das atenções juntamente com a diretora, ouço-a explicar que tudo não passou de um engano e que o assunto deve ser dado como encerrado.

Porém, lá no fundo, sei que essa história ainda vai dar o que falar. Se depender dos comentários alheios, não duvido serei o assunto do colégio por boas semanas.

Olho de relance para Jackson e aquela expressão acusativa de outrora não existe mais em seu rosto. Muito pelo contrário. Agora é a culpa que lhe consome. E ainda que eu não dê importância e nem esteja disposta a isso, sinto que procura uma brecha para desculpar-se por agir de forma tão grosseira comigo.

Esse é outro que eu não consigo entender. Vive dizendo ser adulto, que sabe diferenciar as coisas, mas, na primeira oportunidade, demonstra exatamente o oposto.

Jackson é um bom homem e chateia-me não poder corresponder os seus sentimentos, mas, mesmo que eu não queira magoá-lo e manter sua amizade, talvez seja melhor deixar claro de uma vez por todas que seremos apenas amigos.

Companheiros de trabalho e somente isso.

– Já que todos estão cientes, podem voltar as suas obrigações. – a diretora dá a conversa por terminada – Por favor, professora Sophia, como sua primeira aula é no Terceiro A, peça para o aluno Matthew Ulric descer e ir até a minha sala.

A mulher concorda e, enfim, nos dispersamos. Sem um pingo de vontade de explicar aos demais o que realmente aconteceu e menos ainda de escutar as prováveis desculpas de Jackson, pego os materiais sobre a mesa e saio da sala, direto para o primeiro andar.

O dia vai ser cheio de murmúrios e olhares estranhos, então quanto mais calma eu estiver, melhor. Principalmente porque ainda vou enfrentar o "olho do furacão", o furacão chamado John Berryann, e, levando em consideração que ele não se pronunciou desde que recebeu a tal foto, só posso pensar que paciência é o que eu mais vou precisar para lidar com ele.

Sinceramente, eu espero que eu tenha até lá.

232

Entro na sala do Primeiro C e, como presumi, todos olham para mim e os burburinhos logo começam. Porém, não me deixo abater. Respiro fundo e sigo para minha mesa, e começo a aula como todos os dias.

O período da manhã segue da mesma maneira: olhares e cochichos. Faço o máximo que posso para ignorar e fazer o meu trabalho, mas a cada novo risinho e sussurro, meu autocontrole - que já não é dos melhores - vai esvaindo e só que mantem a minha boca calada é o pouco do bom senso que ainda me resta.

No intervalo, reclusa em uma mesa afastada, tomo dois copos de café e devoro um pão doce como se fosse a cabeça de alguém.

O plano inicial de ficar calma foi por água abaixo. Minhas bochechas estão quentes e não duvido que possam ver o quão vermelhas estão à quilômetros de distância.

Oh, céus, o que eu fiz para merecer isso?

Se fosse por terem descoberto meu caso com John, eu até entenderia. Mas, por um mal-entendido envolvendo o pobre do Matt?!

– Mas que porra você está pensando, Clara? Desde quando seria melhor terem descoberto o seu caso com o John? – sussurro em português, indignada comigo mesma – Pelo amor de Deus,

mulher, pare de ser burra!

Bebo o que resto do café e volto a encarar o pátio dos alunos, até que uma voz conhecida soa ao meu lado.

– Falando sozinha?

Ergo o olhar e deparo com Jackson parado bem a minha frente. Suspiro. Será que é tão difícil entender que quero ficar sozinha? Me excluir numa mesa distante não foi prova o bastante?

– Podemos conversar? – pergunta.

Encaro meu colega por um instante. Sua face coberta por arrependimento, este que estou tão familiarizada por outras situações, e que agora se faz presente mais uma vez.

233

– Desculpe, Jackson, mas não. – digo, sem querer ser mau educada.

– Por favor, Clara.

– Este não é o melhor momento e, bem, não estou com cabeça para isso.

Ouço o sinal do fim do intervalo tocar e agradeço mentalmente, pelo menos assim ele não terá como insistir, já que também precisa voltar ao trabalho.

Sem dizer qualquer outra coisa ou dar-lhe chance para tal, levanto e caminho apressada para a sala dos professores. Ajeito os materiais para a próxima aula e assim que pego o cronograma, perco o ar ao ver que o Terceiro A me espera.

Oh, céus, como pude esquecer que daria aula hoje para essa turma?

Bom, com a mente cheia e sem um pingão de paciência, não me admira ter esquecido.

Respiro fundo uma e outra vez, reunindo toda a segurança que posso, e saio em direção ao inevitável. O baque dos meus saltos cresce a cada degrau que subo e ecoam com mais força no corredor quase vazio do terceiro andar.

Observo a porta do Terceiro A por uns segundos e, ciente de que não posso recuar, abro-a e entro com a postura mais rígida que o normal.

Mantenho o olhar para a frente, mas sinto que todos me observam, especialmente o par de olhos escuros e intensos, que parecem queimar minhas costas.

– Abram os livros na página do exercício que fizemos aula passada - falo.

Ouçoo o barulhinho das folhas, mas permaneço virada, olhando meu diário de classe como se fosse a coisa mais interessante do mundo.

*Por que estou tão nervosa?*

Céus, eu não tenho motivos para estar assim, certo?! Quer dizer, não devo satisfações aquele garoto, assim como ele não...

Aaaaahhh... Foda-se!

234

Eu estou nervosa sim e tenho certeza de que ele está, no mínimo, chateado com toda essa história.

Ainda que eu não queira admitir, sei que já passamos a fase da negação.

*Definitivamente!*

Pela centésima vez, respiro fundo e tomo coragem o suficiente para virar e fazer o meu trabalho.

Ao invés do garoto que vive nos meus pensamentos e é o motivo de todo o meu nervosismo, olho discretamente para Matt e reparo que me observa.

Dou-lhe um sorriso cúmplice, tentando mostrar que está tudo bem e sou retribuída, ainda que seu sorriso expresse que está incomodado com o que aconteceu.

E como não estaria?

– Vamos começar?!

Durante os minutos, tento não dar atenção para John, mesmo sentindo seu olhar perfurar minha carne.

Empenho-me para fazer o meu trabalho da melhor maneira possível, bem como ignorar alguns comentários que vez ou outra chegam aos meus ouvidos.

– Alguém tem alguma dúvida? – pergunto.

Uma aluna levanta o braço e peço que fale.

– É verdade que você e o Matthew tem um caso?

Arregalo os olhos e a sala vira um caos. Mas que porra de pergunta é essa?

Instintivamente procuro por John, este que também está surpreso com a cara de pau da menina, mas que não demora a cravar suas orbes escuras em meu rosto.

Sustento o pequeno gesto que nos une por uns segundos, incerta sobre o que realmente quer transparecer. Contudo, sem conseguir me conter, bato o livro com força na mesa, travo um grito raivoso na garganta e indago:

– O que disse?

235

– É o que estão dizendo. A propósito, aquela foto...

– Escute aqui. – interrompo, fora de mim – Primeiro: esse não é um assunto que deve ser trazido à sala de aula e muito menos tem relação com a matéria. Segundo: quero deixar bem claro, não só para a senhorita como para todos que estão aqui, que essa foto não passo de um mal-entendido.

O senhor Ulric e eu não temos absolutamente nada, à não ser nossa relação professora e aluno.

Ouviram bem?!

A classe fica em silêncio e vejo como estão espantados com a minha pequena explosão, principalmente a causadora de todo o alarde.

Até mesmo John, que observa atentamente minhas bochechas ardentes e deixa-me ainda mais nervosa, por simplesmente não fazer ideia do que esteja passando por sua cabeça.

Como eu detesto essa sua expressão apática!

– Se a senhorita não tem nada de relevante para perguntar e que esteja relacionado a matéria, por favor, fique quieta.

O silêncio reina como se não houvesse uma alma viva dentro da sala. Encaro a todos por mais alguns segundos e, soltando o ar com força, pego novamente o livro e retomo de onde parei.

Consgo explicar a matéria sem contratempos, feliz por ninguém ter aberto a boca para falar besteiras de novo.

Nos minutos que restam de aula, proponho que respondam o pequeno questionário no final da página e tomo o tempo em que fazem a atividade para descansar.

Da mesma forma que há minutos atrás, não se ouve uma mosca. Pelo jeito, meus quase gritos serviram para alguma coisa.

Enquanto espero que terminem, leio as anotações do diário de classe, mas, com a cabeça cheia de pensamentos e o peito repleto de um nervosismo que não sinto à anos, busco sorratamente por John e sobressalto ao notar que me observa.

Seus olhos profundamente escuros derramam-se sobre mim e trazem aquele conhecido rebuliço em meu estômago, tanto de inquietação como de desejo.

236

Permanecemos assim por segundos, encarando um ao outro, dizendo o que palavras são incapazes de expressar. Até que vejo-o pegar disfarçadamente o celular, digitar algo e logo o aparelho vibra no bolso da minha saia.

Respiro fundo, preparando-me para seu ataque, e então abro a mensagem.

De: Coelho Boy

Para: Clara

"Eu já disse o quanto te acho sexy quando está irritada?"

A propósito, está me devendo um almoço"

Boquiaberta com sua atitude um tanto contraditória, encaro-o outra vez, mas ao ganhar seu sorriso de coelhinho atrevido, não aguento e acabo por sorrir também.

Definitivamente, esse garoto não para de me surpreender.

237

**Leia os primeiro trechos de "Inevitável" - 2º Livro da Série Irresistível**

O sinal do último período toca e, finalmente, posso respirar aliviada. Embora incidentes como aquele do Terceiro A não tenham se repetido, suportar os cochichos durante as trocas de aulas e enquanto ministrava a matéria foi realmente um saco.

Mas com o resquício de paciência que ainda não sei de onde tirei, consegui terminar o dia de trabalho sem surtar e causar mais alarde do que já causei - ainda que sem querer - com essa porcaria de mal-entendido.

Mesmo recebendo alguns olhares censuradores, despeço-me como geralmente faço e começo a guardar meus pertences quando todos saem. O segundo sinal toca e me apresso para descer até a sala dos professores.

Separo os diários que preciso entregar e saio, deparando com alguns alunos no corredor, os que normalmente ficam para as atividades dos clubes.

Sigo meu caminho sem dar muita atenção para o que acontece ao redor, mas, assim que John surge no final do corredor com seus amigos - incluindo Matt - provavelmente vindos do refeitório, é impossível ficar alheia. E, inevitavelmente, minha atenção é toda sua. Bem como sei que a sua é toda minha.

*Seus olhos negros não negam.*

Fingindo não dar importância e reprimindo todas as sensações que me causa, continuo andando, pronta para cumprimentá-los antes de passar reto em direção a sala dos professores e assim o faço. Porém, ao cruzar com ele, sinto seu aperto fraco em minha mão e ouço-o sussurrar "*Minha casa. Hoje*". Meu coração vai à mil.